

1928 - 14
10

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE
LETRAS

ANO: 1928 – ANO: VII - Nº 14

REVISTA DO CENTRO MATTOGROSSENSE DE LETRAS

ANNO VII

JULHO A DEZEMBRO DE 1928

NUMERO XIV

Publicação



Semestral

SUMMARIO

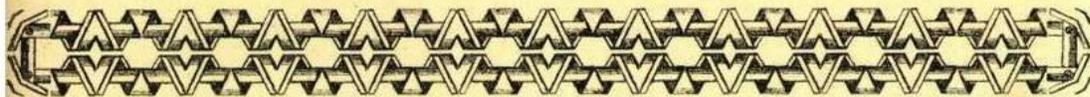
- Recepção de D. Aquino Corrêa na Academia—*Discurso do Acadêmico Ataulpho de Paiva*
O assalto do castello e o barão normando — poesia — *Augusto Covalcanti*
Magdalena—Ruth—sonetos—*D. Aquino Corrêa*
Rythmos novos—poesias—*José de Mesquita*
A Chimbuveira—Passeio matinal—A queimada—Outono—poesias—*Lamartine Mendes*
Homem—Horas—poesias *Allyrio de Figueiredo*
Um discípulo de D. Aquino—*V. Corrêa Filho*
Tio Leandro—conto—*Cesario Prado*
O corvo—soneto—*Franklin Cassiano*
O Cururú—poesia *Vandoni de Barros*
Carta—Velhas cartas—Tropical—Ansia eterna—sonetos—*Castro Brasil*
Na pista de Rocinante *Cesario Neto*
Mistura inconveniente—*Severino de Queiróz*
A Rosa—*Campos Widal*
Paginas dos mestres:
 Burity Perdido—*Afonso Arinos*
Paginas contemporaneas:
 Hontem - hoje - amanha—*Cesario Prado*
Paginas esquecidas:
 Sonetos—*Pedro Trouy*
Paginas dos novos:
 Idolo partido—*Tarcisio Prado de Azambuja*
Bibliographia
Publicações recebidas

RECEPÇÃO DE D. AQUINO CORRÊA

NA

Academia Brasileira

Discurso do Academico Ataulpho de Paiva



Monsenhor.

Em seu labor fecundo e interminado, a Academia, instituída e formada para recolher e exaltar os mágicos triunfos do talento, jamais foi buscar em plaga tão occidental e, raro, em sítio tão distante, para compôr integral e harmonicamente o seu quadro orgânico, um gentilhomen das letras, figura assim de genuíno literato. Pertinaz nos seus anseios de perfectibilidade, inflexível no seu empenho de premiar, incentivando, as demonstrações soberanas do cultivo da língua e da literatura nacional, compraz-se a Academia em vencer as mais largas distâncias e attrahir ao seu seio, quente de entusiasmo e satisfeito de glória, como neste momento, o patricio illustre que, numa hora de tamanha elevação espiritual, a enche de verdadeiro encanto.

A ditosa terra do recipiendario não é hoje um « fim do mundo » que o bravo viajor só atingir possa depois de vencidos mil obstáculos, quiçá outros tantos perigos. Para aquellas regiões já vimos, com os nossos olhos, alçar o vôo, mansa e magestosamente, pondo á prova a audácia e a resistencia humana, a aguia moderna, que, rumorosa, atravessa nuvens e supporta tempestades, a devorar kilometros por minuto, num deslizar vertiginoso, em que aproxima povos e activa os sentimentos do amor.

A viatura alifera pôde vencer em horas o percurso que medeia entre o coração patrio que nos agazalha, e a metropole provinciana, assente no maravilhoso e sobranceiro palmar dessa linda terra, « terra noiva do Sol ». Matto-Grosso, cuja configuração se assemelha á do proprio paiz, de que é porção inseparavel e guarda de extensa fronteira, offerecendo das suas fartas e úberes entranhas o ouro, colhido outro'ra á flux, o diamante e mais gemmas, essencias da matta e outras preciosas especies da flora, é reservatorio colossal de precioso e incalculavel valor.

Riquezas tão copiosas pela Natureza enthesouradas em uma região, onde prodiga tambem ella foi na distribuição dos cursos de agua, agigantados aqui e ali, e nas formidaveis estagnações, que

pompeiam a espaços a portentosa Victoria regia, eram como um indice seguro de que o solo abençoado, sob que jaziam, possuia condições para ser o imponente scenario, em que veria a luz um espirito fadado a altos destinos.

Milhares e milhares de leguas de nosso vastissimo interior são por certo, motivo de justo orgulho para quantos se delicias com a idéa de grandeza territorial da patria amada. Ai, porem, de quem precise communicar-se com os nossos dilatados sertões! Sulcados por innumerous caudales, que o barco, raro, corta, e cheios ainda de florestas quasi inextricaveis, têm elles, á parte a doce e suave poesia que estas trescalam na sua robustez virginal, um viver de modorra e de quasi esquecimento do mundo.

Até onde chega a locomotiva, parece haver um fremito de animação e uma aura assecuratoria dos proveitos da civilização. Mas—para que illudir-nos? — o correio é tardonho; as estradas, uma via sacra, o telegrapho, soberbo na sua discreção, mingua as noticias; e ninguem é capaz de dissuadir o sertanejo, tístico mas perverso, espelho da raça, de um proposito de viagem pelo matto a dentro. Embrenhando-se pela floresta, atravessando, intrepido, grandes aguas, galgando encostas, pousando, indifferente, em abrigo ou ao relento, elle só se detem no termo da jornada. E, si este demora num gasalioso, ameno e culto Senhor Bom Jesus de Cuyabá, bastas reflexões hão de acudir-lhe á mente, ao considerar, não sem largo e pesaroso suspiro, quão longe está, na realidade, mesmo com os prodigios do aereoplano, o termino feliz dessas rudes derrotas ao longo de selvas bravias e remotas.

A bôa e civilizada gente do grande Estado occidental, só ha pouco, em data recentissima, teve a sacudil-a um espectaculo novo e deslumbrante. Madrugára, na placidez dos seus lares. Sinão quando, erguendo os olhos e procurando no céu o que na terra, em baixo, presenira não encontrar, viu, attonita, pairar entre as nuvens, a zumbir qual insecto cycloptico, uma ave mysteriosa de proporções nunca vistas.

Passaro branco? Passaro verde? Passaro azul? Nada disso. Uma passarola tricolor—verde, branco e vermelho—as cores do labaro da Italia.

Era o vôo da raça latina distendido brandamente sobre as lendarias florestas virgens:—demonstração viva do poder da Fé, na execução perfectiva do bello sonho de Bartholomeu de Gusmão, que se concretizava naquelle «Santa Maria», dirigido pelo nobre De Pinedo, em audaz remigio, desde as brisas balsamicas do Mediterraneo, adejando, na sua róta atrevida e gloriosa, curio-

so e maravilhado, até avistar ao longe os «itambés dourados da Chapada».

Pairando, emtanto, áquella altura, mal sabia o famoso e intrepido aeronauta que por ali perto estava, quiçá, em sua igreja do Bom Despacho, a formular preces pelo successo do aventureiro do espaço, um principe da Igreja, cujo throno maximo se ergue realengamente na Cidade Eterna, onde o salutar bafejo da Universidade Gregoriana não lhe pudera sopitar, antes acalentar viera, em boa hora, os arroubos do sonho aos primeiros arpejos da inspiração da lyra.

Si a aeronave despertou, na alma do feliz rebanho, a funda emoção de um mysterio, que se dilue numa armação rija, entre regras de mecanica e de aeronautica, bem possivel é, tambem, que ao querido e virtuoso pastor, sabendo-a cortar a immensidade celeste, houvesse acordado, com a benigna impressão do azul fascinator, desse azul que tantas vezes nomeia nos seus carmes,— indomitas saudades da legendaria terra onde o seu coração amantissimo vibrára primeiro á doce inspiração da musa angelical.

E a provincia occultava ao grande mundo o bardo mystico que, no silencio augusto da cella, dava aos estos da florida imaginação um curso, em mimo e auso, tão elevado como o que, em altura, seguia o aparelho aerostatico.

A provincia, isolada por accidentes naturaes, a centenaes de leguas do coração de um paiz de oito e meio milhões de kilometros quadrados, abranja embora um sexto dessa area, se a não aviventa o sopro de progresso intenso que de dia em dia e cada vez melhor a approxime dos vastos centros da actividade humana, é atroz degredo em que só não succumbe quem jamais haja sentido o voluptuoso contacto dos grandes focos de civilização, sorvendo-lhes, na plenitude, os doces amavios.

Sem a contemplação dos illimitados horizontes, que se descortinam das amplas metropoles, o espirito sequioso de luz ou, ainda, apercebido de dons, longe das magnas officinas do pensamento ou das massas de escol em que rebrilham sabios julgadores, si não tem a illuminal-o algum extranho facho que o genio ateie, pouco e pouco desanima e se abate, definha e se retrae, obscurece-se, esteriliza-se, até engolfal-o o marasmo, passo visinho da morte. Os passaros azues, verdes, brancos ou vermelhos que se alimentam de essencia, podem, como que miraculosamente, transpor com velocidade phenomenol, aguas e terras, abrir caminho á civilização, encurtar distancia aos transportes, ás relações sociaes.

E em tal empresa nada os supera, nem sequer eguala. Passar, porém, caudalosos rios que cymba alguma corta, penetrar florestas e cerrados que cipós e lianas tornam inextricaveis, vencer chapadões, e, demais, rectificar mappas e levantar novos, demarcar estradas, trazer ao gremio civilizado os nossos irmãos selvícolas, intelligentemente, affavelmente, como lidimo democrata, amante da sciencia ao coração alliada, disso é capaz um Rondon, por seus feitos, benemerito da Patria e da Humanidade. Não viesse, entretanto, o preclaro General, guiado pela sua extraordinaria visão, á capital do paiz, não falasse, não escrevesse para o grande publico, não subisse á tribuna das conferencias, para ser ouvido por toda uma multidão de curiosos entremeada de cientistas e politicos, não recorresse ás projecções luminosas, para mostrar ao vivo, com os resultados dos seus arduos e ingentes esforços, as maravilhas e o estado real dos nossos abandonados rincões, e ninguem, cá fóra, chegaria a ter exacto conhecimento de tão notaveis façanhas e a proclamar *urbi et orbi* o excepcional merecimento do seu autor. E' que a Capital constitue, por excellencia, o nucleo em que se alteia a tuba da glorificação, como centro maximo de expansão, de vida, de diffusão.

Se "a Literatura e a Arte são, no bom e no mau sentido, cortezãs", como algures se avançou, bem mais segura, inilludivel, é a "acção cultural das populações citadinas, do centro", na phrase de um erudito escriptor e critico acatado, o Senr. Tristão de Athayde. A Capital, séde dos mais formosos e variados monumentos,—como estes, fonte de perennes suggestões,—ahi não está imprimindo pasmosa actividade ao mais hodierno e popular instrumento de correspondencia universal—a radiotelephonia,—quotidianamente falando, cantando para o paiz inteiro? Sem o fel'z agasalho ou a soberana consagração da Capital, quanto tempo teriam aguardado os laureis da Fama os provincianos illustres—para citarmos apenas os desaparecidos da vida objectiva e só alguns—Gonçalves Dias, aqui imprimindo os Primeiros e os Segundos Cantos; Alencar, escrevendo na Tijuca o Tronco do Ipé e Sonho de Ouro; Joaquim Nabuco, Castro Alves, celebrizando-se em S. Paulo e aqui encontrando efficaz acolhida em Machado de Assis e Alencar?

E Capistrano de Abreu—o superno historiographo e festejado linguista, retrahido e solitario, cuja tumba ainda rorejam as lagrimas quentes das saudades que deixou. Mestre de mestres, si—para preparar, embora sempre recolhido, a sua vastissima erudição,—não viesse para aqui, deixando a luminosa terra dos jangadeiros, onde é realidade a vida espiritual dos seus filhos,—

não sei si nòs seria dado prantear, como agora, fortemente apertado o coração, um dos mais privilegiados cerebros que se têm consagrado á literatura e á sciencia.

Licito nos seja, emtanto, obteremperar que a regra—da difficil expansão intellectual provinciana, assim em termos de se estabelecer, dada a persuasão das premissas,—não foge, por boa, tambem á regra: regista excepções. E mai não deve haver que confessemos, na melhor intenção aliás, que do nosso conhecimento são, entre outros, que a lista formam, dois casos typicos, admiraveis, rarissimos nos annaes de que se revestem: recente um; ambos, porém, quasi contemporaneos. Duas celebridades se formaram na taciturnidade do seu recesso,—praeiro o de uma, campesino o da outra—e a provincia mesma, onde desabrocharam, sem que nunca houvessem vivido cá fóra, lhes sagrou os nomes em acclamações que ainda hoje reboam triumphalmente até no coração do paiz. A primeira... Já lhe advinhastes o nome, Srs. Academicos: vislumbro-o na fulguração dos vossos olhos, que se incendem á simples evocação, velada embora, de um vulto que vive em nossa imaginação e viverá, para todo o sempre, na de quantos tiverem haurido no manancial das letras e da sciencia a seiva vigorosa que elaborou:—o mestre eminente que foi Tobias Barreto,—salvante da sua obra, claro está, as impias e extravagantes tiradas, que aos espiritos sinceramente amantes da crença não é dado applaudir.

O glorioso chefe da Escola do Recife jámais quiz pontificar na terra de Mem de Sá, cujos tradicionaes encantos, patenteados as esplendorosas dadivas da prodiga Natureza, a incitar o homem ao culto incessante do Bello, não possuiam, comtudo, o condão de tental-o. E' que o mestre genial não se dignava de descer até nós.

Anciosos de abeberar-nos nas suas sabias licções, nós é que tinhamos de ir até a elle. A mocidade Academica do sul, tornando usança ir á capital pernambucana estudar certos annos do curso juridico, voltava embevecida das suas prelecções, dominada pelo seu verbo altiloquo e vasta illustração, e convertia-se, justiceira e reconhecida, no mais intenso propagandista do seu talento.

Regressando da peregrinação escolar, bemaventurados por terem commungado com o eximio sergipano nos seus profundos estudos, os jovens excursionistas volvem, jubilosos, ao sitio donde partiram, formando valorosa phalange que em toda a região meridional havia de proclamar a grandeza do astro que os deslumbrára ás margens do Capiberibe.

Tobias Barreto, mestre, orador, poeta e philosopho, não precisava, pois, sahir da sua provincia para resplandecer.

Pouco mais tarde, reinante ainda a ordem monarchica, e, depois, já em dias da Republica, vozes autorizadas, aurifulgentes, fazem-se ouvir, cheias de ardente fé, qual si abraçadas fossem pela sublimidade de uma nova idéa: e é então que quasi toda a Escola de Recife, obedecendo á mesma senha, se encaminha, radiosa e potente, para o Rio de Janeiro, a falar sobre o projecto e acatado professor, o orador terso e fecundo, o polemista, o critico vibrante, o poeta dos Dias e Noites.

A' testa de forte pleiade collocou-se Sylvio Romero de viseira erguida, impavido e sereno, desvelando em serviço da causa a sua vasta erudição; e, fieis á doutrina e orientação do Mestre, cujas pregações suggestivas e harmoniosas souberam destramente assimilar e com exito completo diffundir, vieram para a propaganda vigorosa, activa e permanente, Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando, Inglez de Souza, Graça Aranha, Urbano Santos, Martins Junior, Fausto Cardoso e outros.

Razão pois, me assistia quando, accorde com a primeira restricção, declarei que Tobias Barreto, para irradiar a luz do seu genio pelo paiz inteiro, não precisava sahir da sua cara provincia.

Eis-nos agora em face da outra excepção á regra das celebidades literarias, circumscriptas á provincia.

Voltae-vos para o occidente do Brasil, para a região dos Guaycurús, e'en dos naturalistas, meta dos bandeirantes, estação terminal sonhada pelos caçadores de esmeraldas, onde a magestade do scenario patenteia prodigios da Creação e prenuncia o advento de novas grandezas de toda ordem na fructificação da intelligencia humana.

Ahi, «sob os flabellos reaes de mil palmeiras, tão verdes, so-branceiras e lindas, como alhures não as ha, sobre alcatifas da mais verde relva», qual inspiradamente canta a Cidade Verde--Cuiabá—o filho seu dilecto, que a vida e o coração á Igreja consagrara; ahi na pureza de um sacro eremiterio, espirito sempre voltado para o azul dos ceos, na beatitude fervorosa de um crente feliz, ides encontrar, mente ás Musas dada, esse cantor do filial reconhecimento, o poeta de Terra Natal. Vêde-lhe a formosa cabeça, de linhas harmoniosas, onde os cabellos alvinitentes, emmoldurando rosto em que se espelha exuberante mocidade, são antes indice de invejavel nobreza, e os olhos, grandes e luminosos, que parecem, a quem fitam, unguir de paternal piedade e affecto; reparae-lhe no talhe esbelto, que mais alto sembra sob a violacea capa viatoria sobreposta á loba, envolta pela faixa episcopal, e nas mãos patricias

e avelludadas que afagam na saudação como na benção, no aspergir como no declamar; approximaes-vos delle,—e sua pessoa vos communicará, a par de um saudavel equilibrio intellectual, de uma polida distincção,—invejavel segredo das naturezas superiores,—a mais funda, a mais viva, a mais luminosa, a mais insinuante sympathia. E' um antistite da Igreja, filho de Dom Bosco:—é Dom Francisco de Aquino Corrêa.

Para ufania vossa, Monsenhor, sois essa outra excepção na republica das letras patrias: victoria do espirito celestialmente e longe illuminado, que, recolhido em silenciosas paragens, subito transpõe barreiras, galga o espaço e se acolhe em regaço de prestigiosos confrades.

Deixae, porém, que, por momentos, vos contemplemos no mauso redil da igreja. Ali, cercado e querido das suas amadas ovelhas, que em tempo algum conheceram mais solícito e angelical pastor, Monsenhor, extatico, véla, acalentando as Musas bonançosas e tentadoras como, para as almas de eleição, é a propria Virtude.

O illustre Salesiano, fiel aos preceitos da sua veneravel Congregação, agita-se incessantemente, educando, curando e salvando almas, soccorrendo necessidades, despertando iniciativas, no afan incansavel do lidimo obreiro do Bem.

Sinão quando, ao celebrar-se o centenario da nossa independencia politica, aqui desponta um clarão de luz perennal, suave, acompanhado de harmonias lyricas, inebriando a Cidade. São os versos prelaticos que chegam: é o livro verde. Surge o Poeta.

Cinco annos se escoam apenas. Quem quer que haja lido *Terra Natal*, conter-se não poude indifferente ante a revelação do bardo que brandiu o plectro em plaga tão remota, fremindo de são patriotismo, sem outras armas além do seu vivido amor ao solo que o viu nascer, a sua imperterrita virtude e aquella esperanza por elle erigida em decima musa do Parnaso.

O julgamento da obra—pavor e tormento dos escriptores novos—deve ter despertado no autor as emoções mais gratas. Pleno foi o successo que lhe assignala o reducto critico do jornalismo, de onde, sob o titulo *Registo Literario* empunhando, indefesso, a ferula de Aristarcho, lançava virilmente suas palmas o terror dos noviços, que era Osorio Duque Estrada, de saudosa memoria.

Eil-o percorrendo, «embora sem prevenção», mas com «accentuada desconfiança» (dil-o, sem rebuço) as primeiras paginas da brochura, na qual se davam á luz da publicidade versos de um poeta, para elle «até então desconhecido» e — incredulo, ac-

crescenta, com malícia,—«além de tudo, arcebispo»; eil-o para logo proclamando que figuravam no volume algumas produções suficientes «para revelar um escriptor de real talento e cujo espirito se alteia, por vezes, a regiões muitissimo elevadas».

O severo julgador, que o espirito revolucionario da epoca reputava um critico vermelho, pasmou, certamente, de se lhe deparar, como affirma, «um bispo a dedilhar as cordas da lyra em plena manhã do seculo XX,»mas,—timidamente embora, importa ponderar,—assim pasmou porque não vira as *Odes* do mesmo augusto menestrel, em cujo bello «Preludio», composição admirativa, se acha finamente justificada a conciliação perfeita entre o baculo e a lyra, quando tem a patrocinal-a a figura hieratica de um poeta qual Leão XIII.

Era de ver, porém, como lhe sorriram logo o hymno «bem torneado e sonoro entoado, ao glorioso berço e os formosos sonetos que á satisfação de transcrever não se furtou:—este «que qualquer dos nossos bons poetas assignaria»; aquelle, que se lhe afigurava «melhor talvez do que esse»;—os quaes por si só «bastariam para elevar acima das produções vulgares a obra de Dom Aquino.»

O fino perfume que sente evolar-se de versos tão fluentes convida-o a proseguir o folheio, no qual outras produções se lhe desnudam «que serão lidas com prazer pelos mais exigentes em assumptos de arte e de poesia», e, nesta altura, dá o soneto *Tres Lagoas*, «inquestionavelmente obra de verdadeiro poeta» e «capaz de impressionar qualquer leitor e grangear para o Autor um lugar de honra no Parnaso», taes as suas expressões.

Mais e mais dominado pela rara belleza da obra singular, traslada *Pantanal*, *A Lufada*, e *Rio Madeira* para realçar e melhor comprovar, no seu dizer, «os predicados evidentemente pouco vulgares que patenteia o Autor, como paizagista vigoroso e capaz de interpretar, ao mesmo tempo, a alma das coisas e a poesia da natureza.»

Afinal, no auge da aclamação, indifferente á propria disciplina academica, e como arrhês do seu contento, elle, que não resumava blandicias nem complacencias, não trepida em descobrir de publico o seu voto, —e aponta ao Poeta uma cadeira nesta Academia. Mais não se poderia dizer.

Coisa curiosa! A' sagacidade profissional de Osorio, affeito á respiga e joeiro diario, homem de imprensa, fiel amante de livrarias, havia escapado o juizo que acerca de uma outra obra — *Odes* — e do mesmo autor, cinco annos atrás, emittira, em um dos seus folhetins de mestre da critica, o sabio Sr. João Ribeiro.

Nem uma restricção oppoz o consagrado philologo ao primor dos versos. O seu louvor, completo e sem tibieza, o absorve todo naquelle dia, facto esse menos commum em critico da estirpe de João Ribeiro.

Observae com tento as suas expressões. Amando e sentindo a grandeza da antiga poesia sagrada, e reconhecendo que « todos os sentimentos e coisas nobres inflammam o nosso poeta,—a religião, a patria, a mocidade, o heroismo, a bandeira, o sacrificio, » colhe o grande critico na obra em apreço os motivos do seu juizo, proclamando, afinal que « a lyra sagrada, emmudecida ha mais de um seculo, desde Souza Caldas, em todos os recantos onde sôa a lingua portugueza, vibra agora novos accents, com o vigor, com a meiguice e doçura de um renascimento da Fé, » pois, em verdade, conclue, as poesias de Dom Aquino « dão á Igreja brasileira o seu primeiro poeta. »

Tarefa, portanto, mais grata não se nos pôde antolhar do que a de folhear, com o carinho devido a delicados labores, as inspiradas paginas do cantor antístite, cuja *Terra Natal* é um thesouro de arte, tornado mais precioso pela civica inspiração que o anima inteiro. Cada composição que encerra é uma joia burilada por mão magistral. *Bandeirantes, A. Monção, Véo de noiva, Ninho em flor, Tapera, O boi cuiabano* são vãos de alma de verdadeiro bardo.

Nas *Odes*, em dois volumes, enfeixou elle as raras sobreviventes das suas producções primevas e ultteriores cantos, todos de graça subtil e sublimada inspiração, « transportes deliciosos de uma alma de noviço, de sacerdote e de Bispo, para quem Deus é o ideal dos ideaes, a Poesia infinita, pela qual tudo é bello, e sem a qual tudo é nada . . . »

Os encantos, portanto, do trovador, que hoje temos a fortuna de receber, revelam-se nas *Odes* de maneira triumphal como no primeiro livro citado. *Ao Divino Mestre, Musa Celeste, Morrer! Dormir! Sonhar! O lazaro, Caveira idolatrada* são joias que a outras se unem para ornarem o escriptorio de *Psalmodias: Alvorada, O Collegio do Carmo, A Perdiz e a Jaó, As mimosas sensitivas, Philomela* e ainda outras constituem o de *Melodias*; e *Deus, Natal, a Inveja* e outras mais acompanhadas de excellentes versões do latim, italiano, hespanhol e inglez, com o remate de composições de metrica latina, que Monsenhor burilou nos seus tempos universitarios de Roma, são as *Rhapsodias*, ultima parte do admiravel trabalho.

Nas resplandecentes bellezas que pompeiam as suas magicas producções, cada qual mais apurada e tersa, mais diserta e illuminada, o poeta e o prosador se hobreiam.

O seu fundamental titulo de gloria reside precisamente na elegancia e esmero da linguagem, fiel espelho de entranhado amor ao Bello, de que lhe irrompeu, em memoravel sessão para installar o "Centro Mattogrossense de Letras", o appello ao estudo do vernaculo e ao cultivo da forma e do fundo literario.

A cadeira que nesta Academia tem por patrono o Padre e Doutor Antonio Pereira de Souza Caldas, primeiro e mais abalissado interprete da poesia sagrada na literatura portugueza, segundo o conceito de Fernandes Pinheiro, o notavel pregador, cuja voz tão funda e santa commoção causou ás selectas assistencias, que, um seculo atrás, se apinhavam na igreja de Santa Rita, erecta nesta cidade, reveste-se hoje das galas mais faustosas para alojar o seu novo occupante, tambem Padre e Doutor, poeta e pregador, elevado, porém, pelos seus meritos exceptionaes, á nobre dignidade de Arcebispo de Cuyabá.

Extranho não pareça que, antes de receber com as honras de que é merecedor, o eminente prelado, praza á Academia acolher o lucido trovador, eximio cultor da linguagem e fino artifice do pensamento.

Em uma das maiores solemnidades com que nos deslumbra a Igreja Catholica, qual a da pomposa sagração de um Bispo, avassallados pela magestade da liturgia, perdidos embora em meio á nave de sumptuosa cathedral, apenas resoantes as primeiras harmonias do grandioso *Ecce sacerdos magnus*,—e antes mesmo que os olhos se embevecessem no contemplar a régia ascenção do glorioso antistite ao solio,—sem duvida, sentiriamos—nós, catholicos, dobrarem-se-nos os joelhos, na submissão beatifica do crente, e pulsar-nos mais forte o coração, numa reaffirmação pura de fé.

O humilde confrade que ora tem a palavra e espera, dentro em pouco, gozar a suprema honra de estar ao lado do recipiendario, fremiria, satisfeito, si naquelle augusto momento, mais de disciplina religiosa, e em penhor de fiel piedade, pudesse depor um terno osculo no annel symbolico e sagrado.

Neste cenaculo, porém,—onde as pompas do rito literario encantar tambem soem duradoura e soberanamente,—a entrada do Poeta, sobre accordar dulcissima commoção, representa, por sua vez, a marcha triumphal do lidimo dignitario do alto clero, em sua rutila trajectoria para o Ideal. Nunca serão menores as homenagens e reverencias a tributar-lhe, numa expressão de fé nos

destinos da cara patria, nem menor será talvez o seu contentamento e justo orgulho.

Protrahindo, pois, para breve espaço as honras a conferir ao Principe aureolado da Igreja, — a Academia— porque não o dizer?—timbra em asseverar, antes de tudo, que tem hoje ingresso no seu seio a figura indiscutivel de um literato do maior tomo, imbuido na supina aspiração do culto do Bello por amor da Virtude.

Muito ha que, em nosso paiz, jaz adormecido o estro sacerdotal, sem que se possa facilmente atinar si os eternos themes de indole religiosa, moral ou civica não mais apaixonam as naturezas sonhadoras, sequiosas de perfeição, nem si os problemas sociaes, cada vez mais complexos, em permanente desafio ás almas de eleição, são vistos já eivados de prosaismo, nem mesmo si os espiritos mais cultos se deixam ainda absorver em profundas cogitações.

José Verissimo, de saudosa memoria, mostrava-se quasi sempre injusto em extremo ao referir-se ás coisas e aos homens da nossa Igreja; mas, um dia, o respeitado devoto da historia da litteratura nacional (com que dôr no coração o lembro!) não deixou de ter certa razão ao arguir que nenhum feito notavel dos que a Historia Patria regista, engalanada, mereceu do nosso clero as honras de uma epopéa, de uma ode, de um hymno . . . e elle então lembrava a Independencia, as lutas pela liberdade, os episodios da guerra, a abolição dos escravos, e outros.

Dir-se-hia que o clero nacional guardou a sua sabedoria, além das suas acrisoladas e reconhecidas virtudes, para o labor silencioso do claustro ou do templo, para o ministerio do pulpito, para a catechese, como, em tempos idos, para os martyrios politicos, nas revoluções em prol da Independencia e de outras causas nacionaes. Com isso, esqueceu as Musas. Quem quer, todavia, que, cioso das nossas coisas e da nossa gente, perlustre, de animo desprevenido, os fastos, já consideraveis e magnificentes, da nossa historia de povo independente, ha de encontrar em abundantes paginas, a derramar sobre ellas, no serviço da religião, da sciencia, das letras e da politica, o candor do seu zelo e da sua caridade, os estos da sua intelligencia e da sua sabedoria, as scintillações do seu engenho e da sua eloquencia, os ardores do seu patriotismo e até do seu martyrio; um sem numero de representantes do clero catholico, secular e regular, desde os mais graduados aos mais humildes, vencidos uns, vencedores outros, todos, porem, recobertos sempre de honra e lustre. Onde, porem, entre os innumerados servidores notabilizados da religião, os Poe-

tas? Claro que não alludimos aos simples versejadores, nem a alguns raros, rarissimos levitas que, de quando em quando, conseguiram vagas produções em caprichosos momentos de pieiros devaneios. Onde os versos que celebrem tantas acções e feitos patrioticos, como os que têm marcado a nossa historia de povo em formação, ou cantem glorias outras, virtudes humanas, fados ou o immenso manancial do Bello que é a natureza? Pois a figura de Tiradentes, quasi religiosa, na phrase de Dom Duarte Leopoldo, a do Padre Miguelinho, a do Padre Roma, a do Padre Mororó, a Confederação do Equador, com esse extraordinario Frei Joaquim do Amor Divino Rabello—o Frei Caneca,—que, no seu apostolado, soube alliar a fé com o patriotismo e cuja morte foi a de um martyr,—não são momentos de inteireza e abnegação, merecedores, na propria grei, de uma nenia, uma ode, um hymno?

E' que os orvalhos d'alma raramente caem na «profunda, na estupefaciente aridez do nosso meio literario catholic.» A expressão não é nossa, mas com que recolhimento e pena a repetimos! Lançou-a um erudito escriptor patricio, jornalista e critico, catholico sincero e militante: o Sr. Jackson de Figueiredo. O autor de *Columna de Fogo* e de *Affirmações*, realçando, em recente livro, o nome de um poeta genuinamente religioso—Durval de Moraes,—exalta os poetas de Nossa Senhora. Tem-se nesse trabalho um florilegio dos bardos, principalmente nossos, que entoaram louvores á candida Virgem dos Martires. Não é curta a lista dos nossos vates que cantaram e vão cantando as eternas e não só inconfundiveis, mas ainda inatingiveis bellezas da Virgem Santa.

O aureolado nome de Monsenhor se lhes inscreve no ról. E igualmente lá está o de Affonso Celso, o qual, com o doce carinho do seu lyrismo amoroso, no bello e mystico Mez do Rosario, conta que a Virgem Immaculada» o seu favor derrama sobre todos; que acolhe compassiva todo o cansaço, que mitiga as dores e o amargor adoça de todos nós.» Entre os inspirados marianos deve enfileirar-se, e lá deve estar, ao lado de Bilac e Raymundo Corrêa, o excelso Principe consagrado—Alberto de Oliveira—que, num Album, ainda hontem, primorosamente cantava:—«Gloria, Maria da Gloria, que vae aonde as mais não vão; as mais dos homens na historia ficam; esta, á excelsa gloria sobe, onde os anjos estão.» E no numero ainda se inclue o mavioso e tambem mystico poeta do *Rimario*, Sr. Aloysio de Castro, mas este cantor ameno, no seu formoso e muito sincero soneto *Devoção* contempla uma Madona, mas uma Madona de sorriso á Gioconda,

«com seu cabello repartido ao meio, olhos magoados. . . expressão das Virgens de Leonardo», e, por fim, cicia, commovido, esta supplica:—«O Tu, Nossa Senhora dos Amores!»

No minucioso e paciente estudo a que se entregou, descobrindo a torrente dos poetas de Nossa Senhora, conseguiu o Autor apenas colligir alguns bellos nomes de sacerdotes que lhe dedicaram versos, e ainda assim, foi mister contar, entre estes ultimos um bellissimo soneto attribuido ao Padre Feijó, uma joia de inspiração, mas a respeito do qual, o abalizado colleccionador declara que difficilmente se póde crer que seja da lavra do Regente.

Forçoso é, pois, convir em que tudo isso é pouco, muito pouco, em materia poetica de feitura sacerdotal, para um seculo de vida independente, neste vasto paiz, onde o Catholicismo encontrou ninho propicio no coração da grande massa, e onde o clero — nunca é demais repetir — mostra eloquentes deu sempre da sua cultura e da sua entranhada fé.

Na expressão não nos enganamos. Uma prova está na festa desta grande noite, festa duplex, pois que —ninguem se illuda—esta deve ser, e tambem é, a festa do Clero Brasileiro, da sua intellectualidade e das suas virtudes. Nunca se esqueça este da justa e excepcional homenagem que a Academia lhe presta, na pessoa de um seu eminente representante, sem que a isso a obrigassem as disposições das suas leis internas. Já agora, dentro della, e como lhe agrada, haverá, como já houve, uma voz adequada para dizer da grandeza e dos feitos da Igreja, e principalmente, da poesia religiosa da nossa terra.

Bemvidos sejam, assim, os versos resplendorosos de Monseñhor. A dulçorosa musica dos seus cantos, pontilhada de anceios de perfeição que tem por modelo a Cruz sagrada, a mais nitida imagem de honra, de patriotismo e de gloria, na expressão de Almeida Garret, ha de, por si só,—não como um toque de clarim a despertar as turbas, mas como o chilrear de mil passaros num matinal crepusculo, trinando sobre a belleza do Evangelho, em prenuncio de maior claridade,—accordar, incender e propellir para melhores destinos essa nobre mocidade que, preparando-se para um viver de desprendimento das coisas temporaes, de defesa contra a hydra da corrupção, de exercicio e patrocineio de todo bem verdadeiro, num constante transporte para a Summa Perfeição, povôa os nossos seminarios, absorta nas meditações mysticas e, como o Anjo Custodio, «ajoelhada no Cruzeiro, banhando de lagrimas bemfazejas as vestes luminosas». A sua lyra mais celigena que terrena, resumando pureza, serenidade e vigor, deve a miude soar entre essas almas consagradas a elevados mis-

teres, á cuja cabeceira nunca será demais que habitualmente pousem, ao lado do Breviario annoso, *Terra Natal* e o duplo volume de *Odes*.

Cerebro privilegiado, espirito fadado ás alturas, Dom Francisco de Aquino Corrêa—viemos annunciar á Academia, com grande e agradabilissima surpresa,—foi no momento o Bispo mais moço, já não diremos do Brasil, ou de toda a America, mas do mundo inteiro, porquanto, facto raro nos annaes da Igreja Catholica, aos 29 annos de idade o nosso preclaro confrade cingia a mitra. Não admira, que reverenciando uma juventude coroada de tão alta dignidade, os partidos politicos da sua terra, então em franco dissidio, appellassem, certa vez, por effeito de nobilitante e salvador convenio, para a sua sabedoria e para o seu patriotismo, conscios do prestigio do seu ramo de oliveira, elegendo-o Presidente do seu Estado natal.

Hospede da Politica, a ella serviu apenas numa transitoria conjunctura, ainda assim tão só para harmonizar interesses, restabelecer a concordia, promover, emfim, a felicidade do povo, fazendo do seu governo um ministerio de ordem e de paz; e, ao deixal-o, sob benções e applausos, Monsenhor assumia a Archidiocese da sua terra, que, por promoção a mais justa e merecida, um anno antes lhe tocára. Modelo bem acabado de devoção e intelligente pratica dos sentimentos religiosos e civicos, é o que ora se offerece á mocidade dos seminarios, a qual, como a ninguem, não deve ter passado despercebido que, no rodar de quasi um seculo, coube ao novo academico quebrar o pesado silencio em que, no cultivo da arte poetica, mergulharam ceilas e adormeceram presbyterios. Por isso, Monsenhor,—e porque a expressão espirital da vida se resume na Poesia,—qualquer que seja a propensão da vossa mente inspirada, sinta ella o sacro fogo arder, ou se incline para as suaves e ternas balladas do amor da Natureza,—canta, canta muito, canta sempre; canta sobretudo, a alegria e a ventura christã de viver, pois só assim póde realmente o ente humano envelhecer sorrindo, como queria Bilac.

A' escassez de elementos nacionaes é talvez devido o facto de se ver, de quando em quando, recrutado para o numero dos nossos trovadores, o extraordinario vulto de José de Anchieta, o memoravel hespanhol que viu a luz em Teneriffe, o poeta excelso da Virgem, que a adorou e serviu no seio das nossas florestas bravias e a cantou ao longo das nossas praias, inspirando, quasi tres seculos depois, ao querido Fagundes Varella, o impercível *Evangelho nas Selvas*. Não temos até aqui tratado, e intento nesso não é fallar, de autores profanos que hajam escripto

poesias religiosas, mas tão somente occupar-nos dos sacerdotes e monges que, tendo nascido sob o céu do Cruzeiro do Sul, se tornaram alumnos das Musas. Quaes os que compõem o quadro deficiente? Gregorio de Mattos Guerra? O afamado "Boca do inferno", como ficou conhecido, satirizador infrene,—por irrisão dos Fados—magistrado, posteriormente, vigario geral e procurador da Mitra, escreveu, na verdade, bellas e inspiradas poesias lyricas e religiosas, conforme acabam de averiguar pacientemente esses tres penetrantes cultores da Arte, admiraveis benedictinos das letras brasileiras,—Srs. Afranio Peixoto, Constandio Alves e Ronald de Carvalho. Mas o Sr. Araripe Junior, critico entusiasta do grande ingrato, é o proprio a confessar que «a sua literatura era a da chalaça» e o qualifica mesmo de «alma maligna, character rancoroso, relaxado por temperamento e por costume.»

Ademais, o bohemio incorrigivel, apenas por acaso foi padre, em consequencia de um acto do 1º Arcebispo da Bahia, visto não ter mais que ordens menores, e, antes que um lustro volvesse, exonerou-se dos encargos, não sem crivar das mais torpes satiras o proprio Prelado, seu bemfeitor.

Luiz José Junqueira Freire, o glorioso patrono da cadeira que tenho a honra de occupar, foi um frade sem fé, sem piedade e sem unção, e não era sequer religioso, no grande e elevado sentido da palavra. Envergando durante apenas uns quatro annos o habito de Frei Luiz de Santa Escolastica, por effeito, sobretudo, de infeliz paixão amorosa, despediu-se da vida terrena, sem que no claustro outra coisa o inspirasse, que não fosse o horror e o desespero da vida monastica.

Julio Cesar de Moraes Carneiro, o grande Julio Maria, foi padre effectivamente, no espaço de cinco lustros. Que padre! que pregador! e que philosopho!

Os versos, porem, que produziu foram, no dizer do Sr. Jonathan Serrano, seu erudito e fiel biographo, «poucos e incolores, de rimas pauperrimas e inspiração anemica; á trivialidade dos conceitos, á pobreza das imagens, á impropriedade da adjectivação, se juntam frequentemente deslizes e até erros de metrica, sendo o poetar, para elle, simples passa-tempo sem pretensões maiores» e constituindo o seu versificar mal, «senão peccado grave do literato, pelo menos fraqueza e imperfeição.»

Decididamente, cumpre confessar,—não importe a magua! —excepção feita dos nomes de alguns mais, bem raros, ton-surados menestres, cujas composições,—como as desse harmonioso Antonio Bastos, que ora tange, entre as luzes do Norte, a sua harpa religiosa, — havendo transposto as lindes parochiaes,

não lograram ainda crear aos seus autores a celebridade que cerca os tres já citados,—só retumbam gloriosamente na mansão das letras patrias os de tres outros, grandes professos poetas, astros de primeira grandeza, a deslumbrar perennemente os evos.

Frei José de Santa Rita Durão, o vate agostiniano, erigindo no Caramurú, seu imperecedouro titulo de gloria, legou-nos um poema nacional por excellencia, em que defeitos e falhas cedem o passo ás rufilas bellezas das scenas que representa, no que foi alguma vez o Autor peado pelo recato da sua alma virtuosa, como ao tratar o drama amoroso que serve de nucleo ao poema, onde o seu estado de frade, e frade de bons costumes, o privou de dar-lhe a emoção que nos poderia ainda commover.

Frei Francisco de São Carlos, franciscano, tomou da lyra por devoção e amor ao culto de Maria, compondo o poema da *Assumpção da Virgem*, que, na opinião de Pereira da Silva, é um tropheo de gloria, levantado á literatura e á patria. O Padre Antonio Pereira de Souza Caldas,—o maior de todos, aquelle a quem a Academia conferiu o patronado de uma de suas cadeiras, hoje em festa para receber o novo occupante,—deixámos, de industria, para o fim. Aquelle a quem coube ser o melhor poeta da sua epoca, o mais vigoroso lyrico dos predecessores immediatos do Romantismo, qual o considera o proprio Verissimo em momento de inacção da veia iconoclasta, homenagem excepcional é devida nos solennes instantes que atravessamos.

Como seu Anjo da Guarda, veiu a Poesia amparal-o na solidade do seu coração, tocando-o uma inspiração celeste; e, ao termo da peregrinação que o encaminhava para o centro da unidade catholica, entregou-se ao altar, desde então dirigindo o seu estro para a religião e o seu amor para Deus.

Bastam para immortalizal-o as Poesias sacras e profanas, as quaes, com a traducção dos Psalmos de David, formam verdadeiros monumentos de gloria para o seu Autor.

O vate immortal não carece de dithyrambos para que a sempiterna belleza do seu engenho pompeie, maravilhosa, em toda a plenitude. Mas pela mesma estrada que o Padre Souza Caldas trilhou e soube juncar de virentes flôres da sua alma piedosa, vem, mansamente, a colher triumphos, dirigindo seguros passos, o novo servidor da Igreja e da Academia, seu successor em varios titulos.

E' que entre elle e o dignissimo recipiendario ha pontos de admiravel afinidade, tanto na pessoa como nos actos e na obra. Irmãos no estudo das sciencias e das letras, na predestinação ecclesiastica, no exercicio da caridade, no imperio do pulpito e

na inspiração poetica, elles dão-se as mãos sobre o espaço de um seculo, e desse modo celebram, no seu ineffavel concerto, o mirifico e inextinguivel poder da scintella divina.

Monsenhor ! Como toca ao coração de um crente essa doce e meiga palavra, pela qual se diz a um grande, a um Principe, a um excellente Pastor da Igreja a jucunda expressão—«Meu Senhor,»—que outra não é a do suave vocabulo—Monsenhor !

A ninguem importe a presumpção, algo generalizada, de que só a camareiros seus, expressamente agraciados, a Autoridade Romana outorga essa bella denominação honorifica, de hierarchia ecclesiastica, sem duvida, mas, em realidade, tambem de particular, de nobre, de excepcional tratamento social, dos lados em que demora o espirito de nobreza, de graça e de galanteria aprimorada.

Nisto, como em tudo o que respeita aos termos, não ha como respigar nas fontes preciosas da lexicologia classica, para o que, além dos mestres que ensinam na lingua camoneana, se inscreve um certo Emile Littré, que, narram as boas chronicas, levou vinte e cinco compridos annos a compor um dictionario, trabalhando dez a doze horas a fio, e todos elles, num coro harmonico, explicam o vocabulo e firmam a applicação preconizada.

E a Academia Franceza, nossa Mestra, que nos orgulhamos de ter por molde, como esclarecia Nabuco, ahi está nos ensinando que assim deve entender-se, que, por serem sempre os grandes da Igreja justamente ciosos dessa honra singular, ella confere a linda mercê aos chefes de diocese e aos cardeaes que transpõem os seus dourados porticos, da mesma maneira que a sociedade culta da França antiga a outorgava aos principes de sangue real, aos marechaes e, em rigor, a pessoas de dignidade eminente.

Honremos, pois, desde que pisa pela vez primeira a nossa passagem vestibular, desde o tratamento a dispensar-lhe, o egresso e novo academico.

Monsenhor !

Antes de dar por findas, em nome da Academia, estas desgraciosas, mas sinceras expressões de regosijo, diremos que, apartados do campo da Poesia, si contemplarmos a tribuna sagrada, melhor do que nunca, a grandeza e exuberancia deste maravilhoso paiz se manifestam sem restricção, ao distinguirmos as vozes de sacerdotes afamados que, dominando turbas de fieis e accendendo o espirito catholico, reboam, cheias de ardor e zelo, nas naves dos templos, e cujos écos repercutem até aos nossos.

dias. Não mais é caso de se incluir no numero dos triumphadores do pulpito nome algum de estrangeiro, mesmo que houvesse aqui professado e vivido por longos annos, conquistando justas glorias; já se póde—não é ousadia dizel-o,—não só dispensar, mas deixar mesmo de invejar o nome do grande Antonio Vieira, principe dos oradores sacros da sua terra gloriosa e—na expressão de Castilho—mestre guapissimo da nossa lingua. Temos os nossos e de bôa casta: um Padre Antonio de Sá, por exemplo, jesuita, emulo de Vieira,—deante do qual chegou a brilhar com toda a intensão,—e chamado o principe da Oratoria Ecclesiastica; o benedictino Frei José da Natividade, cognominado o Subtil; o franciscano Frei Francisco Xavier de Santa Thereza; o bispo Dom José Joaquim Justiniano Mascarenhas de Castello Branco; o Padre Antonio Pereira de Souza Caldas,—ainda nesta seara, e com descommunal fulgor,—o sacerdote extraordinario cuja palavra magica soube attrahir verdadeiras moles humanas, que se premiam, extaticas, até nos templos de além-mar; Frei Francisco de São Carlos, a sereia do pulpito; Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio; filho de Assis, como o anterior, e considerado o Bossuet brasileiro pelo sabio Sr. Ramiz Galvão, o grande panegyrista nacional; Conego Januario da Cunha Barbosa, o lidador da imprensa, ao lado de Ledo, na pugna da Independencia, e apontado pelo seu coetaneo Mont'Alverne como um gigante da oratoria; Frei Francisco de Mont'Alverne, cujo nome sosinho enche uma epocha, coberto de "applausos, coroas e ovações de que nenhum orador, nenhum philosopho ousára ainda gloriarse"; e já nos nossos dias, entre outros, os fallecidos—tão sómente—Dom Antonio de Macedo Costa, o Padre João Manoel, Monsenhor Luiz Raymundo da Silva Brito, Padre Francisco de Paula Rodrigues, e o grande—repetimos com emphase e sincera convicção—o grande Julio Maria. E actualmente, nesta Cidade,—para que nada falte,—um pugillo de sacerdotes illuminados, soldados da Fé, sob a égide do eminente Cardeal Arcoverde e a sabia direcção do inclito Arcebispo da Eucharistia, Dom Sebastião Leme, attrae aos templos e deslumbra, com a luz dos seus peregrinos talentos e o arrebatamento de espiritos abrazados no Evangelho, massas compactas de crentes e de meros intellectuaes, assim cooperando, no mais alto gráo, para que o pulpito brasileiro continue a realizar, com brilho sempre maior e maxima effi-cencia, a sua santa e civilizadora missão.

O professo-poeta, em Dom Aquino Corrêa, jámais obumbrou o imponente clerigo-orador, dominador da tribuna, arrebatador das multidões de crentes. Sempre empolgado pelo ideal do Bello,

a que incessantemente animam a devoção do religioso e o ardor do patriota, eis-o aqui e ali, em assembléas profanas, da mesma maneira que no pulpito, doutrinando, exhortando, proclamando um bem, commemorando um evento magno.

O seu famoso discurso inaugural do Centro Literario da sua terra natal; a sua luminosa conferencia no centenario do Dante; o elogio funebre em que destillou, pela voz do Arcebispo, toda a ternura de um filho amantissimo; a sua oração gratulatoria no jubileu sacerdotal de D. Helvecio, Arcebispo de Marianna; a vibrante saudação que proferiu na festa em homenagem á historica Bandeira do 17º Batalhão dos Voluntarios Mineiros; a sua recentissima e eloquente oração pelo centenario do Jornal do Commercio, são thesouros da oratoria, que, sobre serem verdadeiros modelos, adornam e enriquecem, para edificação das successivas gerações, os annaes immorredouros da Eloquencia.

O seu pulpito não se circumscreve ao ambito do templo; dilata-se até aonde o entusiasmo, servido por um senso lucido, o possa conduzir. Vemol-o na imprensa catholica e alhures. De uma feita, deixa o extremoso prelado, serenamente, quasi despercebido, a querida Archidiocese, para vir, á distancia, no fóco maximo da actividade patria, dizer della todo o bem merecido, pintal-a com côres escolhidas no imo peito, festejando ahi si tanto fôr preciso, o centenario da sua fundação. Muito póde o amor! Já sentenciou Camillo: «Depois do Céu, quem mais pasmosos milagres faz é o Amor».

Mais uma vez ahi se patenteia que pertence ao centro da vida nacional o condão de celebrar os extraordinarios triumphos e de ser o mais congruo scenario para a realização de excepçoes commettimentos.

A' tarde, junto á suspirosa praia de Copacabana, em salutar colloquio com esse outro insigne e sempre festejado dignitario da Igreja, Dom Sebastião Leme—«a grande alma que de longe se admira e de perto se ama», como á justa o aprecia,—hauriu Monsenhor o incitamento prestigioso que o decidiu a pôr hombros e alfim executar com exito magnifico o pastoral empreendimento.

Enlevado pelas idéas que assentára sobre o seu plano, tinhasse o bom prelado recolhido á residencia hospitaleira de Botafogo,—a tranquilla e acolhedora «Casa dos Lazaristas»,—quando o despertou gentil convite para lançar a benção divinal—a que?—a um prado de corridas, bem que fosse o novo e deslumbrante hippodromo de antiga e conceituada sociedade prazenteira e aristocratica—o Jockey Club. Não vacillou. A' hora aprazada, em pleno campo, no meio de todo o imponente esplendor da Nature-

za, tumida de galas, num quadro emmoldurado pelo intermino lençol esmeraldino, á cuja beira dorme a laguna secular da Gavea, e pelas montanhas vestidas de vegetação pujante, ali, ante o imponente painel, surde o requestado Arcebispo e solta no espaço, em meio de uma multidão em festa, o verbo seu fluente, castiço, inflammado de religião e de patriotismo.

A sua oração em planicie rasa, ecoando pela cidade inteira, foi então o acontecimento literario de mais agradável commento e singular relevo. Tarefa difficil, venceu-a—sob a égide da Fé, que naquelle momento se erguia soberana num hyssópe argenteo, —a Eloquencia, eterna seductora, ao serviço de um talento de escól e de um coração bonissimo.

Tres lunações não eram transcoridas após acontecimento tal, abre o “Instituto Historico Brasileiro” as suas portas para receber Dom Aquino Corrêa, seu novo consocio. Ha uma multidão que se apinha, avida de ouvir e ver o prelado cuja fama corrêra célebre, com os ecos da oração da vasta campina verde. A sessão ordinaria torna-se solenne.

Assoma Monsenhor á tribuna, e dos seus labios dulciloquos brota a conferencia do Centenario do Bispado de Cuiabá, que remata sob as mais ruidosas aclamações. Fôra uma obra prima, que acabára de encantar a selecta assistencia.

Calou forte no espirito do auditorio a conferencia do “Instituto». Que força, porém, a do Destino ! Ainda resoantes os écos da memoravel sessão,—eis que a Morte, fria e inexoravel, num golpe cruel e traiçoeiro, uma vida mais ceifava neste gremio, arrancando da cadeira que tem por patrono Souza Caldas, e na qual durante nove annos se conservou, cercado de geraes carinhos, o saudoso Lauro Müller, seu terceiro occupante.

Occorrido o traspasse, e declarada a vaga, um nome logo se impunha ao exame dos eleitores:—o de Dom Francisco de Aquino Corrêa, perfeito embaixador da republica das letras. A sua eleição foi uma das mais correntes, logicas e mansas que já-mais effectuou a Academia:—um e unico escrutinio proclamou a sua victoria.

O cenaculo requeria mais uma voz harmoniosa e meiga, que do pranteado morto e dilecto confrade dissesse todo o bem, de que merecedor se tornára, quer pela sua grande cultura, quer pelos seus apreciados feitos. E amplamente corroborado está o acerto da sua escolha pelo esplendoroso discurso, que a assembléa acaba de ouvir, e cujo encanto nem com o tempo se lhe esvae-cerá.

Ao acurado estudo, ao attencioso carinho, com que tratou da individualidade de Lauro Müller, nada podemos additar sem que isso implique uma eiva, a que, sem favor, se forra a applaudida oração.

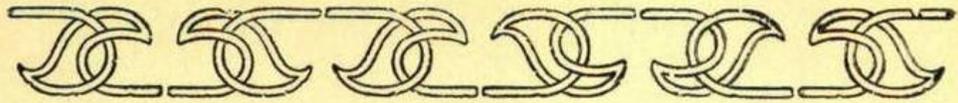
Sentimo-nos commovidos. E' intenso o nosso abalo ante a immarcescivel corôa de saudades ali ennastrada á memoria daquelle, que trouxe por credenciaes á Academia, com as laureas de engenheiro, professor, doutor por universidades estrangeiras, além de uma brilhante folha de serviços, de ordem civica e politica, o trabalho de alto descortino e meditação em que enfeixou os Ideaes Republicanos, e no qual vemos o pronunciado gosto literario do seu pranteado autor.

Monsenhor !

Novo e sensacional triumpho acabais de conquistar. A fascinante oração com que deslumbrastes este cenaculo, concretiza na fórma, resume na essencia e exprime no idealismo o legitimo padrão de gloria de quem, como vós e qual o dissestes, «crê na literatura da razão e da fé, da esperanza e do amor, da religião e do patriotismo».

Gloria assim excelsa não a possuis, porém, só: comparte-a a estremecida terra natal, onde se dilue em ternos e castos beijos a visão dos entes amados; comparte-a a Igreja Catholica Apostolica Romana e, nella, a Congregação de São Francisco de Salles, em cujo regaço haurido haveis as doçuras requintadas da sublime religião do Calvario e se vos apuraram a alma e o espirito até vos alcandardes no governo e hierarchia ecclesiasticos; comparte-a ainda esta Academia, onde se crystallizam as inspirações da Arte em ascensão para o eterno Ideal, e perennemente retumba o verbo mavioso, ainda que incendiado, dos leaes servidores das bellas-lettras; comparte-a, emfim, a Patria idolatrada, que mais se revê em cada filho seu preclaro e a quem devemos, em signal de illimitado amor, todo o bem, toda a flor da intelligencia, até a vida.

Bemdicta seja, pois, esta hora de magicos encantos, em que a Academia, rejubilante e segura dos seus destinos, sonhando dias sempre mais gloriosos para a lida que incessantemente fomenta, recolhe no seu amoravel regaço um excelso dignitario da Igreja, a desferir em pleno verdor da vida, cantos maviosos e potentes, da sua lyra afinada e candida.



O ASSALTO DO CASTELLO E O BARÃO NORMANDO

Do illustre jornalista Dr. Jaime F. de Vasconcellos

Na luta com os Saxões, defendendo o castello,
Certo, se houve o barão com mui denodo e zelo.
Ja ferido, no leito, onde ora se debate,
Elle segue de longe as phases do combate,
E antevendo a derrota, assim pensa consigo:
—Não verei meu solar em poder do inimigo,
Nem mais hei de fitar esses Saxões em face,
Pois que presinto já meu proximo traspasse.

Si eu fôra um pouco mais avisado e prudente,
Me achara prompto já para esta hora inclemente,
E ella não me causara uma cruel surpresa;
Impediu-m'o, no emtanto, a sordida avareza:
Com alguns dons á igreja, a minha alma, em verdade,
Gosaria de paz e mór tranquillidade,

E sem as afflicções e o temor das penas,
Subiria, de certo, ás regiões serenas;
Mas preferi de Roma affrontar a inclemencia
A obter por tal preço a almejada indulgencia.—

E exclama:—Onde é que estão neste fatal momento
Esses, a quem meu pae dera outrora um convento,
Os Carmelitas ? nem um só vejo a meu lado
Dos que livram do demo e curam do peccado,
Nada mais que com a prece e com a santa momice;
Protegendo-os, meu pae fez bem uma estultice.
Quero me confessar e não vejo um roupeta;
Onde estão ? junto ao doente, estudam qualquer treta,
Ou se embriagam talvez no retiro claustral;
Façam vir o templario; é quasi um clerical.
Que digo ? ! elle não crê no inferno, nem no ceo.

—Ha porventura um mal de que não sejas reo,
Ou que não ouses ?—disse uma voz junto ao leito.

De remorsos pungido, o gesto contrafeito,
Elle pensou, sem ver quem assim o surprehende:
—Que será ? com certeza, algum demonio, ou duende
Que me quer perseguir, como diz a cabala,
E para me perder é que elle assim me fallia;
Eu os conheço bem e a seita que os governa;
Esse quer me afastar da salvação eterna.—
E todo elle estremece áquelle accento arguto,
Cobrindo-se de suor; mas logo resolutio:
—Quem és ? chega-te mais, disse com voz audível,
E si acaso és Satan, toma a forma visível;

Em anda te receio.--A voz lhe diz:—Recorda
Teus crimes, Reginaldo, as victimas da corda,
Da grelha, da polé, do subterraneo abjecto,
Entre sapos, reptis, sob este infame tecto,
As virgens que raptaste, esses que, por cubiça,
Condemnaste á tortura e clamam por justiça.
Quem excitou a João, príncipe deshonesto,
Contra seu pae, já velho, e seu irmão, de resto ?
Além de máo, trahidor; sôem a teus ouvidos
Os males que fizeste, o côro dos gemidos
Que ainda aqui repercute, e como um dobre lento
Ha de te acompanhar té o ultimo momento.—

Com o olhar a luzir como o carvão na forja,
Respondeu-lhe o barão:—Mentiste pela gorja,
Feiticeiro ou demonio !—E ajuntou com rudeza:
—Quem seduziu a João foi a flôr da nobreza;
Os melhores barões, com menospreso ao velho,
Entenderam assim, lhe dando tal conselho;
Não fui eu só, porem cem lanças aguerridas;
Respondo pelos mais ? pensas que me intimidas,
Dizendo cousas vans, lembrando-me o passado ?
Sí crimes commetti, por que é canonizado
O que mergulha as mãos no sangue sarraceno ?
Quem combate o infiel é grato ao Nazareno;
Trucidando o Judeu, conforme tenho feito,
Servi, de certo, ao ceo como qualquer eleito.
Os porqueiros Saxões, a quem fui tão infenso,
São contrarios ao rei e á estirpe a que pertenco.
Ah ! Ah ! vejo que enfim te levei de vencida.
Emmudeceste ?—A voz lhe diz:—Não, parricida;

Pensa agora em teu pae; relembra, homem nefasto,
A sala em que elle fez seu ultimo repasto
E tingiste de sangue...—Ah! si tu sabes disto,
Exclamou o barão, és o demo, está visto,
O proprio pae do mal; só elle não ignora
O que entre mim se deu e a minha tentadora,
A que me seduziu, e eu suppunha um segredo
Só de mim conhecido e desse outro ente tredo;
Deixa-me, Belzebuth, e procura, maldicto,
A que me despertou a idéa do delicto,
Ulrique, a que desfez os vestigios do facto,
Foi minha recompensa após o assassinato;
Vae, procura a Saxonia, e que o castigo eterno
Antegosem os dois, que nos prepara o inferno.—
Ulrique, então, afasta a cortina; serena,
Apparece e lhe diz:—Não me intimida a pena
Das chammas eternas; ha muito é meu intento
Vingar-me assim do pai como do filho odiento;
Foi por elles que vi, presa de um pesadelo,
Meu pae e meus irmãos mortos neste castello,
Minha honra ultrajada; hoje que meus patricios
Combatem contra ti e esta estancia de vicios,
A elles me unirei, já que a minha desgraça,
Como a delles, provem da tua indigna raça.
Não me encares furioso e não ranjas os dentes,
Nem ameaces com o punho, em gestos inclementes;
Tua mão, que quebrara a fronte de um novilho,
E' sem forças agora, o teu olhar sem brilho;
Chegou a tua vez, meu triumpho é completo.
—Abominavel furia ainda peor que Alecto!
E's tu, ente fatal, que vens numa vertigem

Gosar dessa ruína, a que os teus dão origem ?
Disse o senhor feudal; até o ultimo alento,
Queres me atormentar e rir do meu tormento ?
Vou-te satisfazer, e prestes, te asseguro:
Olá ! Eustachio, Gil, precipitae do muro
Esta vil feiticeira, ella nos ha trahido.—
E Ulrique lhe tornou:—Não ouves esse ruído,
Das armas o estridor ? já vem perto a escalada;
Os gritos dos Saxões, que sôam na lufada,
Não te predizem, pois, a perda do castello ?
Não chames por ninguem, fôra debalde o appello.
Ja não te valem mais tua força e coragem,
Tua immensa riqueza e elevada linhagem;
Esse poder dos teus, que era invencível quasi,
Como o velho solar, vacilla em sua base;
Não te enganes, barão; ouve o grito de guerra
Que sôa mais e mais «Pcr S. Jorge e Inglaterra ! »
E' debalde que os teus lançam, de quando em quando,
Vigas, pedras brutaes sobre o guerreiro bando,
Dentro em breve os Saxões serão donos da praça.
Obra de minhas mãos, não vês essa fumaça ?
Quando a chamma se erguer, uma bandeira, no alto,
Ha de ser o signal do momento do assalto,
E os teus hão de fugir em face do perigo.
Adeus; deixo-te entregue á sanha do inimigo,
A Mista, Zerneck, e a toda casta vil
De espiritos do mal.—Olá, Clemente, Gil,
Mauro, exclama o barão, me deixareis morrer ?
Bravos que commandei, De Bracy, Bois-Guilbert,
Não me ouvís ? desprezaes no transe em que me vejo
O alliado vosso irmão, cavalleiros sem pejo ?

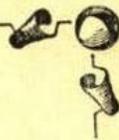
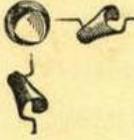
Ah ! chovam maldições sobre vós ! Que dislate !
Não me podem ouvir com o rumor do combate.
O fumo se condensa e é ja quasi asphyxiante.
Oh ! o ar puro ! sorvel-o ainda que um só instante !
Pelos deuses ! a chamma abraza o pavimento,
O Diabo vem p'ra nós no seu rubro elemento;
Mas não irei eu só, espirito revel:
Minha cumplice Ulrique, o templario infiel,
De Bracy, o rufião, companheiros de empresa,
Os Judeus e Saxões, minha maldicta presa,
Todos me hão de seguir ! Oh ! que escolta selecta,
No caminho infernal ! Quadro digno de um poeta !—
Nisto, um riso febril dos labios lhe resvala:
—Quem ousa rir, disse elle, és tu, Ulrique ? falla;
Só Satan ri assim, ou tu num tal momento . . . —

E o incendio o arrebatou num turbilhão violento.

Augusto Cavalcanti



NOTA—Esta poesia me foi inspirada por um episodio do romance
‘IVANHOE’, de Walter Scott.



MAGDALENA

Aos pés do Mestre, que ella beija e lava,
Dos seus olhos na limpida torrente,
Enxugando-os depois, na coma flava,
Como em toalha de seda resplendente;



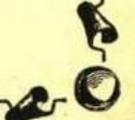
Ao despejar o nardo que levava,
E cujo aroma a envolve inteiramente;
O coração a estuar como uma lava,
Transfigurada, extatica, imponente,



A Magdalena encarna, nesse instante,
A alma humana, que ao fim do vôo errante
Pelas chimeras dos ideaes risonhos,

Despedaça sem dó, chorando embora,
Sobre o altar da verdade redemptora,
A amphora azul dos seus mais lindos sonhos!

D. Aquino Corrêa



RUTH

*No album da senhorita Ruth C. de A.,
que pedia um conselho para a sua vocação
religiosa.*

Foi uma moça de belleza rara
Ruth, a pobre moabita, e era de vel-a,
Ao sol das tardes, respigar na seara
De Booz, a sua timida gavela.

Booz, que nos mimos della se elevára,
Deixava-lhe cahir a flôr mais bella
Das espigas, e, enfim, achou tão cara
A Bôa Ruth, que casou com ella.

Assim, chamando uma alma aos seus carinhos,
Jesus deixa cahir-lhe os dons da graça,
Como espigas douradas nos caminhos.

E feliz da alma, se prefere ao riso
Da vaidade, esse amor que nunca passa,
Amor, que é um outro céu no paraíso!

Rio, 8 Setembro 1926

D. Aquino Corrêa

Rythmos novos

Eyangelho do artista

A Haroldo Daltro

*Prende ao teu rosto a mascara do riso
e que ninguem sorprehenda
o teu soffrer secreto.*

*Guarda, no intimo d'alma as tuas chagas
com o altivo pudor das alma nobres.*

*Ama, não porque te amem—o que é pouco—
nem para que te amem,
mas pelo bem que o amor te proporciona ...
No mesmo amor condensa amores varios
e em varios um amor somente vejas...*

*Sê forte e tolerante,
inclinado ao perdão e ao sacrificio.*

*Excusa alheias faltas:
pensa que o proprio sol tem suas manchas ...*

*Cuida da tua obra e que ella seja
o motivo elevado por que vives ...*

*Lembra que o bem é sempre mais difficil
e por isso mais alto.*

*Põe tua superior finalidade
no Amor da tua Arte
e no culto do Bello e da Bondade.*

Symbolos

A Menotti del Sicchia

*Vês aquellas estrellas,
altas, no céu, tão proximas, tão juntas,
que quasi os raios de ambas se confundem
e a luz que uma projecta outra reflecte ?*

*São gemeas, certamente,
ou são dois amorosos desposados
que do céu o amplo thalamo reúne . . .*

*Tão proximas ! dirás . . . E ninguem sabe
a distancia infinita que as separa !*

* * *

*Vês aquellas palmeiras,
longe, na curva do horizonte immenso,
uma a leste, outra a oeste, solitarias,
da varzea enorme ao fim marcos silentes ?*

*São, talvez, eremitas,
viuvas, que a viduidade empolga e enluta
ou virgens castas, para o céu voltadas . . .
Tão distantes ! dirás . . . E o póllen de uma
busca os pistillos de outra, ao vôar da aragem !*

Sevilha

A Martins Fontes

*Nome que canta e estala ao som das castanholas,
que lembra viellas medievas escuras,
dardejar de punhaes e tons de serenata,
langues morenas de mantilha
de olhos grandes, brilhantes e sombrios . . .*

Sevilha,
terra eleita do meu espirito de poeta,
que evócas ao meu sonho
toreros embuçados, majas lindas . . .
Terra do amor platónico e suave,
e entrevistas á luz da lua castelhana
(única lua que ficou romantica
nesta éra de luas futuristas . . .)
Sevilha . . . O' quem me dêra sêr aquelle
Bartholomeu Bueno de Rivera,
—meu ascendente heroico—
que sinto ainda viver no sangue de meus filhos !

Jardim de Armida

El Goulart de Andrade

A Arte é o meu Jardim de Armida.
Longe da luta ingloria que, lá fóra,
a Ambição, a Riqueza, a Força, o Odio
e o Amor mantêm accesa,
vivo no teu jardim de maravilhas,
ó Arte, doce amiga
que prendes teus eleitos no fascínio
dos teus parques formosos e dormentes !
Rinaldo de cruzadas rumorosas
a teus pés vim depor o meu pennacho,
e ao teu flanco embainhei a espada heroica,
para viver cultuando o teu prestigio.
Encarnação da Graça e da Belleza,
és bem Mulher, ó Arte,
e em ti resumo, como num compendio,
todo o ideal que anda esparso pelo mundo
na alma e no corpo de milhões de Bellas !

Esto memor

A Andrade Muricy

*Para sêmos felizes nesta vida
 basta a lembrança da felicidade . . .
 Lembrar . . . Dom superior a qualquer outro . . .
 Lembrar o bem perdido é regozal-o.
 Lembrar o mal passado é confortar-se
 no pensamento de que tudo passa.
 Lembrar que a vida fôge é ser um forte, um ho-
 e aguardar, de alma impavida, | mem, |
 a dôr e seu cortejo, a morte negra
 e o que vier depois da morte . . .
 Lembrar que a hora que passa já não volta
 e que a hora que vem ha de passar depressa
 —seja de dôr ou de alegria—
 nos faz viver conformados e puros.
 Si tudo acaba, tudo passa, tudo morre
 para que se extenuar pelo sonho de um dia?
 Vivamos da Saudade,
 —única vida real, única realidade
 vivida !*

Minas

A Mario de Lima

*Bôa terra mineira,
 tens para mim o ar de uma velha avózinhá,
 que, ao fundo do passado,
 na moldura do sonho e da saudade,
 me acena, meiga e amiga.
 Altitudes do Serro e de Ouro-Preto,
 valles do Sabará e Rio das Mortes,
 quantas evocações, quantas saudades !*

*Não Minas das sumptuosas avenidas
da Capital, sorrindo em luz e flôres,
mas a Minas de antanho, virgiliana,
bucolica, suave,
terra em que os ouvidores eram poetas
e garimpeiros namoravam donas!
Minas de Villa-Rica e do Tijuco,
de vida quasi biblica e serena . . .
Amores de Gonzaga e de Marilia,
que despertaram minha adolescencia . . .
Minas! terra de sonho e de poesia
que nunca vi e vejo mais que todas!*

Depois de lêr "Regret" de Maupassant

A Cleomenes Campos

*Vêr a vida passar e saber que não volta
aquella hora, aquelle instante, aquelle ensejo
que deixamos perder-se!
O' o grande remorso a torturar-nos
de quanto nós podíamos têr feito
e por inercia ou medo não fizemos!
A saudade do que passou é doce e bôa;
a saudade que fêre
é a do que se esperou—e que não veio
e a do que veio—e nós deixamos ir se embora!
O' sêr só uma a vida! E tão grande a esperança
e os de-jeos tão vários!
O' sêr tão grande o sônho—e apertado, esmagado
entre as quatro paredes asphixiantes
da atroz realidade!*

A "minha festa de São Luis"

A M. Cavalcanti Froença

*Fui hoje á festa, no Collegio Salesiano,
á festa de São Luis, na velha capellinha.
O' como me senti de novo o que era outrora !
Minha alma pura de outros dias,
a alma de collegial, a alma de adolescente
reviveu naquella hora !*

*Vi-me qual fui, qual já não sou de ha muito . . .
O que jogava "barra" no recreio,
rezava o terço, acolythava a benção,
Tinha birra aos binomios e ao desêno
do velho mestre Sylvio . . .*

*O que andava, de "funda" a pegar passarinhos
e a apanhar marmelada na Lavrinha . . .
O que escrevia verso, ás escondidas,
lia Escrich e Macedo, em vago enleio,
sonhando ser o heróe de romances mais bellos...
O' quanta cousa me evocou aquella festa !
Meninos de batina, incenso, cantos lindos...
Evocação, saudade, lembrança,
és tú, por certo, a unica vida verdadeira !*

Introspecção

A A. Alves de Campos

*Que me importa o que vai lá fora pelo mundo?
O mundo do Poeta é d'olhos para dentro.
E' a alma só que lhe apraz vêr e considerar.
Olhos cerrados para o resto,
abertos para dentro da sua alma,
o Poeta desdenha as exterioridades . . .
O mundo interior é o unico verdadeiro.
Vêr—sem olhos, ouvir—sem ouvidos—lhe basta.
Tocar—sem o grosseiro e material contacto,
que avilta e que embrutece,
eis o que faz o Poeta.
Ama o sonho, a abstracção, a essencia, que é o in-
a alma, presa, contida | finito, |
na carcerula rude da materia . . .
E ahí está porque a paisagem muitas vezes
para o Poeta não tem alma:
a sua alma é lhe toda a infinita paisagem !*

José de Mesquita

A chimbuveira

A chimbuveira verde e ramalhuda,
sob os ninhos de que toda se estrella,
chora e soluça, timorata e bella,
á viração que os ares avelluda.

Quando, porem,—matilha a uivar,—sanhuda,
a tempestade, aos rancos da procella,
com dentes de granizo vem mordel-a,
então ella reage e se transmuda.

E' que, gemendo á viração dorida,
é que, vaiando o vendaval do norte,
da arvore triste ao sol e á chuva erguida

alma de heroe plasmada está no porte:
sensível ás caricias desta vida,
impavida ante os fremitos da morte.



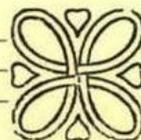
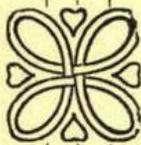
Passeio matinal

Caminho. Virgem loura, a madrugada
sacode sobre o cerro a cabelleira
das nuvens. Entre as flores da paineira
gorgeiam patativas pela estrada.

Revolvendo a caçoula perfumada
dos grotões escondidos na capoeira,
a briza sopra. O sol, numa quebreira,
boceja. Está bem próxima a chegada.

Aporteira, a colonia. Os céos se amantam
de luz. No arroio, que desliza, rindo,
batendo a roupa, as lavadeiras cantam.

Aqui o engenho, logo adiante, a venda.
Mais para o longe,—que scenario lindo!—
um ponto claro: a casa da fazenda.



A queimada

Ha pouco, tempo era uma luz escassa,
a chamma, que cresceu e ora irradia,
e ora é o incendio, que irradia e passa,
com o seu cortejo atroz de ruínia.

E' a queimada, que estronda a artilharia
bronca das moutas de bambús, e ameaça
o exercito em infrene gritaria
dos gaviões, que manobram na fumaça.

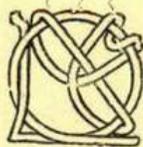
Dentro de pouco, reزارá o vento,
que das alturas pesaroso acode,
o funeral da mata ao firmamento.

E voluteando restará, sem rumo,
em espiraes, que o furacão sacode,
a mortalha das cinzas e do fumo.



Outono

Como um tecto vastissimo, muito alto,
que protegesse um tecto de tapera,
sobre a floresta aranhada de hera,
o firmamento é um pallio de cobalto.

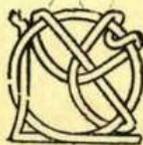


Da hemoptyse final no ultimo assalto,
ouro golfa, em caudaes, a primavera,
com a mesma pompa irial com que puzera
flores no chão e asas no azul planalto.

Troncos nus, galhos nus, hastas e espinhos
choram na voz do vento, ebrios de somno,
de um lado e de outro lado dos caminhos.

Pesa em tudo o socego do abandono.
Desnudam-se os rosaes, calam os ninhos.
Folhas ao léo, poeira, saudade, outono.

Lamartine Mendes



HOMEM

*L'âge avance; la beauté passe;
arrivent les années de l'abandou
et de l'ennui.*

DIDEROT

Tremulo já, barbas ao vento, vi-o.
Uma illusão, siquer, nelle cantava.
E o seu olhar, no chão, horas a fio,
Atribulações intimas marcava.

—Esse viveu, disse commigo. O frio
Do desamparo e magua ainda cortava
O pobre velho indifferente e esguio,
Que, entre negras visões, crepusculava.

E pude ver, na indefferença sua,
Uma velhice de saudades nua,
Toda cercada de infortunio e dor;

E em seu olhar, de morbidez tamanha,
Como um desabamento de montanha,
A ancía negra dos reprobos do amor !

Allyrio de Figueiredo





HORAS

Ao querido amigo e grande poeta José de Mesquita

Hora do amanhecer. Hora divina
Em que eu ia da matta o seio haurir;
E, no seio da matta ou da campina,
—Sorrir.—

Hora do meio dia. Sol a pino.
Toda a alegria que se pode ter
Aureolava-me a testa de menino
—Viver.—

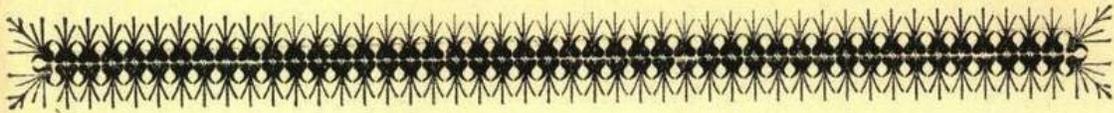
Hora crepuscular. Pelas veredas
Pairava, doce, a Ave Maria, no ar . . .
E eu demandava, absorto, as alamedas . . .
—Sonhar.—

Hora da noite, de amargor repleta,
Meu leito, minha lagrima a correr . . .
Hora sagrada que me fez poeta
—Soffrer! —

Allyrio de Figueiredo

(Do livro por sahir POEMAS E POEIRA





Um discipulo de D. Aquino

José de Mesquita

Dizer de D. Aquino Corrêa, como Principe das letras cuiabanas, sem mencionar o seu immediato, José de Mesquita, o mesmo é que diminuir-lhe uma das qualidades, a de fazer proselytos, e apresental-o como elemento exotico, estranho ao meio, sobre cujo movimento intellectual não actuaria.

A realidade, porém, está no opposto de tal conceito e basta para evidencial-a a formação de J. de Mesquita, que iniciou os estudos no mesmo collegio salesiano, ainda alagado da fama do seu futuro director espiritual.

Depois, separaram-se, tomando este o rumo de Roma, ao passo que o outro estanciava em S. Paulo, cuja Escola de Direito entrou a frequentar.

Transpôs o curso academico, sem abjurar as suas crenças embora as diluisse o spectaculo do ambiente academico, a cuja influencia já preferia afastar-se da igreja e gozar, ao domingo, "o seu aspecto de bohemia, as romarias de *grisettes*, o *football*, os cursos, as corridas, tudo, emfim, que forma a alma instavel e variada das cidades grandes", como confessou mais tarde, ao admirar-se: "ha quanto tempo eu não ouvia uma missa nem via uma procissão !"

Na esteira dos Parnasianos

O temperamento literario, que trazia do berço, dignificado pelo primeiro José B. de Mesquita, conferencista acerca da abolição, da republica, da educação da mulher, antes de 1889, levou-o ao jornalismo.

A crer nas informações indiscretas dos contemporaneos, ensaiou o humorismo em quadras ligeiras, de que pareceu mais tarde esquecido, para só lembrar-se das chronicas; ainda hoje relidas com deleite, dos contos e poesias, com que entremeiava os seus estudos juridicos.

Era o tempo em que Bilac pontificava, sem contraste, e á sua influencia impregnou-se de parnasianismo, que o fez cantar a *Ode á Arte*:

E's tu que, desde as épocas primevas,
Nessa lenta ascensão da humanidade
para o progresso e a perfeição suprema
nos guias e confortas.

Arte, consoladora e doce amiga
que de mil formas a minha alma encantas,
e que da vida no arido deserto
abres risonho oásis,

tu és a eterna deusa, o eterno nome,
quer Athene te chames, quer Minerva,
quer na florida Hellade te adorem,
quer no Lacio glorioso.

E's sempre a Arte, quer no marmor branco
do estatuario o escopro te modele,
quer vibres nas esplendidas estrophes
de um poema parnasiano . . .

Não sómente a maneira parnasiana se lhe manifesta no poe-
tar, como lhe apraziam os proprios themes postos em voga pela
escola dominante, que mergulhava no Oriente, em busca de as-
sumptos poeticos.

Assim, em Hellade, vae na mesma esteira:

Tenho uma alma de rude primitivo
cheia da nostalgia do passado
e no presente a contragosto vivo
como um pobre exilado.

Estas cousas presentes que aos de agora
tamanho gosto e encantamento trazem
aos meus olhos, tão cheios das doutrora,
nenhum effeito fazem.

Phenomeno talvez, desse atavismo,
a que furtar-se ninguem póde, sinto,
quando sozinho no passado scismo,
viver um mundo extincto.

Vejo a Grecia risonha, iluminada
da viva luz do sol daquellas eras,
como uma doce virgem corôada
de pampanos e de heras.

Sabios pelos jardins da Academia
discutem as questões mais elevadas,
mas eis que vêm passar uma theoria
de bachantes rosadas,

e a Belleza os empolga inteiramente
e eil-os que a seguem. Nada mais exigem . . .
A Hellade divina é certamente
o meu paiz de origem . . .

Depois da Grecia, a Idade Media lhe estimula o estro, em
Medieval, Volta da Palestina, e Castellan, que finaliza com os
tercettos expressivos:

Ainda ha pouco, ao vos ver, imaginava
que ereis uma "duchessa" e me fazia
pagem e trovador que vos amava;

e quando, ao luar divino de Veneza,
minha guitarra languida gemia
vós me acenaveis da janella accessa . . .

Vivia livrescamente no irreal, e quando torna á actualidade é
para debuxar as paizagens por onde passeiava olhos observadores,
como em *Montevideó, Tietê, Paizagens Cariocas*.

Não se conclua, porem, que a inspiração lhe derivasse ape-
nas dos panoramas naturaes e das leituras dos seus autores pre-
dilectos, em que primavam os francezes.

Na *Escalada*, focaliza a luta do homem, e desenvolve em
versos novos um thema velho, como recommendava um dos seus
idolos literarios:

Intrepido, arrojado, o explorador procura
o alto galgar do monte abrupto. Quasi a meio
para e contempla a enorme e desmedida altura
e lá em baixo, distante, a aldeia donde veiu.

Não obstante sobe e sobe mais. Escura
rasga-se a fauce má do hiante abysmo feio

Mas brilha em seu olhar o entusiasmo, a bravura,
e não acha guardada em seu peito o receio.

Lá, no alto, é a Gloria. Lá, é a conquista do sonho.
ephemero e fugaz, mas querido e risonho . . .
E prossegue a escalada heroica e destemida . . .

Mas, de repente, os pés falseiam-lhe e, rolando,
elle tomba, de pedra em pedra, agonizando . . .
O homem é o explorador... A alta montanha é a Vida...

E em *Epopea*, antes do englerismo, considera o choque das
raças, que ameaça aniquilar a propria civilização:

Seculo vinte, a luz que de ti se irradia
entre clarões theatraes,
é a apotheose do sangue e da selvageria,
em que o homem se compraz!

E a epopea, a que agora assistimos, transidos
de commoções mortaes,
é o suicidio da raça, aos tragicos gemidos,
das convulsões finaes !

Todavia, a espaços, já o lyrismo lhe repona em paginas
como *Extranho culto*:

O amor é tão trivial! Quero a ventura
de desejar-te apenas toda a vida
é que, ao partir deste exilio tristonho,
eu possa contemplar-te bella e pura
dentro do santuario do meu sonho.

e iria precisar-se, particularizando, quando conheceu a sua
Musa, a quem declara:

Todos os versos meus são teus, querida,
mesmo os que fiz sem bem te conhecer,
porque tu foste em toda a minha vida
a que sempre esperei antes de ver.

Visceralmente sentimental, o potencial de ternura que sentia
em si mostrou-lhe o sentido real da vida e a verdadeira poesia,
que difficilmente poderá prescindir de uma figura de mulher.

O *Epithalamio* recorda confissões expressivas de uma alma enamorada, que á luz daquelle “doce olhar cheio de graça, cheio de meiguice e de amor”, se faz romantica.

Foste tu, o' mais bella entre as mais bellas
que a minha musa dubia e vacillante
dirigiste e lhe deste um alvo certo.

Unica.

Sinto que te encontrando
achei a explicação de minha vida.
Eu te vivia procurando . . .
numa ancia indefinida . . .

Tu havias de vir, mas como ? donde ? quando ?

.
Querida, ouve, entre tanto desengano,
tanta illusão,
o pobre ser humano
só é feliz si tem o amor no coração
Bem dita sejas, meu amor, minha paixão.

Suggestões.

Influencia de D. Aquino

Simultaneamente, a essa causa modificadora da sua inspiração foi accrescida outra que o encaminhou para differente rumo, quando, em Cuiabá, reviu, de regresso tambem dos estudos, a que fôra, o então Padre Aquino, no começo da sua trajectoria admiravel.

O religioso não poderia applaudir o que recentemente nomeou de “oblata ás aras de Cythera”, em que não se entenderiam os dous amigos e irmãos em crenças.

Mas, estuante de patriotismo, não lhe foi difficil attrair para o seu culto civico o joven poeta, que, aliás, já entremostrava, a espacos, tendencias analogas.

Eu amo immensamente essas cousas antigas
que têm o ar grave e bom das pessoas amigas.

Cousas antigas.

Quando eu voltar, decerto, a natureza amiga
ha de reconhecer-me e, em cada cousa ou ser

a que doce lembrança a minha vida liga,
a mesma voz e gesto hei de ouvir e hei de ver.

Hão de, reconhecendo a criança de outrora
que ellas viram partir por um dia de dor,
as arvores cantar pela ampla voz canora
das ramagens ao vento uma canção de amor.

A volta.

A convivencia renovada com o pregador foi gradualmente distanciando-o das reminiscencias das leituras parnasianas, de que sómente conserva a forma escoreita, e o apuro no frasear, bem como dos assumptos vedados pela censura ecclesiastica.

Substituiu o "mar azul" da Hellade, pelo Cuiabá, "azul e dourado com seus reflexos de estanho", e os heroes gregos e medievaes pelos "descendentes dos fortes bandeirantes que desbravaram o sertão natal".

Expressiva de nova mentalidade, a sua *Bucolica Regional* definiu-lhe as tendencias resultantes:

O' vós que celebraes extranhos cantos
e ceus extranhos—vinde aqui commigo
gozar destes logares os encantos
neste valle sombrio, doce e amigo.

Ouvi do riacho os soluçantes prantos
cujo rythmo suave não consigo
reproduzir na musica de tantos
versos que escrevo e sonhos que não digo . . .

Deixae Tyrsis, Corindons e Amarillis,
flautas de Syrinx, Naia ardente e bella,
ideaes amores de alouradas Willis,

que mais val ver *Sio Juca* na viola,
nhá Maria cosendo, e, na janella,
Joanninha a rir para o Mané Pachola.

Era, como se vê, outro homem, que resurgia do escombro dos idolos destruidos.

Mais do que, porém, na poesia, a influencia do pregador patenteou-se em outras manifestações.

Centros de Estudos

Foram ambos os mais entusiastas fundadores do "Centro Mattogrossense de Letras", cuja revista, de rara pontualidade, já atingiu o numero XIII, em sete annos de existencia.

Não é propriamente miniatura da Academia, embora lhe tenha tomado varias suggestões, mas um gremio, para cuja organização preconizou, em artigo de propaganda, "uma amplitude de horizontes, um programma muito mais vasto que os dos congenères existentes no paiz", que não excluisse das suas cogitações certos problemas como: "a guerra ao analphabetismo, a diffusão da cultura geral nas diversas camadas sociaes, o estudo dos nossos homens de letras, na sua vida e nas suas criações, a propaganda das suas obras literarias e artisticas, enfim tudo quanto diz respeito á criação de um ambiente intellectual na nossa sociedade, tão descurada até hoje desses assumptos.

Promover e desenvolver, por meio de saráus artisticos, o amor, o culto da arte no nosso povo: diffundir, dentro e fóra do Estado, trabalhos originaes de conterraneos nossos, criar uma revista literaria que sirva de vehiculo á transmissão desses ideaes superiores que reformam o sentimento collectivo e impulsionam o progresso; facilitar a publicação de obras ineditas, estabelecer premios, que sirvam de estímulo aos trabalhos dessa natureza".

A esse programma inicial, outros accrescentariam o estudo do folk-lore mattogrossense e dos costumes, expressões artisticas e variantes dialectaes, pelas quaes se manifestam as tendencias regionalistas na literatura, de que Mesquita se fez o mais fervoroso apologista.

O nobre idealismo com que se dedica á manutenção e engrandecimento do "Centro", conquistou-lhe a primazia, que nenhum consocio lhe disputa.

Ao mesmo tempo, fundou-se o Instituto Historico local, de que ambos participaram, com ardor optimista.

Se o "Centro" lhe ensejou ambiente propicio ás poesias que, prefaciadas por Dom Aquino, se enfeixaram recentemente na, *Terra do Berço*, parceira da *Terra Natal*, do prefaciador, o Instituto estimulou-lhe o espirito para outras directrizes.

De principio, sentir-se-ia por ventura deslocado, a versar themas na apparencia improprois a quem se comprazia no convívio das musas.

Limitou-se, feito orador, a nobilitar a memoria dos que iam desfalcando o numero dos consocios, pela ausencia irreparavel.

E as biographias, que teceu, posto em forma de panegyrico, já lhe denunciavam o gosto, com que se entregava ás pesquisas, para apresentar trabalho aprimorado.

● Genealogista

Por fim, engolfou-se no passado, com volupia, lembrado, provavelmente, do exemplo do primeiro historiador do Brasil.—Southey, cujos dons poeticos não se apequenaram no manuseio de alfarrabios referentes, de mais a mais, á vida de um povo, que não era de sua raça.

Perquiriu os archivos, que lhe chegassem ao alcance, delectou poeirentos papeis, testamentos e assentamentos ecclesiasticos, com a acuidade critica de pesquisador envelhecido na rebusca de preciosidades ineditas, andou, por toda a parte, á cata de informações, que lhe permittissem rastrear o descobrimento das familias, que se esgalham fecundas, e se cruzam pelas eras afóra, exigindo paciencia benedictina de quem as queira conhecer por miudo.

José de Mesquita, para se mostrar identificado com os ideaes do Instituto, quiz ser genealogista e o conseguiu, pelo trabalho porfido, pelo discernimento na escolha dos informes, pela exacção e methodo em expol-os, com o “proposito de reconstruir, através de uma familia, a vida passada de um povo ou sociedade, resultante de que essa mesma familia é valiosa componente”, convicto de que “ramo e auxiliar importantissimo da Historia, cujo estudo se lhe acha intimamente vinculado, a Genealogia, de grego *génos* (raça) e *lógos* (discurso) tem as suas mais profundas raizes em épocas immémores e póde dizer-se que ella precedeu a propria Historia, como na evolução humana a familia, o clan e a tribu antecederam á organização dos povos como entidades sociaes definidas”. (O Capitão-mór André Gaudie Ley e a sua descendencia).

Assim se emparceirou, de golpe, aos melhores linhagistas, como quem sabe amenizar a exposição rigorosa das suas conclusões com entrechos literarios, quando o assumpto lhe ensancha facilidades.

Outros ensaios deu aos prelos da *Revista do Instituto*, reveladores do perfeito conhecimento que tem dos fastos matogrossenses.

Simultaneamente, ingressou, pela mão de D. Aquino, na magistratura, em que, a breve prazo, alcançou a promoção para o Tribunal da Relação, onde, feito desembargador, serviu, por an-

nos a fio, de procurador geral do Estado, e nesse caracter falou em todos os feitos.

Os pareceres que então elaborou darão para mais de um alentado volume, ainda mesmo considerados apenas os que vieram a lume nos *Annaes Forenses*, que fundou, juntamente com o juiz de direito Palmyro Pimenta.

Se em quantidade avultam, não os desmerece a qualidade, pois raro foram contrariados pelo Tribunal, que nelles habitualmente alicerça a jurisprudencia, por lhes reconhecer a cultura superior do interprete, o tino juridico, a expressão exacta e es-correita.

Actividade multiforme

Assim, em cada uma das publicações, de cuja fundação participou, Mesquita estadeia differente modalidade do seu espirito.

Na *Revista do Centro*, figura feito poeta e mais ainda, *conteur*, conhecido tambem dos leitores da "Illustração Brasileira" e da "Revista do Brasil" de Lobato.

Ainda recentemente ahi deu a lume a *Lolota*, deliciosa pagina evocativa, que lhe revela a preferencia para estudar os estados d'alma em analyse introspectiva.

Na do *Instituto*, transfigura-se em ensaista, attento aos ensinamentos de João Mendes de Almeida, para quem "a Historia das Nações não é senão a biographia dos individuos, a chronica das familias, os annaes das povoações, formando tudo isso um conjunto de tradições gloriosas".

Pelos *Annaes Forenses*, pontifica o jurista, conscio do seu dever social, que ainda lhe orienta a rara actividade em outra manifestação, onde mais intima se revela a sua alliança com D. Aquino, de cujo pensamento é o mais autorizado interprete na *Cruz* órgão catholico, onde defende os seus ideaes religiosos, com a mesma convicção, que lhe norteia, sem guinadas, nem rodeios, o proceder, em qualquer eventualidade.

O homem não destôa do escriptor.

Integro, de uma rectidão hereditaria, que a educação robusteceu, afez-se á judicatura, como se jámais outra cousa tivesse experimentado na vida.

E, pela justiça, como se acha organizada, prendeu-se ao passado, á tradição dos que lhe constituiram os postulados.

Em taes condições, não lhe apraz o prurido renovador dos que, em literatura, mettem á bulha os seus predecessores, contra cujo nome investem com o camartelo do "pau Brasil".

Catholico romano em religião, de crenças arraigadas e fé sobranceira aos remoqueos do modernismo, Mesquita ao primeiro toque de clarim alistou-se entre os que combatem os revolucionarios literarios da "Paulicéa desvairada", posto não lhe desagrade o objectivo social dos inquietos innovadores, que pretendem surpreender a realidade brasileira, e interpretal-a condignamente.

No mesmo alvo, Mesquita põe a mira, embora adopte processos oppostos, sem acceitar, em versificação, a irreverencia com que os libertarios espesinham os canones parnasianos, e na linguagem, o excesso de reclamistas americanos, mediante o qual, para darem na vista, pretendem apressar a evolução linguistica, e conceder fôros literarios ás expressões, que muitas vezes não passam de *argot*.

Sem ser um classico ou archaizante, personifica a Ordem no proceder, nos costumes, nas idéas, como tambem nas letras, e por isso escreveu D. Aquino, com a autoridade intellectual de academico:

"Urge nacionalizar as nossas letras. E José de Mesquita dispõe de largos recursos para collaborar brilhantemente nesse patriotico programma. Não é um desses trovadores vulgares, que passam a vida a versejar as mesmas idéas e lugares communs, com meia duzia de vocabulos poeticos. E' um estudioso. Já é um erudito. E' um pesquisador intelligente e infatigavel dos nossos archivos.

Cultiva, como poucos, o vernaculo. Prima tanto no verso como na prosa. E, o que mais importa, é um espirito superiormente orientado pelos ideaes mais nobres e puros".

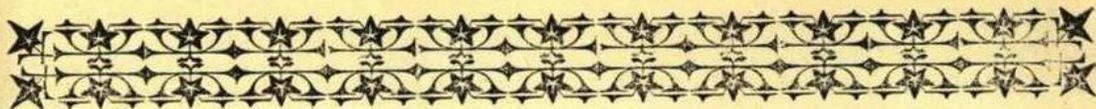
Assim conceituou o Arcebispo de Cuiabá, com as responsabilidades de director espiritual da sua archidiocese, para paten-tear o alto apreço em que a Igreja tem a Mesquita, seu devoto servidor e defensor infatigavel.

Individualidade desse feitio, não iria bem na companhia dos iconoclastas, cujas modernices se lhe afiguram heresias literarias, tão perigosas quanto as religiosas.

Entretanto, se entrevê, atravez da mascara apparente de algum desabusado revolucionario, a revelação de verdadeiro talento, não deixa de admirar-o, e envolvel-o em sua ampla tolerancia, tão grande que contrasta com a firmeza das suas convicções.

Intransigente, como doutrinario, é de extrema condescendencia para com os homens, que nelle têm o melhor dos companheiros, de um coração impermeavel á maldade, e agudeza intellectual, qua a cultura valorizou.

V. Corrêa Filho



Tio Leandro

Meu tio Leandro foi um dos caracteres mais eccentricos que me foi dado conhecer.

Minha memoria reproduz sem esforço sua figura inteira e si seus traços carecerem da nitidez nestas linhas, será por falta de agudeza de observações, na pouca idade em que conheci tio Leandro.

Era uma alegria quando de raro em raro elle apparecia em casa:—Ora viva, sempre tio Leandro veio ver-nos !

Arrodeavamo-lo com alvoroço, tomavamos-lhe a cartolla de pello luzidio e a bengala com o interessante castão de cabeça de bull-dog, e logo lhe pediamos o phosphoro de sobrecaixa de metal com um interessante espelhinho.

Dahi a pouco a partida de bisca com meu pae, e ficavamos embevecidos contemplando-lhe a bella barba nazarena, já grisalha, o bem feito nariz judaico e o rosto pallido de asceta, animado pelo brilho de seus olhos pequenos e vivos.

As vezes tio Leandro esquecia as cartas e pegando de um assumpto qualquer, desenvolvia longa, exhaustiva palestra, entremeada de citações literarias e proverbios latinos. Tinha fama de temivel *causeur*. Para mim a palestra sahia-lhe assim comprida como despique do longo silencio da sua reclusão forçada como celibatario maduro e de irreprochavel conducta.

Depois do chá ainda discorria, e só se retirava pelo aviso da petizada em bocejos e cochilos distrahi-dos nas cadeiras aos cantos da sala.

E para a nossa imaginação infantil era mysteriosa sua sahida, como a passagem daquella figura de Hoffmann, o Dr. Coppelius, de trajes obsoletos, casaca e catimplorio, que jogava areia nos olhos das creanças quando estão para fechar de somno.

Despertavamos então ao rumor das despedidas, meio tontos procurando o engraçado bull-dog da bengala ou o espelho do phosphoro: tio Leandro já se fôra embora.

Meu tio Leandro foi o unico celibatario integral e perfeito que conheci. Não se lhe soube na vida de qualquer rastro de mulher, por mais leve, de aroma, por mais delicado e subtil, da eterna seductora . . .

Sua casa tinha uma ou outra janella semiaberta. Nem uma alegria a abria de todo, pezar algum de todo a fechava. Alegria de um baptisado, por exemplo, ou pezar de um enterro. Tinha só aberta a porta da rua, o resto cerrado ou semi-fechado.

De casas assim é que diria o Eça: as casas fechadas têm a expressão sinistra dos rostos idiotas.

A primeira vez que lá fui, foi para lhe levar uns volumes de Lamartine e receber outros já lidos. Eram pesados, de encadernação luxuosa, e me deram odio a Lamartine. Seria possível que meu tio lesse as "Meditações" ?

As dependencias da casa nada tinham de notavel. Interior singelo, moveis *demodés*, enormes, pesadões, candelabros com bobeches de crystal, afogados no abandono da poeira. Perto da alcova do seu casto leito de metal, ficava um canapé atulhado de folhetos, brochuras e prospectos de companhias e sociedades anonymas. Deitado mesmo, tio Leandro repastava tudo aquillo em absorvente estudo do cambio, dos dividendos, o mundo pavoroso das finanças. A bibliotheca, si assim se pôde chamar uma fila de dez estantes pequenas e sem vidraças, ficava noutra camara, e nada posso dizer

sobre o valor intrinseco della, senão que me infundia respeito como a primeira que via.

Soube depois que tio Leandro era dado ás letras e gozava os fóros de polemista invencivel. Não pude formar seguro juizo sobre taes pendores, dado seu costume de não assignar seus artigos, e um unico destes, de authenticidade garantida, foi insufficiente para tanto. Lembra-me apenas o titulo: *Gato escondido em duplo chinó, negando-o, apezar de furado.*

Meu Deus, será facil escrever assim difficil ? !

Tio Leandro era homem de bellos principios austeros. Seu mal é que não lhe bastava a satisfação de seguil-os.

Exigia a sua pratica de todos, com especifica razão, dos homens publicos. Para elle o politico, alem de corpo e alma dedicado á causa publica, deveria ser de honradez a toda prova, intemerato como os varões da antiguidade. Nem treguas, nem perdão aos erros delles: denunciava-os, dava-lhes combate com acrimonia e afinco. Talvez por isso é que cedo foi posto á margem dos negocios do estado. De certo elle não perguntou, como o grego, a razão do seu ostracismo, comprehendendo bem a colligação dos interesses contrarios aos da sua honestidade.

Alias soube dissimular qualquer resentimento disso, combatendo a remuneração dos cargos electivos a que jamais voltaria, campanha essa tanto mais singular quanto o julgavam avarento.

E' facto: tio Leandro passava por sovina.

Quando soube desse estigma da opinião publica, que senhora temivel, de crueldade e injustiça revoltante, pareceu-me a tal opinião, tanto a vida de tio Leandro me parecia liberal. Entenda-se: liberalidade segundo o criterio de creança, para quem qualquer dadiva é de inapreciavel valor. Mas emfim sempre me parecia que a humanidade quer que se lhe dê de bom grado o que

às vezes só adquirimos por força ou por estratagemas: *aut vis, aut fraude*, conforme o mesmo latim do tio Leandro.

Todavia esse consenso unanime ensinou-me a proporção das cousas. Elle era avaro em porporção á fortuna.

Uma vez vieram-lhe com um plano para uma companhia de bonds. Estudou os estatutos de cabo a rabo e devolveu-os impassivel.

—Si o projecto for avante, cortem-me o pescoço si a companhia der lucros.

—Os lucros do começo são avultados e certos, replicaram.

—Os lucros do começo não querem dizer uada, contestou meu tio. Todas as companhias têm que dar lucros ao menos no começo . . . Maiores dividendos no principio, menores no fim . . .

—Mas as probabilidades . . .

—Nada importam as probabilidades. O capital quer sempre certezas para engordar.

—As nossas garantias moraes . . .

—São as peiores, as garantias moraes, abstractas, impalpaveis, ethereas.

Em summa, tio Leandro não adquirio nem uma acção. A companhia fundou-se muito bem sem elle. Falliu pouco depois. Então todos os rancores se voltaram contra tio Leandro, culpado de salvar seu capital.

De uma feita um foliculario pediu-lhe um emprestimo. O emprestimo foi recusado,

Tio Leandro soffreu uma verrina de escacha, com a miuda analyse da sua vida, glozada sob o labéo de avareza.

O certo é que elle não se suppunha avaro e lembra-me ouvil-o citar proverbios de Maricá e uma pagina de Massilon sobre o vicio da usura. Inane, pois, o preceito socratico:—*nosce te ipsum*. Deus meu, quem se

conhece a si mesmo? Nosso eu real é tão diferente do nosso criterio, como do julgamento dos outros, que por isso pouco logramos nos corrigir, como pouco consegue outrem nos ensinar . . .

Tempos depois a leitura do *Gobseck* encheu-me de espanto. Possivel? Balzac punha-me inteira e viva deante dos olhos a figura de tio Leandro, sem faltar uma linha, um ponto, um contorno. Fusão de duas personagens numa só.

Ambas com bella dentadura perfeita, conservada até a extrema velhice. Rosto sem rugas, pelle de marfim amarellado, mas não gasto, forças poupadas, sensações controladas, economisadas, tudo vencido pelo tempo e não pelo desperdicio.

Tio Leandro morreu sem os incommodos e as despesas de uma doença.

Vivera só, morreu só. Sua morte foi uma surpresa para os seus herdeiros.

Surpresa dupla, ou tripla, como vão vêr. Primeira surpresa,—a morte repentina. Segunda, — o avultado do espolio, muito além da previsão de todos os calculos: o homem viveu pobre, mas morreu milionario.

Seus inimigos perdoaram-lhe então os defeitos todos, até mesmo aquelle que entrava como refrão em todas as polemicas. Era uma consideração aos herdeiros e renderam-lhe mesmo brilhantes necrologios, si pode haver brilho nesta materia.

Seus herdeiros porem, estavam todos desherdados em testamento que consignava tudo a institutos de beneficencia a serem fundados em nome d'elle—tio Leandro.

Foi esta a terceira surpresa, talvez a unica dolorosa e que lhe valeu alguma lagrima, ao bom e inescusavel tio Leandro . . .

Cesario Prado

Fevereiro de 1927.

O Corvo

Crocitando, vil Corvo em remigio ligeiro,
Ei-lo, em onda de luz, pelo azul mui constricto,
E nem nota talvez, nesse ardor condoreiro,
Que o negror do seu vulto é um borrão no infinito !..

E no alto, bem alto, é de todos—primeiro...
Nem rei, nem Gran-Vizir... só elle o Corvo invicto...
E as azas espalmando, em circulo faceiro,
Escarnece, a sorrir aos montes de granito !

Mas de repente o Corvo uma carniça fita :
E do aureo esplendor dos céos se precipita
E se atira voraz a podridão infecta ! . . .

Como o Corvo tambem quanta gente não deixa
Todo o puro ideal que a sua alma enfeixa
E se engolfa do vicio em torpeza abjecta.

Franklin Cassiano

O CURURU'

*"Ao meu prezado amigo, distinto e consagrado
intellectual Des. Barnabé de Mesquita"*

Fervilha o cururú no rancho de acury,
A' luz da vela de garganta e de pavio,
Emquanto se desfaz em prantos por ali,
Viola de ximbuva e tripas de bugio.

E assim que o violeiro geme no bordão,
Fazendo soluçar a musica brejeira,
As morenas bonitas que dançando estão,
Acompanham cantando o côro a noite inteira:

Maré encheu,
Maré vasou,
O cabelo da morena,
Foi Baptista que cortou.

Eu não tenho medo da onça,
Nem da pinta que ella tem;
Tenho medo da morena,
Quando chega a querer bem . . .

E o cantador destemido,
Já meio aqui, meio ali,
Solta o verso que é applaudido,
Sorrindo cheio de si:

"Lá na matta do Fuzí,
João Caetano me fallô,
Que as muié do Taquary,
Co'a vida delle acabô."

E na manhã seguinte quando o gallo canta,
E a madrugada, pouco a pouco, já se vê,
A voz da morenada alegre se levanta,
Tristonha a soluçar: "não deixa amanhecê!"

Vandoni de Barros

CARTA

Senhora : Adeus. E' o fim do nosso sonho.
Eu cheguei a pensar que, enamorado,
Fosse feliz vivendo ao vosso lado
E um futuro gozasse, almo e risonho.

Mas, não ! Eu fui um louco. Hoje, suponho
Vosso viver sereno e socegado
Junto de outro feliz, talvez amado,
Seja uma afronta ao meu pezar tristonho.

Esquecei-vos de mim. Perdoai se o vosso
Amor-proprio offendi. A alma repleta
De odio e de angustia suffocar não posso

Dentro do meu orgulho, que a devóra :
Porque, apesar de ser um pobre poeta,
Eu não supplico o vosso amor, Senhora !

Castro Brasil

Velhas cartas

Essas cartas de amor que outróra me escreveste,
No tempo em que te amei e em que me amaste—são
Para mim, hoje que de tudo te esqueceste,
Uma reminiscencia, uma recordação . . .

Umas, chorósas—quando a saudade soffreste,
Outras, alegres—quando a.námos na illusão,
Todas sabendo áquelle estilo em que verteste
Tua alma de mulher, no fogo da paixão.

Tu nem te lembras mais dessas cartas—quem sabe!—
Que te importa, tambem, que eu as tenha queimado,
Que esta historia de amôr para sempre se acabe?

—Velhas cartas—dirás, absorta, esquecida . . .
Velhas cartas . . . mas são a historia do passado
Do mais sincero amôr que tiveste na vida!

Castro Brasil

TROPICAL

Inverno. A arvore secca, desgrenhada,
Os hirtos galhos para o Ceu levanta . . .
A ave, tristonha, o hymno já não canta
A' luz—na róta rútila obumbrada.

Eis chega a Primavera,—eis a alvorada
Chega da Natureza: ao sol a planta
Floresce e a ave, na módula garganta
Põe todo o coração, de apaixonada.

Verão: tarde, tristesa, hora de sonho . . .
Sobre os campos a noite vem descendo
Num suave crepusculo tristonho . . .

Perdem-se, no horizonte, as serras, longas . . .
E ao longe, pela matta, vai morrendo
O arrastado gritar das arapongas . . .

Castro Brasil

ANSIA ETERNA

Subí ao ultimo degrau do sonho !
O que sinto, o que vejo ? Treva e poeira . . .
E esta febre, e este anseio, e esta canceira,
Sem ver nada, onde quer que os olhos ponho !

Mas, não ! eu vejo sim. E' uma caveira,
O phantasma terrivel e medonho
Que sumiu no deserto ermo e tristonho
Com a minha esperança derradeira.

O que resta de tudo que hei sonhado ?
A alma desesperada, como um louco,
Dentro desta carcassa de humilhado . . .

E, assim, numa agonia demorada,
Sinto que já me invade, pouco a pouco,
A formidavel sensação do Nada . . .

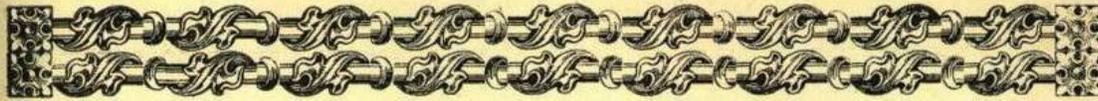
Castro Brasil

Na pista de ROCINANTE

(Resposta ao Sr. Luis Marat)

A Vergilio Correia Filho,

nobre espirito votado sempre ás altas cousas da vida



Na pista de Rocinante

(Resposta ao Sr. Luís Murat)

Não dirás falsos testemunhos contra o teu proximo. (E'xodo, 20, 16).

Qui dit ees choses ? . . . , Cette bonne personne . . . : la calomnie. Un homme est mort, l'injure ne lâche pas prise pour si peu. La haïuc mange du cadavre.

Les libelles continuèrent, s'acharnant sur ees gloires, frieux. (V. HUGO.)

Il faut traiter les choses de l'esprit avec l'esprit, et non avec le sang, la bile, les humeurs.

(JOUBERT).

Em junho de 1926, iniciou o Sr. Luís Murat, na Revista da Academia Brasileira de Letras, uma série de artigos intitulados *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*, onde, sob o aparente pretexto de comentar um livro do Sr. Graça Aranha, havia de facto a intenção viva de ajustar contas com a memória gloriosa e veneranda de Machado de Assis.

Prometendo ainda no ultimo artigo, de outubro, que continuaria a sua campanha, aguardei que a terminasse, para formar o meu juizo definitivo, ainda na doce esperança de que êle concedesse à figura de Machado alguma restrição piedosa. Decorridos dois anos, e não me parecendo que nela continue o ilustre academico, sinto agora, após haver repousado do choque produzido por tal leitura, pruridos de vir à arena, não para terçar armas com o ilustre academico, que a tanto não me atrevo, senão unicamente para cumprir um dever íntimo de admirador sincero de Machado, ou, porventura, da minha ingenuidade....

Traz-me portanto a estas grimpas não o muito de revolta que me haja despertado a attitude do Sr. Luis Murat, porém o muitissimo de respeito e veneração que voto à memória do autor de *Quincas Borba*. Não costumo escrever por odio ou por demolição; a simpatia por um assunto é a única razão que me leva a essa tarefa difficil.

Apesar de nos revelar a sua simpatia e entusiasmo pela figura excelsa de Nabuco, não se enveredou por este tema que lhe seria talvez mais agradável e faz consistir todos os seus artigos em ásperas censuras e campanha demolidora contra Machado.

Não sei como ainda hoje, depois da lição de Goethe, de Sainte-Beuve, de Carlyle, de Villemain, possa um espírito elevado de intelectual e poeta enveredar-se pelo caminho da falsa crítica, dessa crítica odiosa, feita de exclusivismo, de caprichos e rancores pessoais, de jacobinismo enfim.

Todo aquele que se propenha a grave tarefa de estudar uma personalidade, considerada não só literariamente, senão moralmente, corre-lhe a obrigação de consultar sinceramente a sua consciencia, a ver se o não perturbam rancores ou nicas pessoais contra essa individualidade.

A grande verdade afirmada e aceita, de que para a compreensão estética é condição necessaria e indispensavel, se não a simpatia, ao menos a tolerancia, vem encontrar no presente caso a sua mais patente contra-prova: porque a antipatia (melhor direi raiva) que nutre o Sr. Murat contra Machado de Assis é a origem dessa falta de compreensão, d'esses critérios inadequados que êle assume, dos raciocinios falsos e das conclusões injustas a que chega, ao longo dos seus artigos.

Encara a personalidade de Machado à luz de uma época politico-social, e, lançando invectivas contra o autor das *Memorias Postumas*, por não haver tomado parte no movimento, enaltece o nome dos paladinos dessa cruzada, não calando referencias muito justas à sua própria pessoa:

Vê-se que ainda o movem os entusiasmos e os ardores que o levaram a lutar em prol daquela causa, e que o tornaram credor da gratidão de todos os brasileiros. Mas o que me parece grave injustiça é criticar a vida e a obra de um escritor, com a furia com que se investe contra um adversario politico.

Glorias se devem ao Sr. Luis Murat como paladino indefesso das ideias democraticas e abolicionistas, mas, nem por isso deixará de ser menos glorioso e digno da nossa veneração o vulto formidavel de Machado de Assis, como a mais alta expressão pessoal da nossa literatura.

Querermos ajuizar de uma individualidade ou de um facto, guiados unicamente pelas razões immediatas das nossas opiniões particulares ou das nossas idiossincrasias, e não pelas razões superiores e eternas, imanentes mesmo das causas, é arriscarmos a cometer, não só dispautérios, mas injustiças tremendas.

Se na minha atitude algo existe de irreverencia, que m'a perdoe o illustre academico e homem de letras, e mais sendo êle próprio quem m'a ensina, êle próprio quem dela me dá o exemplo? Mas o que é verdade é que nunca usarei da aspereza que êle usou contra a memória de um morto, nesses artigos repassados de odio e de rancor, amassados com sangue e fel. Sente-se espanto, ao lê-los, e em seguida alguma cousa que raia pelo medo ou pelo horror. Chego às vezes a duvidar, custa-me a crer tenham sido escritos por um intelectual; antes dir-se-ia arrancados do íntimo de um troglodita, que por ventura adquirisse a faculdade da expressão literária.

Qualquer pessoa de bom senso não deixará de quedar perplexa ante a maneira e ante as formulas que o sr. Murat emprega para denegrir o nosso grande morto, descobrindo-lhe no íntimo "o odio por tôda uma raça, por toda uma vida, por tôdas as cousas, enfim, que devem ser amadas", chamando-lhe "a personificação do desdem, a revolta contra a própria constituição física". E chega, por meio de outras explicações fisiologico-metafísicas, a reduzir o pobre homem a um hospital de gafeiras morais, ou talvez mais que isso, a ver nele algo que fosse a figura humana de um réptil ou de um batráquio.

A verdade não se atingirá nunca, mediante êsses processos iconoclasticos de crítica feita às dentadas e ponta-pés.

E o mais de admirar é que o illustre academico se arvora em messias e distribuidor de justiça, convicto de que realiza "um trabalho eficiente e justo, reagindo contra processos críticos sempre ficticios e subventaneos", e sente-se fadado a uma grande tarefa de reconstrução: "A crítica é um apostolado; reagi na minha mocidade contra as confrarias literárias: parece que farei obra de justiça reatando agora o mesmo espírito de reacção, tão util ao predomínio da verdade e da justiça em tôdas as partes e em todos os tempos"!

Se vai nisso alguma intenção elevada, tais processos, todavia, estão bem longe do que devem ser. Essa atitude em nada se parece com um apostolado, antes leva jeito de um tremendo tribunal de Santo-oficio. Não, Sr. Luis Murat, quando assim investimos tão cegamente, tão maldosamente contra um homem cuja vida foi modelo de probidade e sensatez, como cidadão, como amigo, como esposo e como escritor, não estamos isentos de que nos suponham capaz desse odio humano, desses instintos perversos que pretendemos descobrir no próximo.

Porque, sem documentação, sem exame imparcial da sua vida e da sua obra, afirmar tanto mal de um escritor é calu-

niá-lo, é esquecer-se de uma das mais graves obrigações morais — *não levantarás falsos testemunhos*.

E tal furia de odiar, de insultar, de abater, de matar a memória de um morto não será, porventura, uma forma primeira desse odio pelos homens?

A atitude do ilustre academico não poderia deixar de ter chocado a todos que o leram, porque, longe de valer como um estudo crítico, sereno e elevado, deixa bem perceber tratar-se de uma campanha pessoal. Lança afirmações, as mais arrojadas e graves, sem a minima documentação, sem vestigio de uma penetração aguda do grande escritor, pois que os seus juizos andam espantosamente distanciados do verdadeiro espírito e da significação estética que de facto possui a obra de Machado de Assis.

A única documentação que êle aduz, será, quando muito, uma prova da sua excelente retentiva e uma prova da má fé com que procedeu nesse trabalho, e está naquella veemente apóstrofe de Patrocínio, transcrita no artigo de junho:— dar como juizo definitivo sobre uma individualidade essas palavras com que o grande jornalista invectivara a Machado, palavras não meditadas nem ao menos escritas, mas proferidas numa explosão momentanea de cólera, quando a febre da luta o escaldava, palavras expressas por Patrocínio, cujo talento não era afeito à tarefa serena de examinar e julgar, porém talhado para a missão de lutar, defender e triunfar pela chama do verbo, tomar, como fez o Sr. Murat, esse conceito, para expressão definitiva, *ad usum posterorum*, de uma personalidade literária é uma grave leviandade, para não dizer má fé, contra a qual se insurgiria e protestaria o próprio José do Patrocínio, que não era uma alma capaz de odiar, de ferir friamente, e que, se a serenidade e a compreensão das cousas o não tivesse levado a uma retratação daquele juízo precipitado e injusto, teria pelo menos remorso em, ao cabo de quarenta anos, atira-las impiedosamente, calculadamente, sobre o túmulo que encerra a maior gloria da nossa literatura.

Recorrendo a todos os processos possiveis para diminuir o escritor brasileiro, estabelece o seu critico um rapido confronto entre Swift e êle, com a intenção de demonstrar a inferioridade moral deste, e invoca em favor do humorista inglês o testemunho e as declarações dos seus amigos íntimos, louvando-se, (ó a lucidez de Rui!) no celebre estudo com que Rui Barbosa lhe reparou e reabilitou a memória contra injustiças sôbre êle insimuladas.

Afirma então que de Machado de Assis é que se poderia dizer o que Paulo de Saint Victor disse respeito a Swift: "tomara

êle que a humanidade tivesse uma só cabeça, para lhe escarrar na face”.

Não menos direito me assistirá, logo, de aplicar a Machado o que de Swift escreveu o nosso Rui: “Em torno desta figura . . . negreja a imaginação de comentadores sombrios, dando-nos o espetáculo doloroso da carniceria exercida pelos instintos mais duros da crítica sobre a memória de uma alma grande e desafortunada”

E a predisposição malevola do Sr. Murat contra Machado continua a se patentear ao longo dos seus artigos, em contrastes chocantes, e em afirmações que revoltam.

Em prol da personalidade moral de Swift injustamente acusada pela crítica, aceita de tóda alma os depoimentos que deram os seus amigos e coevos.

Ao se tratar porém de Machado de Assis, aqui-dEl-rei, tudo é falso, tudo são sensibilidades de amigos leais e tudo vai de parte, com a pcha de suspeição. Para êle só dirá verdade quem de-trair o autor de *Brás Cubas*.

Do próprio Sr. Graça Aranha, cujo estudo sobre Machado é um dos mais imparciais e, até certo ponto, desabusado, pela franqueza com que o aprecia, o Sr. Murat diz que “a sua amizade não permite descubra o monstro”.

O monstro, para êle, é o espírito luminoso de Machado de Assis.

Crê-lo-heis, homens de boa fé?

Lembrai-vos porém que o próprio Machado já nos ensinava o alcance de certos conceitos humanos, quando nos mostrou, no delirio de *Brás Cubas*, que aquele hipopótamo não passava afinal de um simples gato, o gato *Sultão* a brincar com uma bola de papel . . .

Bem sabia que aos olhos dos homens um gato se metamorfoseia nas proporções enormes de um paquiderme. Mal suporia entretanto, que tal verdade se havia de verificar contra a sua própria alma nobre e sofredora.

Sim, querido mestre, o teu sofrimento, o teu desencanto, as ásperas angustias do teu pensamento e a tua sinceridade seriam mais tarde interpretadas como odio, como frieza, como indiferença às dores humanas!

Mas os gatos se transformam em hipopótamos, ou quando deliramos nas vascas da morte, como *Brás Cubas*, ou quando nos envolve a atra cegueira das paixões pessoais . . .

Ao Sr. Luis Murat, que aceita plenamente as afirmações luminosas e as documentações autênticas, que empregou o nosso Rui na defesa do humorista inglês, pergunto-lhe se por acaso, duvi-

dará da sinceridade e da veracidade que vão nas palavras do mesmo, quando afirmou que em Machado de Assis admirava sobretudo o homem "QUE SOUBE VIVER INTENSAMENTE DA ARTE, SEM DEIXAR DE SEREOM". E não me parece que o Rui possuidor de elevação, e de agudeza, de penetrante análise e de lógica soberba tivesse perdido estas faculdades espirituais, quando isto afirmou de Machado: "*Nascido com uma dessas predestinações sem remédio ao sofrimento, a amargura do seu quinhão nas expiações da nossa herança o não mergulhou no pessimismo aos sombrios, dos mordazes, dos invejosos, dos revoltados*".

Sem a menor cerimonia, toma, o Sr. Luis Murat, como já vimos daquelas palavras sangrentas de Saint Victor e as lança contra Machado. Rogo-lhe pois que raciocine comigo sobre o caso: sabemos que sobre Swift se escreveram e formaram amargos juízos, que são, hoje tidos como injustiças ou erronias, graças ao magistral estudo que lemos nas *Orações do Apostolo*; ora, se Taine e Saint Victor tais cousas escreveram, é porque houve aparências enganosas que a tanto os levaram, houve aspectos artisticos da personalidade do autor de *Gulliver* por êles assim interpretados, porque nunca formulariam juízos injustos ou malevolos sobre uma figura literária, sem que para isso houvesse motivos aparentemente ponderáveis. Logo, à vista disso, pergunto se as razões e as aparências que determinaram a crítica malevola do Sr. Murat contra Machado, não terão porventura o mesmo alcance e fundamento, ou menos ainda, que levaram a erro os dois criticos franceses.

De mim para comigo, procuro aprender daqui quanto é difficil e grave a critica sensata e justa, quão subtil e melindrosa essa penetração de um character moral, podendo nela cochilar mesmo um Taine, cuja disposição de espirito e cujo especializado aparelhamento cultural o talhava para êsse difficil mister literário...

Não obstante este exemplo, este caso literário, que tem o alcance de uma lição, o Sr. Murat persistirá, estou certo, na sua attitude, alegando talvez que ainda não surgiu a re-habilitação de Machado, em resposta à *última palavra* dita nos seus artigos. Mas respondo que tal *defesa* já se acha cabalmente feita *a priori* nos luminosos estudos de Lafayette Pereira, de Alfredo Pujol, de Alcides Maia, estudos realizados com tanta elevação e agudeza, tanta lucidez e amplitude que nos mostram com admiravel precisão a grande personalidade de Machado em tôdas as suas faculdades superiores de homem e de escritor. E principalmente como defesa,—*defesa a priori*, repito,—aí estão os trabalhos de

Pedro Lessa e de Amadeu Amaral, que contrastam frisantemente, pela elevação e pela agudeza, pela amplitude e pela virtude de compreensão, com o trabalho do Sr. Murat, e que foram os que melhor demonstram a inanidade das acusações que se lhe atiram.

Está aqui, talvez, a razão por que a campanha demolidora do Sr. Murat só veio encontrar réplica em Mato-Grosso . . .

Bem compreendidas as cousas, uma defesa de Machado em resposta directa aos artigos do Sr. Luis Murat deveria consistir em demonstrar que aquele grande escritor não foi um monstro, não foi uma «hiena de instintos ferozes,» demonstração que não pretendo fazer, porque seria cruel leviandade da minha parte, e porque é cousa que nem de longe ninguém acreditou, mau grado a autoridade do seu detractor.

Procurro ver apenas as possíveis razões que tenha encontrado para insultar Machado de Assis e parece-me ser esta a mais forte: que Machado não fez a campanha abolicionista.

E aqui está uma pecha que ficará lançada contra muita gente boa e ainda contra grande número de intellectuais brasileiros como Aluisio de Azevedo, Luis Delfino, Teixeira de Melo, Carlos de Laet, coevos daquele movimento, que nele não tomaram parte activa.

E, repito, é uma pecha que poderá ser atirada contra meio mundo e todavia não pesará sobre ninguém, porque não ter sido abolicionista activo não é carecer de probidade pessoal, e de elevação, de sensibilidade moral ou de outra qualquer virtude.

Para o Sr. Murat, quem não foi abolicionista é um monstro.

Ah! se pensasse como êle, por certo que Rui Barbosa se desencadearia em terríveis apóstrofes contra Berkeley, quando no seu referido estudo assinala o contraste entre este e Swift, no tocante à escravidão na Inglaterra, e nos diz que Berkeley não somente não se bateu pela libertação, senão que preconizava teoricamente a conformidade com tal instituição, alegando razões de ordem politica e social. Longe, porém, de investir contra o filósofo inglês, conclui Rui Barbosa com a sua compreensão olimpica das cousas, com a sua prudencia, frisando embora a superioridade e as vantagens da atitude de Swift, que "discutam os filósofos a preferencia entre as duas escolas morais.»

Ah! Berkeley, se caíras nas mãos de um apreciador apaixonado!

Porque não foi abolicionista, Machado é um homem digno do nosso desprezo! Vai em tudo isso revoltante absurdo e a mais ilógica das lógicas, pois não me parece que seja certa a conclusão a que chegou o illustre academico, e duvido mesmo que

possa o cerebro mais raciocinante do mundo deslizar daquelas premissas para tal conclusão, assim tão bruscamente, tão redondamente, como bola que rolasse por uma ladeira abaixo. Pelo contrario, damos com tal silogismo, implicito no conceito do Sr. Murat, e custa-nos aceitá-lo, parecendo-nos estar na base de um declive vendo lá emcima unicamente o grande detractor de Machado. Sim, esse raciocinio, se me compreendem e perdoam o tosco da comparação, tem-me ares de uma escarpa agra e difficil de subir, estando nós os de boa fé embaixo, ao passo que lá no topo nos assoma a figura do Sr. Murat. Porque o illustre academico inverteu a ordem das cousas: o que nos pareceria lógico é que se provasse ter sido Machado de Assis um monstro, de instinctos os mais perversos, que vivesse com ganas de engulir vivos todos os homens, e homem tal sabemos que ainda não existiu, pelo menos de Adão para cá. Provada essa horrivel verdade, poderíamos então concluir que êle timbradamente não teve interesse por cousa nenhuma, que foi indiferente pela dor do africano, e mesmo que se gozava do sofrimento do escravo.

Entretanto sabemos que para provar tudo isso, mister seria desterrarmos do planeta duas criaturinhas fora da moda, que andam a importunar muita gente: a boa fé e a verdade.

Do modo porém como pretende o Sr. Murat que Machado se conservou alheio aos ardores da luta pela abolição, logo foi um indiferente pelas dores humanas, isso nunca, porque isso é subir escarpa que se não sobe, por mais que nos impulse um bom sopro de antipatia pessoal contra o nosso grande romancista. E é por isso que ninguem de boa fé poderá em tal cousa concordar com o Sr. Murat, antes vê-se que de tal jeito chegaremos a conclusão diversa, colocados como estamos em pontos contrarios...

Nem serão necessarias grandes subtilezas, grande dialectica para alcançarmos a razão humana da reclusão de Machado de Assis em cousas politicas, e a sem-razão das censuras contra êle formuladas. Basta-nos um pouco de isenção de ânimo e um pouco da boa vontade.

A razão humana dêsse seu afastamento dos negocios publicos, dêsse horror das agitações, dêsse ensimesmamento, reside na estrutura do seu espirito, e é cousa que me parece bem clara, a não ser para aqueles que a não querem ver.

Que culpa iria ao grande Machado de não possuir aquele temperamento de fogo que o Sr. Murat exalta nos campeadores da libertação e reconhece em si proprio?

Porque não saiu pelas ruas a bradejar, porque não encheu de diatribes as colunas dos jornais a pregar o abolicionismo, foi um insensível á sorte do escravo, insultemo-lo, odiemo-lo, matemos-lhe a memória.

Homens pacatos, barbas de molho!

Mas não será esta a atitude dos que sabem compreender. A ninguém incumbe dizer que uma personalidade deveria ter sido desta maneira ou daqueloutra. Não tem direito o Sr. Murat, como ninguém, de penetrar-lhe desrespeitosamente, sacriligamente no foro íntimo, no latente da sua consciência, para chicotear-lhe este insulto tremendo: "que a dor do africano contristara profundamente todos os corações — menos o de Machado", "que de Machado de Assis se desprendia um fluido de maldade e rancor, de repulsão aos nobres intuitos sociológicos, pontificados pelos que tinham da vida outra opinião mais consentanea com os destinos superiores do homem".

Não, Sr. Luis Murat; respeitemos-lhe o carácter, saibamos compreender-lhe o temperamento e o psiquismo intelectual. Se êle não alcançou a ventura de ser perfeito como muita gente, ha de ter entretanto possuido as suas qualidades compensativas, a sua probidade pessoal, as suas virtudes morais, a sua lealdade de amigo, a sua brandura no trato.

E mais, não é absolutamente verdade que êle tenha sido indifferente ao sofrimento do escravo, menos ainda às dores humanas. Sentiu e sofreu com os homens, sofrendo à sua maneira, sem se explodir em gritos e bradejos, em revoltas e descomposturas, como fazem oradores de *meeting*. Isto não lhe ia com a indole serena e tímida. Compadeceu-se das dores do escravo africano, que aí estão reflectidas e immortalizadas em passos dos seus livros, mas reflectidas a seu jeito: com profundeza e amargor, sem arestas nem retumbancias de discursos politicos.

Não falando em Castro Alves, é talvez um dos nossos intellectuais em cuja obra o vilipendio da instituição negreira despertou mais funda revolta, sob o aspecto, porém, humano e profundo que assumia aos seus olhos de filosofo aquilo que a outros pudera parecer mero pretexto de revolta contra a monarquia — coisa que affimo sem deixar de ver a grande significação moral do movimento e a alta intenção humanitaria dos seus inspiradores e dos seus epígonos.

O nosso escritor não quis dar às suas paginas o caracter de sátiras sociais, não quis fazer delas, talvez por lhes não crer na eficiencia, um instrumento de combate, dando-lhes porém muito mais alta significação, muito maior alcance, pelo soberano mérito

da arte infundindo o cunho eternamente humano a um aspecto transeúnte da sociedade.

Aí estão, como paginas modelares, *O caso da vara*, *O vergalho*, *Pai contra mãe*, em que palpita um vivo sentimento de piedade e de contida revolta contra a eterna injustiça dos homens, encarada por aquela aparência precária das cousas sociais. Não pode portanto, merecer o labéu de indiferente e insensível á sorte do escravo, o escritor que vibrou nessas paginas dolorosas, e o homem que no dia 13 de maio de 88, dando expansão ao seu entusiasmo e ao seu alvoroço ingênuo, saiu pelas ruas da cidade, como refere Graça Aranha, em companhia de abolicionistas exaltados, em um carro que os levou até as portas da Câmara, onde romperam em aclamação a Joaquim Nabuco e a outros batalhadores da grande cruzada. Êle próprio no-lo conta, naquêle ar de *nonchalance montaigniana* e de humorismo suave das suas crônicas: "Sim, também eu saí à rua, eu o mais encolhido dos caramujos, também eu entrei no prestito, em carruagem aberta, se me fazem favor, hospede de um gordo amigo ausente; todos respiravam felicidade, tudo era delírio, verdadeiramente foi o único dia de delírio publico que me lembra ter visto".

Ainda na mesma crônica nos dá testemunho dos seus sentimentos a respeito do 13 de maio, por uma maneira tôda sua, fazendo que através de leve fantasia e das cores suaves que êle sabe dar aos seus tropos, lateje o fundo vivo e significativo, a sua intenção real, e conseguindo mesmo que o colorido da frase imprima maior vigor e relêvo áquilo que êle aparentemente buscou distarçar: "Essas memórias atravessavam-me o espírito, enquanto os passaros trinavam os nomes dos grandes batalhadores e vencedores, que receberam ontem nesta mesma coluna da *Gazeta* a merecida glorificação".

Quem tem olhos de ver e boa vontade de compreender, veja e compreenda, e duvido que ainda possa descobrir nesse homem laivos de indiferença pela grande campanha abolicionista, não se esquecendo de que Machado jamais foi um desses fazedores de frases ocas, mas um intelectual da marca dos grandes espíritos, cujo característico é a sinceridade. Todas as suas paginas afloram-lhe do coração.

Percorramos essas crônicas d'*A Semana*, que Mario de Alencar enfeixou em volume, e notaremos, para logo, como estão as mais delas pontilhadas de referencias simpáticas e vivas aos nossos homens do antigo regimen, ás nossas datas nacionais, aos nossos movimentos políticos—cousas passadas, que êle evoca em traços vivos e pinturescos, ressumbrando algo de sauda-

de, algo de um entusiasmo que lhe vibrou, sem expansão exterior, nos dias da mocidade, tudo com aquela sobriedade com aquele velado, com aquela *distancia*, que lhe são menos um processo de estilo, do que uma condição do carácter pessoal.

Interesse discreto pela nossa vida publica nunca lhe faltou (e aqui está uma injustiça que lhe fazem não só os seus detractores, porêm mesmo alguns espíritos serenos que o tem julgado), faltou-lhe organização de lutador; reconheceu-se incapaz para os surtos da acção, temendo comprometer-se no ridículo de uma teatralidade inutil. Indiferente nunca o foi, e ainda que indiferença nele houvera por tais cousas, não seria motivo para lhe chamarem um monstro.

Agora, tomar parte activa nos movimentos politicos, nas revoluções sociais, guiar povos, ser homem publico, isso nunca pretendeu ser, nem seria nunca, por esta simples razão: porque não foi.

Exigir-se em Machado aquela veemencia, aquele arrojo aggressivo de Antonio Bento, o mesmo seria arguirmos a este o não ter escrito um romance psicológico. E não me parecera haver muita sensatez na pessoa que se pusesse a discutir tais possibilidades . . .

Mas afinal de contas, onde estará êsse não sabido estatuto de que todo intellectual ha-de fazer da sua obra um instrumento politico, um "instrumento de represalia", um órgão de opposição contra os governos, e de si "um precursor de mistagogos politicos", um *condottiere* de povos ?

Tais normas pre-estabelecidas, tais disciplinas, poderão prevalecer, quando muito, depois que morrer a divina liberdade do pensamento e da arte,—essa mesma liberdade que o sr. Graça Aranha diz exigida por Machado para o seu genio, e que o sr. Murat interpreta como "um reclamar tacito, mas odioso, da liberdade só para si", dando-nos, com isto, outro exemplo da metamorfose do gato *Sultão*.

De resto, se tanta revolta existe contra Machado, por não haver tomado parte em um movimento social, pergunto se igual direito de exasperar-se e de insultar não teria o crente, contra a indiferença religiosa, vendo nela uma expressão de insensibilidade moral, ou mesmo de maldade ? Porque, para o crente sincero, mais do que libertar escravos é salvar almas. No entanto, enquanto apostolos e martires perecem numa luta de morte através dos séculos, espíritos houve que se conservaram timbradamente alheios a esse espectáculo trágico. Pergunto ainda: são monstros humanos, odeiam os homens ?

Nem com a mais cândida ingenuidade, ou com a mais apaixonada paixão se me dirá que sim.

E' que homens tais são como todos os homens: fazem aquilo para que nasceram talhados.

Machado de Assis foi uma dessas organizações, tão comuns, isentas das paixões da vida publica, vivendo no gozo discreto das alegrias íntimas da inteligência e do coração.

Êle próprio se definira, quando do Aguiar do *Memorial* afirmou: — “não tem costela de homem publico; todo êle é familia, todo esposo”, — desse mesmo Aguiar que ele debuxara, buscando-lhe para modelo íntimo a sua propria personalidade.

Essa atitude, feita um pouco de ternura um pouco de timidez, valeu-lhe a pecha absurda de egoista.

Poderá haver nisto egoismo, mas desse egoismo que é medo de sofrer, horror do ridiculo, que é, numa palavra, fazer aquilo que nos vai melhor com as disposições de ânimo. E desse egoismo quem o não terá, senão ainda muito pior?

Apesar desse alheimento, apesar de ser esse “caramujo encolhido”, a sua índole serena e boa se deixou transparecer sensivelmente aos amigos que o souberam compreender, aos contemporaneos, que se não cansam de o testemunhar.

Creio que em materia tal, para se ajuizar com justiça e verdade, sôbre a personalidade moral do escritor, nada iguala à segurança e ao valor da opinião daqueles que de perto o trataram e de íntimo o praticaram. Mas o sr. Luis Murat incrivelmente não quer aceitar êsses depoimentos, desde que sejam favoráveis a Machado. Nega, re-nega, tres-nega o valor de afirmações tão sinceras, tão autênticas, tão desinteressadas, alegando que são dissimulações de amigos leais!

Valha-nos Deus, com tanta isenção de ânimo!

Mesmo entre os que menos de perto o trataram, nenhum pôde esquivar-se àquela atracção de simpatia que irradiava do seu praticar discreto, fazendo-se admiradores profundos e enternecidos do homem, não somente do escritor. E foram Caetano Figueiras, Manoel de Almeida, Ramos Paz, Artur de Oliveira, Joaquim Serra, José de Alencar, Ernesto Cibrão, Quintino Bocaiuva, Francisco Otaviano, França Junior, Francisco de Castro, Felinto de Almeida, Henrique Chaves, José Verissimo, Olavo Bilac Euclides da Cunha, Salvador de Mendonça.

“Profusas” não foram, como as de Swift, as suas amizades, porêm, como as deste foram, — na afirmação do sr. Murat, — «íntimas, inabalaveis.»

A sua organização moral, os seus traços afectivos eram dos que sabiam mover fundas e sinceras amizades, em amigos que foram dedicados e poucos, que isto lhe era uma condição de temperamento, porém firmes e como fanatizados pela doçura, pela lhaneza e lisura daquele grande e nobre coração—nobre e sofredor, como o de todos os homens que nasceram com a herança de Prometeu. Com duas pessoas, principalmente, duas grandes almas repartiu os tesouros do seu affecto,—a esposa, a sua querida Carolina, e um amigo intimissimo, Mario de Alencar, em cujo coração, irmão do seu, mitigou as dores que o despedaçaram nos anos de viuvez, nos ultimos anos sombrios e dolorosos que arrastou a sua velhice pela orfandade do lar.

Aquilo que o sr. Murat escreveu com respeito a Swift, é justamente o que se poderá afirmar de Machado: —“põe o dever humano da virtude e da amizade acima de tudo”.

Não foi um temperamento vibrátil, dotado dessa virtude communicativa de Swift, não foi uma organização de apóstolo ou de pastor de homens. Nem por isso, todavia passou como um insensível através dos homens, através daqueles que o cercaram na vida. A morte, não só de um amigo, mas de um companheiro ou de um intelectual contemporaneo não o deixava calado e insensível, senão que o fazia expandir-se em paginas vibrantes de emoção, de um vibrar velado mas sincero. A morte de Artur Barreiros lhe arranca uma cronica saudosa e piedosa, que publicou na *A Semana* de Valentim Magalhães; a de Pedro Luis o faz vibrar numa admiravel pagina de emoção e de arte, onde palpita a saudade do amigo e saudade dos dias brilhantes de crença e ardor, que juntos viveram no jornalismo; pelo falecimento de Artur de Oliveira, publicou na *A Estação*, aquela conhecida pagina que está nos *Papeis Avulsos*, e ainda aqueles versos admiraveis em que se revela o affecto pelo homem e a admiração pelo intelectual.

E ainda as paginas sóbrias, mas sinceras, mas vivas, consagradas a Francisco de Castro a Eça de Queiroz, a Eduardo Prado? Apesar daquela *distancia*, daquela frieza intelectual em que aparece o filosofo desencantado lhes sentireis entretanto um fundo velado de melancolia, algo de uma ternura pessoal que tem medo de se revelar . . .

Nas cronicas da *A Semana*, que manteve na *Gazeta de Noticias*, quantas vezes nos surgem referencias, feitas incidentemente, consoante o seu processo de croniquizar, que denunciam verdadeiro sentimento pessoal, pela morte de pessoas conhecidas, de vultos eminentes da literatura ou da politica.

Em tudo isso ha vibração pessoal ha interesse imediato pelos homens, ha a expressão de um caracter nobre, elevado, e bom, ha um homem, afinal, que não foi um monstro.

Este é o egoista, este é o homem insensível !

E dizer-se que ainda hoje, no grau de cultura que possuímos, seja necessario defender um escritor, por maneira tal, e de acusações tais . . . !

Ah! com que finura, com que lógica, com que elevação esta pequice inconcebível é posta em relêvo, é posta em flagrante inanidade, pelo grande espirito de Amadeu Amaral, que tem estas palavras admiraveis com relação ao caluniado escritor: "O seu *egoismo* e a sua *insensibilidade* não são dele: são de toda a gente. Em compensação, rasgos ha mais positivos e mais característicos na sua individualidade, que protestam contra o rotulo que se lhe pretendem acolchetar ao casaco. Chamar egoista a um homem que levou tôda a sua vida a ceder o passo às ambições ferozes, e contentou-se de uma tranquila e honesta mediania, manteve acima de tudo uma dignidade inalteravel e exemplarissima, e foi o tipo acabado do cidadão que se subordina a todos os principios reguladores da harmonia social, esbatendo todos os relevos e contendo todos os impulsos da personalidade,—chamar egoista a um homem assim, ou é virar do avesso a significação das palavras, ou é dar-lhes uma latitude que as torna applicaveis a todos os objectos, sem que se ajustam a nenhum".

A sua culpa foi esta, a de ter sido um dêsse espiritos, absorvidos pela vida do pensamento e do sonho, fazendo da sua vida a encarnação da mais alta virtude moral, onde se resume tôda a sabedoria humana: a consciencia de si mesmo, o conhecimento da propria alma o governo da própria personalidade—pedra fundamental de toda a filosofia e a mais velha verdade moral que tem iluminado os homens, pelos caminhos do espirito e pelos caminhos do coração. Foi nesta senda luminosa e fecunda que êle se fez um coração terno e firme, uma inteligencia lucida, aborvendo-se na preocupação da sua consciência, nos deveres que lhe impunha a sociedade, e na contemplação serena dos homens e das cousas.

Alem dessa natural disposição de ânimo, alem da sua incapacidade organica para a vida publica, a sua filosofia do desencanto concorreu fundamente para o afastar das agitações externas, criando-lhe mesmo aquele "horror da multidão" que êle frisa no seu *Conselheiro Aires*, concentrando-o num ensimesmamento doloroso e terno, em que palpita um sentimento velado de piedade pelas eternas miserias da terra. Nasceu fadado a essa tristeza, a esse

budismo desencajado. Se os ardores da mocidade lhe povoaram a alma de algumas ilusões matinaes pelos homens e pela vida, a evolução do seu espirito o reconduziu a esse desengano sereno e amargo, a essa visão tragica da vida, a essa contemplação desabusada das cousas—seu constante tormento e sua constante preocupação. Nunca, porém, deixou de crer no ideal e na poesia. Creu ainda na miseria humana e creu na beleza, na primeira como a razão de ser de toda a vida, e na segunda como a unica expressão perfectivel da Verdade. Mas, crente da beleza, afeito ao sonho, e sentindo que, pelo conhecimento dos homens e das cousas, se tornara um desiludido das realidades aparentes da terra, concentrou-se todo na vida interior, porque só nela ainda encontrava a possibilidade de fazer brotar a fonte viva de idealidade capaz de mitigar-lhe o espirito através da jornada angustiosa da vida. Ele próprio no-lo revela, por meio daquele admiravel simbolismo, ora pinturesco, ora profundo, que palpita na sua obra, velando, muitas vezes, sob leve fantasia, ou sob processos paradoxais do *humor*, não somente ideias justas, mas ideias profundas de grande amplitude filosofica, ideias gerais mesmo: “Donde concludo que um dos officios do homem é fechar e apertar muito os olhos, a ver se continua pela noite velha o sonho truncado da noite moça”. E ainda no mesmo capitulo: “. . . fui a janela indagar da noite por que razão os sonhos hão de ser assim tão tênues que se esgarçam ao menor abrir de olhos ou voltar de corpo, e não continuam mais . . . Como eu insistisse, declarou-me que os sonhos ja não pertencem a sua jurisdição. Quando eles moravam na ilha que Luciano lhes deu, onde ele tinha o seu palacio, e donde os fazia sair com as suas caras de varia feição, dar-me-ia explicações possiveis. Mas os tempos mudaram tudo; os sonhos antigos foram aposentados, e os modernos moram no cerebro da pessoa. Estes ainda que quisessem imitar os outros, não poderiam faze-lo: a ilha dos sonhos, como a dos amores, como todas as ilhas de todos os mares, são agora objecto da ambição e da rivalidade da Europa e dos Estados Unidos”.

Um homem como Machado, como Platão, como Montaigne, como Pascal, é um homem absorvido pelas preocupações do mundo interior, para onde os arrasta uma fôrça indomavel, e onde vivem a vida intensissima do espirito, que lhes basta e os alimenta, sem que todavia se afastem do resto dos homens, antes assim mais se integram na humanidade, condensando em si, pelo milagre do pensamento, todos os movimentos, todos os anseios, tôdas as dores, tôdas as vibrações da imensa alma cosmica, na qual se integram, por uma fôrça ideal, que move ao mes-

mo ritmo o seu coração e o coração de todos os homens, convertendo-os naquele amargo estuário de que nos fala Bilac. Nas alturas serenas do pensamento e do sonho êles ultrapassam os limites precarios da sociedade, para se identificarem, como num grande abraço unificador, com a humanidade inteira, pela comunhão eterna da intelligencia.

Querer descobrir na vida deste homem a revelação de um temperamento insensível e máu é attitude, mais do que malevola ou revoltante, doentia. E' um caso de morbidez como a de certas pessoas existentes aqui pelo sertão de Mato-Grosso, as quais, por uma sugestão fetichista, se compenetraram de ter um sapo ou uma cobra no estomago ou no ventre. A diferença está em que os detractores de Machado possuem uma forma invertida de tal doença: encasquetaram-se em descobrir dentro da alma do excelso escritor um bando de sapos e lagartos ou outras alimarias mais feias . . .

E vá a gente dissuadi-los disso . . .

Ah! a maldade de Machado! Sabeis onde está? Faguet nollo explica: o nosso escritor se esqueceu de que a alta distincção moral consiste em enunciar no estilo de M. d'Arincourt pensamentos de Joseph Prudhomme.

Um dos seus artigos consagra-o todo o sr. Murat aos humoristas, onde entretanto procura restringir a vista, assinalando apenas o aspecto amavel, sorridente e espirituoso do *humour*. Daqui se lhe percebe a intenção principal, que é contrastar com aqueles escritores o nosso Machado. Nada mais injusto e menos preciso do que estabelecer tão cerrado paralelo (aqui foi um paralelo implicito, diga-se para ressalva) entre os humoristas ingleses e o humorista brasileiro. Aqueles não poderiam deixar de guardar entre si esses traços de similitude, por obra de condições varias que os envolvem: afinidades raciais, tradição cultural, a mesmidade do ambiente, os caracteres, tudo são razões para que êles apresentem essa sensível paridade. Se existe entre êles e Machado, alguma afinidade, é uma afinidade exclusivamente literária, é uma allinidade que está unicamente no *humour*. Como, pois, pretender que Machado fosse um exemplar transplantado de humorista inglês?

Se a Swift e Sterne êle se parece, não porém tanto a Dickens e Thackeray, por exemplo, que muito pouco se aproximam do escritor brasileiro, sendo não obstante da mesma familia literária. Digo literária e não espiritual, por me parecer que, embora haja neles todos certos elementos psicologicos que o levaram ao cultivo do *humour*, são entretanto bem diversas as disposições de

espírito de quem e escreveu as *Scenas da vida inglesa* e *O livro dos Snobs*, e de quem escreveu *Quincas Borba* ou *Esau e Jacó*. Dickens e Thackeray são eminentemente moralistas satirizantes, ao passo que Machado é antes de tudo um psicólogo e um homem de ideias. Ainda que colocado no mesmo ambiente, Machado se distanciaria dêles pela estrutura do espírito. No século XVI teriam sido, aqueles dois espíritos, interessados nas consequências da Reforma, ao passo que este não passaria de um simples homem da Renascença, ou quando muito um tipo acabado de humanista. Agripa D'Aubigné e Montaigne bem podem caracterisar essas duas estirpes espirituais, como ascendentes intelectuais de tais *tour-nures d'esprit*, como lá diz a admiravel precisão gaulesa. O autor de *David Copperfield* é um admiravel pintor de tipos que se agitam e se movem no scenario vivo dos seus romances; porém a maneira de Machado sendo outra, é não menos rara e não menos assombrosa, pela muito maior e mais profunda visão psicologica, pelo dom raro de penetrar as fundeiras do inconsciente. Está precisamente nesta circumstancia a razão porque nas paginas de Dickens não vibra esse cunho sombrio e doloroso que se nota no nosso caluniado romancista. E ainda um contraste: é sabida a intenção vivamente sensibilisante que Dickens põe nos seus romances, ao passo que o nosso Machado procura, naquella *distancia* merimeana, afectar certa ausencia de sensibilidade ou de emoção, principalmente nos seus primeiros escritos da segunda fase.

E Thackeray? Com este é que, a meu aviso, o paralelo se torna mais especioso, porque a sua obra é das que apenas pelo aspecto, pelas tonalidades aparentes, pelo *exterior*, se podem comparar com a de Machado, sendo êle mais um satirico do que humorista, cuja intenção fundamente moralizante é para criticar e mesmo corrigir, embora pelo traço acerbo do seu sarcasmo, vicios e êrros sociais, ao passo que em o nosso Machado, como homem de ideias e como filósofo, o *humour* se refina e adquire um alcance e uma significação não apenas social, mas eminentemente humana. Porque penso que o *humour* e a sátira se confundem e quasi se identificam pelos aspectos e por uma porção de elementos comuns—ironia, espírito, sarcasmo, grotesco e o comico mesmo; todavia se distanciam e se caracterizam perfeitamente pelo fundo e pelo alcance; a sátira é imediata, visando aspectos sociais, factos ou individuos; o *humour*, atinge a humanidade tôda, nas suas misérias inamissiveis e dolorosas. A sátira pode oferecer um interesse limitado no tempo; o *humour* é eterno, porque a dor é eterna.

Se aquele *açougue* de Swift encerra esse travo doloroso, essa pungente penetração, esse amargor tremendo, essa ironia corrosiva, não é porque investe apenas contra um crime da sociedade; é porque tem um alcance muito mais fundo, muito mais doloroso, é porque fere vivamente a eterna miséria humana. Torna-se mais pungente, mais ferino, porque encara, através dos homens da sua época, a humanidade inteira aferrada perpetuamente às baixezas a que está condenada. E no entanto, não ruga nessas paginas uma furia de odio, uma porção de instintos perversos; antes, ao revez, nessa frieza aparente, nessa mesma calculada affectação de crueza, nessa mesma estuação veemente, sangram e pungem uma revolta dolorida um latente sentimento de piedade, um desespero trágico, que se contêm, como as grandes dores, as quais não encontram expressão no pranto descomposto, mas se calam e se fecham num imenso soluço despedaçador.

E' verdade que a sátira de Thackeray, por ser feita de uma ironia caustica, de um sarcasmo doloroso, encerra o bom sainete humoristico, atingindo mesmo, quando o traço é mais fundo e mais pungente, uma expressão perfeita de verdadeiro *humour*; assim como na obra de Machado repontam, as vezes, aspectos caracteristicos de pura sátira.

Pela razão de Machado pertencer a mesma familia intelectual desses escritores, como representante da mesma especie literária, não me parece que lhe corresse a obrigação de ter sido o desdramamento, a repetição de um humorista inglês.

Todos os valores literarios assumem inevitavelmente modalidades varias, sensiveis cambiantes, aspectos pessoais mesmo, em cada escritor que os representa. Realistas são-no, por exemplo, Furetière, e Cervantes, Labruyère e Flaubert, Maupassant e Aluisio de Azevedo, como é realista Homero. Entretanto, e não fora mister dizê-lo, quanta diferença individual, que diversidade de aspectos, quanta diferença nos processos em cada um d'êles, sem deixar de ser a mesma admiravel arte realista. Tal na criação psicologica: Corneille constrói caracteres pela potencialidade e pelo relêvo que imprime a uma grande paixão que domina o individuo; Balzac, por uma arte quasi semelhante, é um criador de tipos pelo acumulo de traços fortes; Flaubert dá vida a individualidades palpitantes de verdade, pela penetração mais funda e pela precisão do desenho; Merimée talha caracteres pela habilidade com que põe, em evidencia, muitas vezes, um único traço preciso; e Shakespeare resume em si todas estas faculdades criadoras, pelo milagre soberano do genio. E, ao cabo, apesar destas particularidades pessoais, todos êles são grandes psicólogos.

A própria feição satírica, veemente e forte em Chevre e Victor Hugo, não se apresenta leve e como graciosa em Du Bellay, ardorosa e colérica em D'Aubigné?

Assim com o *humour*: sem embargo de ser uma feição literária tão genuinamente característica, tão frisantemente reconhecível, admite e assume os aspectos pessoais que lhe infunde o cunho de cada individualidade. Se em Swift é profundo e doloroso e por vezes corrosivo; é em Sterne não menos doloroso porém suavizado por uma sensibilidade mais viva e mais terna; em Dickens é mais diluído por outros elementos de fundo, que o retemperam, tornando-lhe o aspecto menos profundo porém talvez mais complexo; em Machado é amargamente doloroso, repassado de melancolia e de revolta, servido menos pelo sarcasmo do que pelo espírito e pela ironia, agravado ainda pela penetrante visão psicológica e pelo scepticismo filosófico.

Mas nesse mesmo artigo ressalta para logo aos olhos de quem quer ver, uma circunstancia curiosa, onde se trai a impenitente má — fé do sr. Luis Murat: — consagra todo o artigo ao elogio dos humoristas, vendo-os como “corifeus do progresso,” pondo em relêvo os aspectos sentimentais e suaves do *humour*, procurando esquecer-lhe o fundo trágico e sombrio, no só intuito de contrastar tudo isso com o amargor de Machado, para concluir que este “odeia despreza e repulsa” a humanidade . . . E fala de Macaulay, de Sterne, de Dickens, de Thackeray, de Charles Lamb, de Fielding, mas a Swift nem a mais vaga referencia, como se este não fosse um humorista, como se não fosse, como é, o mais cádimio representante de tal valor literário.

Porque não incluiu Swift? Seria por esquecimento ou por alguma outra razão mais séria?

Não, absolutamente não; todos sabemos o motivo: é que Swift apresenta o mesmo aspecto sombrio e amargo, e os laivos do mesmo pessimismo a da mesma revolta de Machado, e êle, o sr. Murat, tinha no momento, a intenção de esmagar o pobre Machado, sob o peso de um contraste frisante com a feição jovial daqueles humoristas . . .

Chegamos às vezes a crer que o ilustre critico não haja levado a serio esse *estudo* sobre Machado, ou, antes, o fizera como um mero exercicio de ataque . . .

Em outro dos seus artigos, afirma que “Machado pode ser mesmo o macaco do humor, mas nunca um companheiro de Swift.

Teria sido essa a razão por que não falou de Swift no referido artigo? Mas nesse caso penso que a comparação não se de-

veria fazer com nenhum dos humoristas, porque dos outros é que menos talvez se aproxime o nosso romancista.

E quem já pretendeu jamais que Machado se pudesse ter na conta de um segundo Swift, de uma fotografia literária do autor de *Gulliver*?

Swift foi organicamente um homem de actividade publica na administração, na politica e em agitações sociais, cousa que nem de longe lhe passou pela ideia ao nosso grande escritor. De indoles tão diversas, os dois espíritos, nunca se poderiam indenticar numa mesma feição intelectual perfeitamente igual, embora literariamente se aproximem por alguns traços que nem o próprio sr. Murat deixará de reconhecer.

O *humour* que êle aprendera e admirara em Swift e Sterne saturou-se fortemente do seu cunho pessoal. Soube ser humorista a seu modo, no mais alto grau de originalidade, envasando-o no cadinho do seu temperamento que era dócil e triste, e da sua estrutura intelectual que era feita de uma inexcedível compreensão da miséria humana. Donde a feição melancolica e amarga. O que ao illustre crítico pareceu macaqueação é justamente a marca de uma individualidade definida e forte, que jamais se subordinaria a ter um modelo, ao qual se escravizasse constrangido e apagado.

Prouvera a Deus todos os reproches da crítica fossem tais:— que Machado não foi um imitador servil dos humoristas ingleses.

O conselheiro Acacio diria aqui que Swift foi Swift e Machado foi Machado, afirmação que, apesar de acaciana, estou em dizer seja a única objecção séria para o caso.

Ia-me esquecendo dizer ao sr. Murat que numa cousa entretanto êles se parecem muitissimo: que ambos foram vitimas da crítica malevola, que pretendeu descobrir-lhes, através da obra, maculas no carácter e na vida, denegrindo-os impiedosamente...

Tanto em Swift, como em Sterne, como em Cervantes, ha esse amargor profundo, esse sentimento de revolta e ao mesmo tempo de piedade, essa miseria reflectida, porque o *humour* é feito (di-lo-hei assim) de um idealismo morto, de uma visão trágica da vida, de um senso do ridiculo, agravados por uma sensibilidade sofredora que se volta para si mesma e se expande sem os estallos da sátira de Juvenal, sem os retumbos sonoros da lira dos *Châtiments*, nem a cólera de D'Aubigné, mas repassada de melancolia e de piedade, de desespero acerbo, e veemente, que procura velar-se como uma tempestade em surdina.

Tudo isto viu e sentiu o sr. Luis Murat; viu e viu bem o que é o *humour* dos humoristas ingleses, compreendeu e sentiu-lhes as arestas inevitáveis, o amargor por vezes corrosivo, o sarcasmo, a ironia caustica, especie de véu rude em que se envolve e protege a delicadeza daqueles sentimentos nobres que os movem; compreendeu tudo isso, porem no tocante ao *humour* do nosso Machado fez timbre de não compreendê-lo. Toda a sua critica consistiu simplesmente nisto: quis compreender o *humour* inglês e o mesmo não quis fazer para o de Machado.

Para logo entretanto, se nos patenteia o seu verdadeiro conceito: pretende negar no autor das *Memorias Postumas* qualquer manifestação do *humour*, porque para êle o *humour* é sublimidade, e em Machado de Assis deve haver tudo quanto seja o contrario dos sentimentos sublimes.

Sim, o *humour* é sublimidade, porem não é somente isto. E' sublime, pelos fundos sentimentos de elevação e de amor que lhe latejam no âmago como germe. Mas é tambem revolta é dor, é pessimismo—fruto dolorido de grandes e profundos desenganos.

O illustre academico encarou o *humour* apenas pelo seu aspecto amoravel, no intuito de contrasta-lo com a feição amarga e fria da obra do romancista brasileiro. Ora, Machado de Assis é, sem duvida nenhuma, um humorista acabado, feição que até hoje ninguêm deixou de lhe reconhecer, com excepção de Silvio Romero, que o não soube enxergar; logo, posso afirmar ao sr. Murat que essa mesma sublimidade do *humour* existe e palpita em Machado, como lidimo representante de tal valor literário. Porque é facto que não precisarei discutir nem demonstrar com razões minhas, fracas razões, bastando-me lembrar que é verdade provada e aceita pelos mais illustres dos nossos criticos, que em luminosos estudos, souberam compreender a obra do Mestre entre os Mestres, sentido nela uma perfeita expressão latina dessa especie literária, que Taine julgava peculiar ao genio saxonico. Esses criticos foram Lafayette Pereira, José Verissimo, Alcides Maia, Alfredo Pujol, Afrânio Peixoto, Pedro Lessa, Medeiros e Albuquerque, Ronald de Carvalho, Sud Menucci, José Maria Belo.

Ou tôda essa pleiada de intelectuais errou de meio a meio, e o sr. Murat é o unico que sabe enxergar, ou então se reconheça que a sublimidade do *humour* vive na obra de Machado de Assis.

Demais, não creio, como pretende o sr. Murat, que os humoristas sejam esses corifeus do progresso, sejam esses idealistas puros, lutadores encarniçados em prol de um objectivo determinado. O *humour* não é uma bandeira desfraldada em nome

de uma crença que se faz um partido. Existem no humorista essas intenções elevadas, essa delicadeza de sentimento, esses vislumbres de ideal, mas ideal morto, numa palavra — essa sublimidade. Tais sentimentos, porém, lhes vibram latentemente, como germe, não como instrumento de acção; permanecem subjectivos, sem nenhuma objectivação finalística, porque no humorista, — é mister dizê-lo — ha um fundo vivo de scepticismo filosófico, uma perpetua desilusão das cousas humanas que os atormenta. Não pode, pois ser uma especie, uma tendencia tão definida, tão delimitada, tão em *linha recta*, como se depreende do seu artigo, porque o *humour* é por demais complexo, algo de caótico mesmo e, como na frase profunda de Stapfer, citado por Alcides Maia — «é o derribamento frenético de todas as relações e de todas as proporções». Não creio todavia, nem quero dizê-lo, que seja uma expressão morbida de literatura. E' simplesmente revoltado, complexo, atormentado, porque é um producto espiritual de quem sentiu e penetrou vivamente as desproporções revoltantes, as incoerencias enormes, as injustiças, enfim, que predominam na vida, tudo isso contrastado com o seu ideal intimo de perfeição, ideal morto pela compreensão da sua própria inutilidade. E' fruto de uma desproporção. Alcides Maia no-lo diz em traços precisos: «Diante das incongruencias do universo, ferido pelos contrastes verificaveis do seu ideal de beleza e virtude com os defeitos reais da existencia, o verdadeiro humorista sofre e só quando intensamente sofre pode ser grande humorista. Sem o sonho das formas humanas seletas, de moral perfeita, sem bondade, sem luta intima com o destino, jamais haveria *humour*, cuja rebeldia é ainda um surto para o bem e em cuja descrença vibra a nostalgia da crença».

Homens tais não podem, portanto, lutar em nome de um ideal que elles sabem irrealizavel; sonham apenas com êle, consolando-se em zombar da vida que lhe impede a realização, zombaria que vai repassada de um íntimo desespero e de uma renúncia dolorosa.

Nesse contraste está a fonte do amargor que palpita inevitavelmente em toda a expressão do *humour*. E esse amargor, não quero cometer a ingenuidade ou a hipocrisia de negá-lo na obra de Machado, porque seria negar a verdade, e porque penso que não vá nisso expressão de odio humano, porem unicamente o sêlo trágico da sua visão desabusada das cousas.

Ainda está por nascer essa pretensa *literatura-meiguice*, de alguns críticos melindrosos . . .

Falando de Charles Lamb, exalta-o o illustre academico neste feitiço: "A ternura neste escritor enleia de tão almo e gracioso

so sorriso a nossa dolorosa existencia, que nos é sempre agradável o contacto da sua irradiação”.

Seria licito afirmar, pergunto eu, tal cousa de todos os grandes escritores? De Swift mesmo, para não falar em outros muitos?

Não me parece que da contemplação das torpezas da terra, dessas «impurezas do espírito humano», e do irremediável delas não me parece, a vista desse abominável espetáculo, que o escritor se haja de desfazer em risos, em jovialidade, em hinos retumbantes á perfeição do universo.

Nem quero com isto, em lamentável incoerência, cometer o triste ridículo de preconizar normas. Pretender negar esse aspecto amável e gracioso da literatura, seria o mesmo dispauteo que cometeu o sr. Murat em negar direito aos pessimistas de se exprimir pelo cunho amargo e até agressivo que elles assumem. O sr. Murat parece encerrar-se dentro de um exclusivíssimo estreito apregoando essa literatura de risos e de afagos. Se tal é a pedra de tocar na aquilatação dos valores literarios é preciso que venha outro Oman a deitar fogo nesta selva escura da literatura universal.

Bem se percebe afinal em tudo isso um dos processos a que elle recorre para detrair Machado e como sempre um processo falso que redundá noutra chocante inconsequencia do ilustre crítico: depois de lhe haver atirado a pecha de indiferente e insensível a sorte dos homens procura nesse artigo, contrastar a jovialidade amável de alguns humoristas ingleses com a melancolia profunda que paira na obra de Machado. Ora, quem deixará de ver que a negação mesma da frieza e da insensibilidade moral está nesse carácter sombrio da sua obra, sendo cousas viceralmente incompatíveis a indiferença pelas dores humanas e o rictus doloroso, produzido pela participação real ou virtual nessas mesmas dores? Se existe amargor nas suas paginas, é porque ha de haver nelas o reflexo de um grande sofrimento, ha—de haver pessimismo—marca de todos aqueles que fundamente penetraram no conhecimento da vida e no conhecimento do coração humano.

Fazer a resenha da essencia de tôdas as grandes obras de pensamento seria compor um interminável e lúgubre miserere.

Parece entretanto ao sr. Murat que a missão do artista seja fazer a vista grossa para essas misérias que eternamente nos affigem e pintar a vida como um paraíso terreal. E estou certo não faltará quem me responda que sim, que o artista precisa ser bom, precisa possuir uma boa dose de optimismo, precisa ser deste modo ou daquele... Muito bem dito. Isto porém para aqueles que, na

falta de outro mister mais ruidoso, quer ser poeta, quer ser literato etc. etc..... Sim para quem deseja fazer alguma coisa importante na vida e alcançar a gloria honesta de ser lido e apreciado por matronas virtuosas e cavalheiros de bons sentimentos, isso sim; para quem como escritor possui tal ideal, demos-lhe esses preceitos, essa norma bonita. Para aqueles, porém, que como Machado escrevem e pensam por uma necessidade da intelligencia, que sentem o impulso irresistivel de penetrar a essencia das cousas; para estes espiritos soffedores, que procedem com o maximo de sinceridade e de lealdade, para estes o lançar regras de conducta intelectual é uma afronta. Se elle cometeu o erro de não pensar de acordo com nós todos, saibamos todavia perdoar-lhe esse crime; não o leamos, não o admiremos, porém, ao menos respeitemos na sua obra a eterna liberdade do pensamento.

Não queiramos penetrar na obra de Machado como quem vai espairer a um jardim florido ou a uma horta de couves e de repolhos; não, as suas paginas profundas são antes aquella *selva selvaggia*, cujos troncos têm raizes seculares nas grandes dores humanas, e cujos frutos nos saberão ao mixto de doçura e travor que palpita em tudo que é humano.

Sentireis mesmo, por isso, na sua obra o cunho doloroso de pessimismo, de revolta, de desespero, de misantropia mesmo, não da misantropia que é odio, mas dessa misantropia que é, como bem sentiu Emilio Sigogne, — *faite d'un besoin d'aimer, qui ne peut s'assouvir*.

Desafio quem quer que seja a que me demonstre haver maior soma desse amargor, dessa revolta, desse pessimismo, dessa misantropia, na obra de Machado de Assis, do que na de Shakespeare, na de Stendhal, na de Flaubert, na de Balzac, na de Maupassant. No entanto, que me conste, ainda ninguem se pôs a xinga-los, pelas suas dores e pela sua tristeza, antes todos os que os souberam compreender, se curvam respeitosos ante a sua memoria, sentindo-lhes o selo trágico da genialidade, sentindo que há elevação e sofrimento no seu pessimismo.

Porque souberam ver mais alto e mais fundo que nós outros, por isso mais sofreram.

Que livro há mais doloroso do que o *Dom Quixote*, que livro há mais repassado de íntima revolta, embora velada pelas aparências comicas dos episodios? E o que nele palpita não é a revolta contra «a tirania dos governos», não são os defeitos, os preconceitos de uma sociedade ou de uma epoca; é a propria miséria humana, a imensa e eterna miséria humana, numa pintura viva, onde sangram os sentimentos de revolta e de piedade,

laivos de amargor e de ternura, de esperanças e desenganos, de negação e de fé, tudo vivido, tudo revelado, tudo consubstanciado em harmonia suprema, pelas mãos mágicas do genio.

Em Shakespeare, o maior criador de almas, quem não haverá sentido o sainete doloroso de pessimismo que ressumbra das obras primas da sua maturidade?

E mais, foi Shakespeare, ao qual não chegam quaisquer vociferações de nós outros.

Que diremos de Vigny, a personificação mais dolorosa do desespero trágico, do nihilismo filosófico, da revolta sangrenta contra a natureza e a vida?

E a persistirmos nesse criterio açucarado de hiper-sensibilidade, certamente haveremos de arguir a Dante um formidável odio humano, quando lança nos vortices do seu *Inferno* uma boa porção de gente viva . . .

Dante seria hoje um homem que odiou os seus contemporaneos, se houvera vivido no Brasil ao tempo da abolição.

E donde esse pessimismo, essa misantropia, senão da compreensão da tragedia da vida e da visão das tenebrosas fundeiras da alma humana?

Mas, nesse caso—perguntaria o Sr. Murat—deveriam todos os intelectuais identificar-se no pessimismo, convergir para um mesmo aspecto sombrio de desilusão? Não, não é isto o que pretendo afirmar, porque se todo o intelectual tem a agudeza suficiente para compreender, com maior ou menor alcance, as misérias irremediáveis da vida; todavia nem todos se deixam estar na contemplação dessas misérias, pela simples razão de que todos elles não possuem o mesmo carácter, a mesma disposição de espirito. Daqui, duas caracterizações distintas e antagonicas de individualidades mentais: os que creem e esperam e vivem pulsando nos arrobos olímpicos de Dom Quixote e os que se prendem ao tormento de Prometeu—duas criações literárias que bem personificam os pontos extremos dessas atitudes intellectuais. Os primeiros são homens de um forte idealismo e uma imaginação possante, capaz de superar-lhes a consciencia do mal; possuem uma crença um ideal que os mitiga que os impulsiona e os ilude . . . Os segundos são espiritos que vivem torturados pela visão trágica da vida e pela compreensão das contingencias miseráveis da terra. Nos primeiros ha convicção e movimento; nos segundos duvida e contemplação. Joaquim Nabuco e Machado de Assis bem podem ser tomados como expressão pessoal desses dois pontos terminais a que chegam os intellectuais. Nem todos entretanto se caracterizam pela reclusão em uma de tais feições extre-

mas porque dentro desses dois limites aparece a multiplicidade dos aspectos individuais, que medeiam entre o pessimismo sombrio de Alfredo de Vigny e o idealismo olimpico de Platão ou Lamartine.

Para o sr. Luis Murat a função do escritor é lutar contra os êrros do governo ou contra a hipocrisia humana. Mas não creio em tal afirmação como verdade estética. Quando muito a prescrição dessas normas rígidas seria a expressão descabida de um pragmatismo bem intencionado mas esterilizante.

O escritor pode fazer da sua obra um instrumento de combate por causas nobres, um instrumento de reivindicação de direitos, quando se sente espontaneamente talhado para isso, e, quando crê na eficiencia da sua obra.

Quando é um Juvenal que fustiga, um Eça que zomba, um Joaquim Nabuco que crê, ha de trilhar essa vereda luminosa, única verdadeira e nobre para o sr. Murat. Mas quando é Lucrecio preocupado no conhecimento das cousas, quando é Quental atormentado pela sede do infinito, quando é Byron estrangulado por uma dor irremediavel, como lutar, como esperar por um dia de reivindicação, em que não acredita?

Luta, mas numa luta sangrenta em que não ha vitória. Lutar assim, Machado lutou, porque, com esses espíritos sofredores, sentiu as nossas misérias e as condições precarias do bem; lutou com a vida, com a esfinge assassina, com o mistério infinito, contra si próprio, de uma luta que é desespero e dor, de uma luta que é resignação ao irremediavel.

Como pulsar nos arroubos ingenuos de Dom Quixote, quando se tem a alma presa ao rochedo de Prometeu?

E ainda bem que o sr. Murat fala nessa «hipocrisia humana»; deverá reconhecer que ha no interior destes pobres filhos de Adão, alem da hipocrisia uma porção de outras cousas mais dolorosas e mais feias. O lado máu que êle percebe na obra imortal de Machado é, não só essa mesma hipocrisia, mas todos os aspectos da nossa miseravel condição, não porém combatidos, apenas retratados, apenas sentidos dolorosamente. A maldade que o sr. crítico lhe quer descobrir através dos seus livros, não é dele somente, é nossa, é de todos os que vivemos e morremos debaixo do sol, lutando encarniçadamente, como um bando sinistro de corvos, por um pedaço de pão ou por uma sombra mentirosa de vaidade.

O que existe de revolta em Machado é revolta contra essas baixezas a que somos condenados, não pela «tirania dos governos», mas pelas contingencias irremessiveis dos nossos destinos.

Um espírito como êle, possuidor da alta faculdade de compreensão dos homens e das cousas, não poderia nunca ser máu, nunca ter ódio ou desprezo da humanidade, nem mesmo faria nunca da sua obra um «instrumento de represalia» contra as torpezas da vida, porque se reconhece o homem miseravel, não é para odia-lo, nem mesmo para pretender corrigi-lo, mas para dele compadecer-se, de um compadecimento profundo de quem se sente participante dessa mesma miséria. Se há revolta na sua obra, não é contra a pobre humanidade sofredora, é contra as garras inexoraveis do destino, é contra a natureza, mãe e inimiga, é contra o infinito, que nos encerra na jaula eterna do sofrimento,—é uma revolta em que ha desespero, porém contida e velada, é revolta chorada. Reconhece-nos eternamente sofredores, e daqui o seu pessimismo.

Mesmo quando se revolta contra preconceitos ou crimes sociais, fá-lo sob aquele tom velado, por pudor ou por piedade, imprimindo-lhe o alcance essencialmente humano, e protesta desassombradamente mesmo contra cousas que ainda trazem o sêlo e o aparato da civilização. Tal aquele capítulo do *Quincas Borba*, onde narra uma scena da forca, dando-lhe um relevo amargo, pelo reflexo psicológico na alma de Rubião,—marca da sua estética, onde o mundo interior é tudo.

O sr. Murat, se ainda se recorda desta pagina, dir-me-há logo que aí não ha protesto, porque não se lhe sentem palavras retumbantes, e ainda será capaz (tudo é possível) de descobrir nela uma porção de maldades e de cinismos do romancista.

Revolta, pessimismo e piedade são os traços profundamente característicos da sua obra—revolta contra as abominaveis misérias da vida; melancolia porque sabe que essas misérias são irremediaveis e eternas; piedade, porque lhe vibra no fundo da alma os estos contidos de um doloroso amor humano.

Ao lado dessa irremediavel melancolia, guarda entretanto uma resignação amarga e serena diante do espectáculo degradante que o envolve, sem entono agressivo, sem aristas, num estoicismo feito de renúncia e de ilusão. E' o poleá que não crê na miragem da sua *mosca azul*, sabendo da sua inanidade, sabendo que ao contacto das mãos ela sucumbirá «rota, baça, no-genta, vil»; nem por isso a mata ou a despreza, deixa-se estar «a contempla-la, mudo e tranqüilo como um faqiür».

Essa visão desencantada dos homens e da vida, se lhe trouxe o scepticismo metafísico, não lhe infundiu o scepticismo moral. Não nega a beleza moral, antes admira-a e a adora, e como homem a pratica. Não crê, porém, nela como ídolo, ou melhor direi

que a tem por um sacrificio nobre necessario e inutil. E é por isto que êle, o maior conhecedor de si próprio, se chamou um *budista desencantado*, de um budismo puramente intelectual, mera atitude do pensamento sem nenhuma objectivação teleológica em carácter religioso.

Duvidou sim, negou mesmo, mas, duvidando, não foi hipocrita; regeitou as peias e os paliativos falazes, não condescendeu, não temeu o fantasma dos preconceitos, teve a probidade e a elevação de se mostrar sinceramente, pondo nesse mesmo cunho de duvida e de negação que vibra na sua obra, a marca da sua sinceridade, da rectidão da sua consciencia.

Esta foi talvez a maior culpa do grande pensador . . .

Se para o espírito lhe morreram, como ídolos falsos, alguns dos nossos motivos de crer, ficaram-lhe entretanto, vivos e bem vivos, os numes interiores cantando e vibrando no fundo do coração, como eterno consolo aos seus dias amargurados:—creu no sonho e na ilusão, creu no genio humano e na glória, creu no amor “como a mais antiga religião”, creu no dever e na amizade, creu na felicidade doméstica, creu no carinho e na fidelidade da esposa—doce arrimo do seu viver atormentado.

Quanto à falta de interêsse humano que o sr. Murat pretende lobrigar na obra de Machado, protesto contra essa injustiça ou miopia, seja o que for, mas protesto e apelo para a elevação e a agudeza de todos aqueles que possuam a penetração de análise e a faculdade de compreender postas acima de antipatias pessoais.

Que é o interesse humano em uma obra artistica, senão esse reflexo, essa vibração das nossas angustias e dos nossos anseios, de flagrantes da nossa alma, de episodios da vida latejantes de verdade e de dor?

Duvido que me apontem uma única pagina sua, que não seja palpitante de vibração humana, onde se reflectam, vivas e sangrando, as nossas dores e as nossas misérias, os nossos anseios e os nossos desenganos, os nossos arremêssos e as nossas quedas, por sôbre os quais adeja suavemente, como sombra fugitiva, um sorriso de resignação e consôlo. O final do *Quincas Borba*, que Silvio Romero reputava insipido, é doloroso, é penetrante de uma dolorida emoção, dá-nos vontade de chorar, como se estivessemos assistindo a um esbarrondar lento das ilusões humanas.

Nenhuma pessoa capaz de compreensão estética deixará de sentir a emoção artistica em qualquer dos seus romances e dos seus contos, dessa emoção nascida como de um “deslumbramento do mistério”, não do mistério sobrenatural a que se referiu o

poeta, mas do mistério da nossa própria alma e da nossa vida, que essas paginas nos desvendam, revelando-nos um desvão desconhecido das verdades profundas que apenas havíamos entrevisto numa intuição vaga das cousas, e que o artista nos poe em relevo. Porque nisto reside a potencialidade suprema da arte: em arrancar da visão e da compreensão crua das nossas misérias, uma sensação particular de alegria,—não a alegria de um leão que sentisse o fardo da presa nem a de um homem que tirasse a sorte grande na loteria,—mas, digamos assim, uma alegria na dor, uma alegria olimpica e indefinível, que só a compreensão estética pode dar, tanto mais refinada quanto mais dolorosa é a sua razão determinante—gôzo virtual mas intenso, algo como a sensação de um remigio libertador.

E aqui está a virtude maxima do artista, que, da reprodução exacta da vida com as suas misérias e com as suas torpezas nos desvenda o luminoso caminho das nossas superioridades. As predicas, as doutrinas, as demonstrações ficam para o moralista e para o filósofo . . .

Foi neste sentido que Anatole France afirmou que o artista deve amar a vida e no-la mostrar bela, conceito que, interpretado superficialmente, estaria em frisante contradição com a obra toda do autor de *Le Lis Rouge*, mas que de facto encerra uma das mais profundas verdades estéticas.

Passando em escrutinio todos os personagens, de Machado duvido que em nenhum deles se deixará de sentir uma profunda verdade humana, uma inexcedível sensação de vida, posta em relevo pela admiravel arte realista e pela aguda penetração psicológica. Ha nelas inegavelmente um pouco de amargor, um pouco de crueza, como aliás em tôdas as grandes criações literárias. E quem, porventura não terá ainda topado pela vida com criaturas muito mais ásperas, muito mais baixas, muito mais cruas do que as figuras de seus romances?

Não faz máus os seus personagens, antes, em alguns passos dos seus romances, parece frisar um contraste entre o homem e os homens:—um contraste das disposições primeiras da alma dos movimentos interiores desinteressados e por vezes ingenuos, com a vida, com a sociedade, que os bastardeia e mata. Se são máus, a vida é que os faz assim, a vida, esse tufão de egoismo, de odio de vaidade, de ambição, de sandices, que não é ninguém e somos todos nós.

E quem negará não seja este muitas vezes o desfecho inevitavel de uma longa e dolorosa tragédia interior, que se opera não em todos os espíritos, mas naqueles para quem as ilusões

mais íntimas feneceram ao bafo atroz das realidades grosseiras da terra — castelos de areia desmoronados ao beijo iconoclástico de lufadas aspérrimas.

Entretanto este é apenas um aspecto vago na sua obra, porque êle, como puro artista e como bom psicólogo, não faz das suas criações e dos seus individuos documentações de principios ou de doutrinas morais pre-estabelecidas. Observa-os, penetra-os, reproduz-los, tais quais a vida os apresenta. Por isso não são, nos seus romances, nem monstruosos nem antipáticas, nem absurdas, como supõe a miopia de alguns críticos: não são bons, nem máus, são profundamente humanos, e como tais, trazem dentro de si esse dualismo eterno de misérias e sublimidades, de quedas e remigios, de tortura e de gôzo, de baixeza e de elevação. Nero ou Caligula não são excepções em qualidade, são-no em intensidade, porque em todos nós ha uma pontinha da maldade desses monstros, assim como neles devia haver um pequenino da bondade e da meiguice dos senhores criticos melindrosos que estremecem ante a profundidade da obra de Machado de Assis . . .

A maior soma de dor, de desespero, de pessimismo, que possam encerrar os seus livros é a prova, é a marca do grande interesse humano que neles palpita. E justamente porque reflectem sem reboços a tragédia da vida, é que o caluniam, é que (cumulo da má fé!) lhes negam vibração e interesse pelas nossas dores e pelos nossos destinos. Os mais acerbos reproches lhe veem desse cunho eminentemente humano das suas paginas.

E a gente, a vista disso, que ha de fazer, senão concluir que existe em boa parte da humanidade uma curiosa faculdade de ver às avessas?

Mas estou certo que não foi o seu scepticismo filosófico a sua *distancia*, que lhe imprimiu esse aspecto sombrio tão desagradavel para o sr. Murat; foi mais a sua arte, a sua poderosa visão psicológica, porque onde ha penetração profunda do coração humano, ha consequentemente revelação dolorosa de misérias infinitas . . .

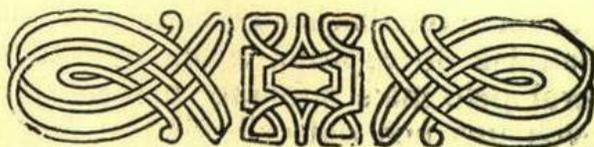
O que chocou a vista de alguns criticos foi, menos a sua amarga filosofia do desencanto, do que a sua arte de por a nú as fundeiras trágicas da alma humana. Se ainda vivesse La Rochefoucauld, teria ampliado a sua maxima: *Não somente o sol e a morte tememos olhar de frente, mas tambem os abismos da nossa alma.*

Não, sr. Luis Murat; não quero ter a leviandade de impor a todos a admiração por Machado de Assis. Penso apenas que a

personalidade formidável do Mestre merece e exige, para ser compreendida, maior soma de sensatez, maior soma de elevação. Não, sr. Luis Murat; a seriedade da verdadeira crítica se não nos pontifica para que vejamos nele um Deus, menos ainda no-lo dá como um monstro: ensina-nos apenas a estudá-lo como um homem sofredor, prototipo da probidade pessoal e moral, e como um artista que soube consagrar a sua vida toda ao culto desinteressado de um ideal nobre, elevado e sério. Não, sr. Luis Murat; um homem como este que não teve intuito de *ser literato*, que foi sincero na duvida, sincero no seu sofrimento e no seu pessimismo, esse homem ninguém tem o direito de cuspir-lhe insultos na memória, porque não escreveu artigos em prol da abolição, porque não fez discursos vibrantes de campanha política, porque não foi expansivo . . . Não, sr. Luis Murat; procuremos aprender esta lição fecunda de elevação ensinada pela alma doce e nobre de Joubert: "que tomar por um defeito de espírito o que não é senão um defeito de opinião, ou por uma falha do carácter o que não é senão uma falha de temperamento, julgar um homem segundo um proposito, uma vida segundo um facto, uma alma segundo um movimento, sendo tudo isto irregular, é praticar-se muita maldade e muita injustiça". Não, sr. Luis Murat; já se não suportam hoje na crítica estes exclusivismos de rancores pessoais, graças aos quais se deturpa injustamente uma figura literaria. Não, sr. Luis Murat; aprendamos a lição imortal de Goethe, que nos ensina a soberana amplitude da intelligencia para tudo compreender, pela simpatia ou pela tolerância, porque em tudo, nas cousas mais humildes ou mais rasteiras palpita um germe incompreendido de beleza e de fé. Não, sr. Luis Murat; não podemos desprezar a lição fecunda de Alfredo Fouillé naquela sua admiravel teoria da conciliação, em que nos preceitua, nas operações mais abstratas do espírito, a obediencia às leis soberanas do mundo moral pelo mais sublime e mais doce dos seus preceitos—"amai-vos uns aos outros". Não, sr. Luis Murat; aprendamos ainda aquela velha norma de elevação em que Montaigne nos aconselha a crer na grandeza de alma e nos sentimentos elevados dos grandes homens e nunca procurar rebaixar-lhes os moveis, atribuindo a intenções rasteiras os exemplos de virtude das grandes figuras do passado. Não, sr. Luis Murat; é bem digno do nosso respeito, do nosso affecto e da nossa gratidão o homem que, penetrando e sentindo as eternas misérias da vida, soube fazer delas, pelo soberano milagre da arte, uma perfeita criação de beleza, como eterno motivo para o nosso orgulho e para a nossa consolação.

Não, sr. Luis Murat ; sem a virtude maxima da tolerância, nada será duradoiro nos dominios do espirito, nada será elevado, nada será verdadeiro, porque sem a tolerância não pode haver compreensão, e sem compreensão não haverá nunca justiça. Não, sr. Luis Murat; a grande alma de Machado de Assis foi nobre, foi sofredora, foi boa, embora incompreendida por certos críticos, porque ha muitas vezes profundas verdades ocultas por simples aparências externas, por simples ressumbros pessoais, que no-las vendam e no-las privam de compreensão e de amor, pon-do-lhes a aspecto de contrarias e adversas:—o inimigo que muitas vezes procuramos matar, numa ansia incontida de rancor, se lhe arrancassemos essa mascara invertida que lhe aferramos, havia de aparecer-nos, como êle de facto é, como irmão, cujos braços se abiriam para nos receber num imenso amplexo fraternizante de perdão e de amor.

Cesário Neto





MISTURA INCONVENIENTE

Está sendo elaborado o dicionário da Academia Brasileira de Letras. Será, por sem duvida, obra modelar, perfeita como as que mais o sejam no gênero. E' isso o que se deve esperar duma assembleia de sábios, em que teem voto as mais acatadas capacidades nas letras vernáculas.

Temo, porém, o soçobro do grupo de puristas, que se bate em defesa da pureza do idioma, esforçando-se por se não intrometerem no dicionário têrmos peregrinos, correntes na língua. Dêsse grupo é chefe o grande Silva Ramos, que se constitui, destarte, em benemérito lidador, em um patriota de verdade, de espada em riste contra os que desejam babelizar a língua de Manoel Bernárdez.

Há, além do grupo encabeçado por Silva Ramos, mais dois, um que aceita o registo dos estrangeirismos, mas em suplemento, e de que é expoente o escritor Coelho Neto, e outro, orientado por Humberto de Campos, é composto dos *homens modernos* — que às vezes são perigosos. Pois êste terceiro grupo de acadêmicos acha que se devem registrar no dicionário da Academia todos os vocábulos tirados a outros idiomas, de mistura com os têrmos portugueses!

Não sei, nem quero saber, quais as razões em que se estribam os que acompanham o brilhante Conselheiro XX, para desejarem essa mistura inconveniente, atentatória da obra, já de há muito encetada, da limpeza do vocabulário português.

De certo, a única razão deles é a de que o modernismo acha bonito o emprêgo de palavras intrusas, entradas em nossa casa sem a necessaria licença.

A propósito, li no "Comércio de Lins", uma local que tratava dêsse assunto. Dizia o jornalista, em letras de fórmula, que estava de acôrdio com o festejado escritor Humberto de Campos, porque a língua, sem estrangeirismos ficaria "como u'a cara sem pó de arroz nem *rouge*", u'a cara "desenxabida", etc..

Com que então as línguas, em que não há estrangeirismos, desnecessários, em vista de possuírem vocábulos seus, correspon-

dentes, são desenxabidas, como as moças da roça, que não usam o carmim nos lábios?

Não! O que sai fóra da naturalidade é que perde a graça, a beleza, ficando desenxabido.

As linguas não enriquecem pela intromissão de têrmos que lhes vêm de contrabando, mas sim com os próprios recursos, pela analogia e quando tudo isso não seja suficiente, se formam os neologismos, de accôrdo com os *factos da linguagem*.

Temos ainda o uso popular, drenando para o dicionario novos termos criados segundo as necessidades do povo; êsses termos, passados nas forjas etimológicas e fonéticas, se incorporam á linguagem escrita, aumentando o cabedal terminológico dos idiomas

Para que, pois, estrangeirismos?

Por acaso existem vocábulos portuguezes nos dicionarios ingleses e franceses? Nunca os vi. E' que essas linguas, para se expandirem, não precisam de estrangeirismos. Entretanto são menos ricas do que a nossa, que é como um tesouro de esmeraldas.

Não! Não precisamos de exotismos, que nos afeam a língua. Trazem êles confusão e balbúrdia dificultando os estudiosos nas comparações das diversas linguas, novi-latinas ou não.

Por que se não registam à parte em Suplemento, de acôrdo com o parecer do escritor Coelho Neto, os estrangeirismos corrente? Seria mais patriótico, lógico, e consentâneo com o evoluer da filologia comparada!

Avante, puristas, patriotas! se amais vosso idioma, que é o laço que nos prende ao passado, como o disse o grande Alexandre Herculano! Avante! Não deixai que se apodreça esse laço sagrado, cuja fortidão deve ser perpétua, esse laço que deve ser invulnerável a golpes sacrilegos, mas há quem deseje quebrantá-lo, enfeitando-o com maquilagens exóticas e petulantes!

Avante e em guarda, mondadores da língua!...

Severino de Queiroz

A Rosa e seus attributos

Dedicado á primogenita do meu
illustre amigo Dr. Oscarino Ramos

Nome da rainha das flôres, palavra suave e cheia de encantos,—*rosa*, ao ser pronunciada, exprime alegria, traduz contentamento.

Rosa é a flôr que por excellencia predomina num jardim, que sem ella não seria completo; mas que sendo só de roseiras, das tantas castas que della existem, esse vergel estaria esplendido.

D'ella tudo é lindo: a rama, as folhas, as côres e o conjunto. Seus variados perfumes deleitam sentimentalmente; inebriam com subtileza.

Nenhuma outra flôr tem a propriedade da roseira, até mesmo para reproducção e cruzamento.

Os enxertos, criam-lhe novas feições que pelo mysterio da natureza apresenta nova rosa, sempe bella, amena e sympathica.

Dessas numerosas especies poderia o amator facilmente compor admiravel floresta, seductiva e attrahente, sem precisar do concurso de outras pertencentes ao mesmo reino.

Igual não succederia si se quizesse organizar um grupo de outras flores, ou mesmo das demais, reunidas, em que faltasse a rosa. Estaria incompleta, deficiente a sua formosura.

Nada deixa a desejar um bouquet só de rosas; assim tambem um festão só dellas ornado.

A rosa só tem rival nas competencias reciprocas.

Até á Virgem Maria foi dado o nome de *Rosa Mystica*.

Só a rosa tem varios odôres: forte, brando, suave e delicioso, segundo a sua qualidade. Em côres, por infinidade,—mas tudo rosas.

Unicamente a um botão de rosa se compara a donzella mais linda.

E', pois, a rosa a imagem da perfeição vegetal, e que sobre as suas iguaes projecta luz de ternos encantos.

Mar de rosa é alegria aos oceanicos;

céo côr de rosa a esperanza do pensador;

e o lavar-se em aguas de rosa o enlevo dos felizardos.

Tambem os ditos proclamam a grandeza da rosa.

Mulher—bella—que se chama Rosa—ostenta duas bellezas, a do rosto e a do nome.

J. Campos Vidal

Paginas dos Mestres

Burity Perdido

Velha palmeira solitaria, testemunha sobrevivente do drama da conquista, que de magestade e de tristura não exprimes, veneravel eponymo dos campos!

No meio da campina verde, de um verde esmaiado e merencoreo, onde tremeluzem ás vezes as florinhas douradas do alecrim do campo, tu te ergues altaneira, levantando ao céo as palmas tesas,—velho guerreiro petrificado em meio da peleja!

Tu me appareces como o poema vivo de uma raça quasi extincta, como a canção dolorosa dos soffrimentos das tribus, como o hymno glorioso de seus feitos, a narração commovida das pugnas contra os homens de além!

Porque ficaste de pé, quando teus coevos já tombaram?

Nem os rapsodistas antigos, nem a lenda cheia de poesia do cantor cego da Illiada commovem mais do que tu, vegetal ancião, cantor mudo da vida primitiva dos sertões!

Átalaia grandioso dos campos e das mattas—junto de ti pasce tranquillo o touro selvagem; e as potrancas ligeiras que não conhecem o jugo do homem.

São teus companheiros, de quando em quando, os patos pretos que arribam ariscos das lagôas longinquas em demanda de outras mais quietas e solitarias, e que dominas, velha palmeira, com tua figura erecta, quêda e magestosa como a de um velho guerreiro petrificado.

As varas de queixadas bravios atravessam o campo e, ao passarem junto a ti, talvez, por causa do ladrido do vento em tuas palmas, rodomoinham e rangem

os dentes furiosamente, como o rufar de tambores de guerra.

O corcel lubuno, pastor da tropilha, á sombra de tua fronde, sacode vaidosamente a cabeça para arrojara fóra da testa a crina basta do topete, que lhe encobre a vista; relincha depois, nitre com força, appellidando a favorita da tropilha, que morde o capim mimoso da margem da lagôa.

Junto de ti, á noite, quando os outros animaes dormem, passa o cangussú em monteria; quando volta, a carne da prêa lhe ensanguenta a fauce e seu andar é mais lento e ondulante.

Talvez passassem junto de ti, ha dous seculos, as primeiras bandeiras invasoras; o guerreiro tupy, escravo dos de Piratininga, parou então extatico diante da velha palmeira e lembrou os tempos de sua independencia, quando as tribus nomadas vagavam livres por esta terra.

Poeta do deserto, cantor mudo da natureza virgem dos sertões, evohé !

Gerações e gerações passarão ainda, antes que séque esse tronco pardo e escamoso.

A terra que te circumda e os campos adjacentes tomaram teu nome, o'eponymo, e o conservarão.

Se algum dia a civilisação ganhar essa paragem longinqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de sócco, velho Burity Perdido. Então, como os hoplistas athenienses captivos em Syracusa, que conquistaram a liberdade enternecendo os duros senhores á narração das proprias desgraças nos versos sublimes de Eurípedes, tu impedirás, poeta dos desertos, a propria destruição, comprando teu direito à vida com a poesia selvagem e dolorida que tu sabes tão bem communicar.

Então, talvez, uma alma amante das lendas primé-vas, uma alma que tenhas movido ao amor e á poesia não permittindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento ás gerações extinctas, uma pagina sempre aberta de um poema que não foi escripto, mas que referve na mente de cada um dos filhos desta terra.

Affonso Arinos



Paginas contemporaneas

Hontem-hoje-amanhã

“e a primeira pedra atire
quem for pae, não sendo assim”.

Como uma onda repentina que me inundasse afagando, nenhuma ternura encheu-me tanto o coração como quando ouvi, meus filhos, vosso primeiro grito para a vida.

A vida—quanta pena e alegria, quanta amargura e quanta felicidade, que mysterio profundo que nos faz recordar e perdoar tanta coisa, que nos leva a aneiar e temer a sorte dos pequeninos por que somos responsáveis, por vós, queridos filhos . . .

E é cada dia mais um cuidado, a cada hora mais um desvello materno, até que compensando toda a dedicação dos mais santos affectos, desabrocham nos vossos labios os primeiros sorrisos, como raios de esperança de uma vida que vingará.

Depois, na escumilha do filó do vosso berço abre-se uma aurora radiosa, quando ensaiam as primeiras palavras vossas boquinhas rosadas . . . Como esquecer as primeiras palavras balbuciadas? ! E' como se descesse sobre a terra toda a alegria do céo, quando pela primeira vez soltam os vossos labios as syllabas encantadoras: Papae, Mamãe !

Começastes a caminhar e seguem vossos passos vacilantes, tantos braços estendidos, receiosos, promptos para amparar-vos na queda, é o vosso andar portanto é que marca o rhythmo do nosso coração.

Parece hontem.

Hoje brincaes pela casa toda com dois companheiros que se fazem crianças para vos verem contentes, felizes, por uns momentos sequer . . .

E quanta felicidade tambem nos daes assim. O que perdi por desambição e o que deixei de ganhar por ambicionar demais; o que consegui sem querer e o que não obtive querendo tanto—tudo é vão, é ephemero, pueril como o mundo dos vossos brinquedos. Vossas estampas coloridas, vosso navio de papel, vosso cavallo de pau, vosso polichinelo (Cangiquinha, dizeis), que riqueza, que encanto que procuraes e abandonaes logo depois, e de novo procuraes, e dia virá em que os esqueceréis de uma vez. Quando? Hoje? Amanhã?

Amanhã talvez vos seja mais grato um passeio pelo campo. Para vosso entendimento em botão, cada vida terá o encanto inedito de um despertar tambem. O eterno sol terá o condão de vos extasiar os olhos nascendo como um balão vermelho, parado e acceso no amplo cariz do céu. Uma lebre que corra ligeira á nossa frente vos espantará de engraçada e até o vôo ligeiro dos papa-mosquitos á face verde das lagoas paradas, vos prenderá a attenção: tão lindo, tão novo tudo!

Outras vezes, nos occasos incendidos de Agosto, ao redor da nossa velha cidade, sentiremos o halito das queimadas de longe, quando voltarmos da beira do rio. Mas até esse bafo quente sobre as nossas cabeças vos será de sensação de algum prazer, por nova, por primeira e vos lembrará, tempo afóra, o nosso piquenique, as mãos do vosso papae apertando as vossas mãos pequeninas, ajudando-vos a descer o caminho pedregoso, apontando-vos a aba de um morro de tristes lixeiras mirradas ou um grupo de arvores sombrias no escurecer:—Vamos, não cance querido, é ali perto, logo chegaremos!

Amanhã! Mas quem sabe o que será amanhã?

Amanhã vos ajudarei a aprender a ler, explicando-vos a ponçautão, como me fazia o vosso bom vovô?

“Tiraram. Não está aqui”. — “Tiraram? — Não. Está aqui”.

— Comprehendeste Paulo?

— Entendeste, Edgard?

Como rirei satisfeito quando, de regresso da escola, eu vos apresentar ao sr. cura e a seu pedido lerdes, com a candura da vossa idade, os exercicios de francez: *La blancheur de la neige. La pureté du coeur.*

Amanhã a vida vos chamará para prazeres de outro especie, para distracções de outro sabor.

Que aprumo, que garbo, quanta conquista respirará a vossa mocidade!

Então eu serei apenas o “velho”, o que fica em casa completamente esquecido de vós e lembrando-se de vós a cada instante. A cada momento olhando ancioso para o ponteiro das horas, afflicto pelo vosso regresso na sombra da noite—para ver como a vida vos cumula de felicidade e assim tambem sentir-se ditoso; para ver si voltastes tristes, abatidos ou vencidos e me encher de pezar, tanto como si fora eu mesmo ou mais até do que si fora eu proprio.

Porque velhos, já não somos nós mesmos, mas somos vós na nossa vida que em vós se repete, ó meus amores . . .

Cesario Prado

Páginas esquecidas

NO CAMPO

*Fulge o sol da manhã. Pela chapada
Trina alegre a jupuíra no arvoredo,
E, de orvalho banhado, altivo e ledô,
Muge um touro, escarvando na quebrada.*

*Dos vaqueiros a turma, sobre a estrada,
De manso vem marchando, e o passaredo,
Que na alfombra brincava, vai com medo
Pousar do coqueiral na fronde alçada.*

*Cantarolando ao echo, mais adiante,
No cercado da estancia, loiro infante
Encaminha o rebanho p'ra o curral.*

*No rio um pescador vaga indolente;
No emtanto, jorra o sol, indiferente,
Catadupas de luz no pantanal!*

VESPERAL

*Quando do occaso as azas pardacentas
Os matizes do ceu vão descorando,
E das aves ariscas passa o bando,
Para os ninhos voltando somnolentas;*

*Quando nas serranias descem lentas
As nevoas vesperaes, frias, e quando,
Os plumbeos horizontes aclarando,
Fulgem raios,—prenuncios de tormenta—*

*Minha pallida flor, quantas lembranças
Ness' hora de tristeza e nostalgia,
Vêm fallar-me d'extinctas esperanças . . .*

*E eu me lembro de ti, dessa erradia
Lenda de amor, de sonhos, de bonanças,
A' mesta suggestão d' AVE MARIA . . .*

OUTR'ORA

*Da primavera ao sol, que além se erguia,
Como uma hostia de luz, em pleno espaço,
Nós nos amamos . . . Que profundo laço
Nossas almas em flor então unia !*

*Teu labio tinha auroras de alegria,
Rosas tinha o vergel, e no terraço
Trilavam passarinhos . . . Como, escasso,
Fugindo, pouco a pouco, o tempo ia !*

*O scismar de tua alma immaculada
Me deste numa noite constellada,
Quando os astros erravam na amplidão . . .*

*Ephemera illusão das idas eras !
Teu amor, como a luz das primaveras,
Feneceu, quando veio outra estação !*

Corumbá. Agosto---1898

AQUARELLA

*Na choça, ao tom da viola,
Sonha, na rede o roceiro;
Vai passando o boiadeiro,
E a tarde, frouxa, se evola.*

*Na scisma, que á dor consola,
Junto á cerca do mangueiro,
Camponia de olhar trigueiro
Canta triste barcarola . . .*

*Longe, as vagas scintillantes
Lembram placas de diamantes.
Do sol ao rubro fulgor . . .*

*E da matta á sombra escura
Vai vestindo de tristura
Aquelle asylo de amer!*

Corumbá—Setembro—1998

Pedro Trouy

Páginas dos novos

IDOLO PARTIDO

A minha Mãe

O baile do tio Juca, foi sempre o maior acontecimento no lugar.

A sua pequena casa, á beira da estrada, n'esta noite estava cheia de gente das redondezas.

Não era para menos.

O baile ja estava fallado e premeditado ha muito; o tio Juca era o homem mais alegre do lugar e na'quelle dia, como todos os annos a bandeira do Divino pedia pousada em sua casa, e elle como homem devoto e religioso que era, não podia deixar de festejar tão honroso hospede.

Ha dias acompanhava-se a marcha da bandeira que, vagarosamente caminhava pelas estradas do sertão, tirando esmolas para a festa e abençoando com a sua passagem aquelle povo rustico e simples. Já diziam:

—Ella já está bem perto, o Chico que veio da villa topou com ella no caminho.

No sabbado, a bandeira entrou no logarejo, e depois de angariar os donativos de outras casas, pedio pousada na casa do tio Juca.

A casa estava cheia de povo, a bandeira a um canto, muito cheia de fita, muito cheia de flôres e laços, era beijada respeitosamente pelos convidados que entravam.

Bem a um canto via-se a musica composta de tres tocadores afamados:

Pedro Clarineta que diziam, havia aprendido na Corte, e tocava o instrumento do qual lhe veio o appellido.

José Pimenta, o violino afamado que fazia um pinto chorar e rir.

Antonio da Joaquina, que sabia cantar toadas, tocava harmonica como ninguem.

O baile animava.

Pedro Clarineta tocava uma valsa chorosa e devorava com os olhos a Maria Rosa, a filha do Antonio Sabino.

Maria Rosa era a filha mais bonita do sertão, tinha uns olhos pretos, grandes e ternos, que quando fitava um pouco mais para o Pedro este até engasgava na clarineta.

Vestia nesta noite um vestidinho de chita pintada de vermelho, com o corpinho justo deixando acivinhar dois pequeninos seios em botão que duros desafiavam a cobiça de todos, e a inveja de quem não os tinha mais assim...

Era travessa e alegre.

Tinha uma bocca pequena, que vermelha como uma romã, punha á amostra uma fileira de dentinhos miudos, certos e brancos como uma enfiada de perolas humidas.

Quando dansava impregnava a sala com o perfume de malva de seu corpo e o cheiro gostoso de chita nova.

Era uma tentação a rapariga.

Não era atôa que o José Pimenta andava enfeitado pelas suas graças.

Quantas vezes elle se deixava ficar, pensativo, com os olhos fitos n' ella, com os dedos morrendo nas cordas da viola, deixando escapar notas tristes, que bem diziam o estado de sua alma de apaixonado.

Maria Rosa sabia que era bonita, quantas e quantas vezes ella propria não se tinha achado linda!

Sabia o valor de seus encantos, sabia o quanto valia a sua graça, pois ella não era moça?

Pois não tinha dezoito annos?

O baile continuava animado.

E ella olhava muito para o Pedro, e raras vezes para o José.

Era de ver com que prazer ella se deixava levar pelos dois, e ambos por aquelle par de olhos tão meigos, tão negros...e elles pediam que aquella noite não se findasse mais.

Maria Rosa sempre risonha, mostrando os seu bellos dentinhos ponteados sorria... sorria n'um desafio.

Foi neste momento que o Pimenta, tirando bellos accordes da viola, cantou, com os olhos fitos no busto d'ella que apoiada na janella, olhava o terreiro branco polvillado pela luz da lua que ia alta.

Pimenta cantou, cantou, o que lhe ia n'alma, o seu amor, o seu bem querer, e Maria Rosa somente uma vez o olhou e que olhar indifferente...

Pedro não cantou.

Não era possível que tocando clarineta pudesse cantar, e n' aquelle momento lançou um olhar de odio para o instrumento e teve impetos de quebral-o e jogal-o longe.

Mas nada fez.

Contentou-se em olhar e gosar e indifferença de Maria Rosa para o Pimenta.

Maria Rosa era mulher, e a mulher é sempre mulher.

Quando viu que o José tinha deixado já a descoberto o seu amor, não mais o olhou; os seus olhares, e os seus sorrisos foram todos para o Pedro que agora afagava com amor a clarineta.

O Pimenta viu em que ridiculo cahira; viu mais, viu todas as moças olharem para elle com um certo sorriso que deixava bem adivinhar cousas cabelludas.

E mesmo ouviu dizer:

—A Maria Rosa gosta de pizar em corações.

E' como a andorinha do coqueiro, que uma só vez no anno mora na mesma casa...

E elle sentia já a pontinha dos pézinhos d'ella a galgar o seu coração virgem de amor, e mordido pelo ciume e despeito, meditava uma vingança que lhe dava rapidos clarões nos olhos; mas tocava triste, a viola gemia.

la clareando o dia, nuvens rubras punham manchas de sangue no céu; e a passarada já despertada cantava solta nas baibeiras fronteiras.

Já sahiam os convidados.

O Pimenta levantou-se, beiiou com respeito a bandeira do Divino, deixou cahir uma moeda na salva de folha, e lá se foi pelos caminhos até seu vulto esguio se sumir na curva, onde os primeiros raios de sol doiravam.

Depois, muito depois, passada bem uma meia hora, sahiu Maria Rosa só, ligeira como uma corça, alegre ia pelos caminhos afora arrancando com a mão pequenina e morena, penachos orvalhados de capim mellado que beiravam a estrada, e mordendo leve, sugando-lhes o mel com a sua boquinha de romã, e depois com a mesma graça que os colhia, atirava-os fora logo que o amargo apparecia.

O Pimenta a espera, acôcôrado atraz de uma moita, sentia já a sensação de uma vingança premeditada.

Maria Rosa passava, e aquella féra que a amava, saltou ligeiro da moita, e com um golpe rapido e profundo de navalha, deformou aquella face linda, aquelle rosto amado, aquelle rosto que só o tinha olhado para lhe fazer mal.

Maria Rosa ficara horrenda, n'um corte vivo que lhe indo da testa alta até o collo gracioso, deformou-a por completo.

E José, ligeiro como tinha saltado, pulou para o matto e sumiu-se entre as copadas arueiras em flôr.

Neste momento uma pomba arrulhava triste chamando o companheiro que tardava.

Maria Rosa resistiu ao ferimento, o sangue perdido foi em breve recuperado, e a ferida aberta foi se fechando lentamente, lentamente porem lhe deformou mais o rosto, tornando a pelle repuchada em grandes sulcos.

Ficara horrivel, perdera a alegria e a graça de corça arisca, já não sorria e perdera aquelle olhar que a tinha perdido.

Pois não fôra elle que enfeitiçara o Pimenta?

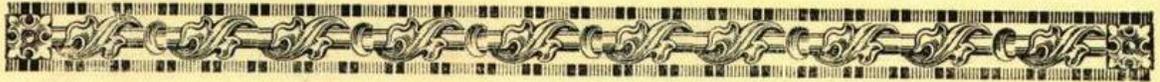
E ella que tinha possuido diversos corações, que os queria pizar como em cima de uma calçada rubra, não achou um só que lhe fitasse, um só que a olhasse como antigamente.

E uma vez chorou... chorou muito, amaldiçoou ter nascido.

Foi no anno seguinte, quando a bandeira toda garrida de fitas e flôres pediu pousada na casa do tio Juca.

Foi então que viu o quanto tinha cahido, o quanto era inferior ás outras; viu, viu mais, viu o Pedro Clarineta, o tocador afamado que diziam, tinha aprendido na Corte, de namoro ferra-do com a Raynunda.

Ella era um idolo partido.



BIBLIOGRAPHIA

DISCURSOS

— D. Aquino Corrêa —

Difficil consignar-se em folhetim a impressão da leitura dos «DISCURSOS» de D. Aquino.

Estamos numa época de velocidade. Tudo o que não é fragmentario está sendo relegado para as austeridades da sciencia, para vagares cenobitas ou para lazeres de occasião que nem sempre apparece.

A leitura se amesquinha em novelas de cinco minutos, em poemas de cigarras, em philosophias de algibeira.

A eloquencia despiu-se da chlamyde severa dos antigos e os moldes classicos do exordio e da peroração parecem um tanto pesados e fatigantes. Mas como aborrece tambem a maneira ligeira de uma conversa de bordo. As palestras, as conferencias, os discursos de hoje, neste tom de conversa sem cerimonia, estão degenerando em grossa vulgaridade.

Abandonou-se em geral o sublime para se cahir no terra a terra e isto faz lembrar o que Eça escreveu de Bourget — «diz o que todo mundo sabe, num estylo que toda a gente tem.»

Ora, os discursos de D. Aquino marcam e não de ficar.

Marcam uma eloquencia espontanea porem forrada dos moldes magestosos da grande arte classica. Não de ficar como monumento de vernaculidade.

Não pode ter o sainete leve de conversa de salão frivolo, quem falla pa-

ra a formação da mocidade em peças solennes como «A Noiva dos sabios» ou «Sêde Brasileiros».

E até naquelle discurso inaugural do Jockey Club, sente-se a alma D. Aquino, sempre alcandorada, deixando-se arrebatado pela magnificencia da natureza ambiente, para terminar por uma oração, por uma supplica em prol da nossa grandeza sem demerito da grandeza da nossa terra.

Nas poesias de D. Aquino ás vezes se esquece o orador. A fórma synthetica do soneto corta as azas ou prende o vôo da palavra inspirada.

E' todavia impossivel esconder-se o poeta nos seus discursos.

Assim, no discurso proferido na Camara de Ouro-Preto, D. Aquino descreve-nos um entardecer em uma prosa tão poetica quê bem poucas poesias rimadas poderão igualar.

Não conheciamos esse discurso como ainda não haviamos lido a bella conferencia do bicentenario de S. Francisco de Sales.

Foi tracejada com não de mestre a effigie empolgante do Bispo de Genebra e os que mesmo como diletantes já ao de leve compulsaram algum *Flos Sanctorum*, podem depôr que nesse estudo D. Aquino hombra-se sem favor aos mais eminentes e doutos agiographos.

Ouvi que Medeiros e Albuquerque destacou do volume dos «Discursos», o que foi proferido na inauguração do nosso Centro de Letras. Si esse mereceu os seus mais rasgados encomios, então eu me lisonjeio como de igual senso esthetico, porque o prefiro tambem sobre o da sua entrada na Academia. Com que olhos deve-se ler es-

ses "Discursos" ora enfeixados em severo porem elegante volume...

O namorado da fôrma depara com, aqui uma construcção de sabor classico, ali com uma palavra resuscitada dos calepinos ou de terminação vernacula corrigindo a moente de errado francezismo; o estudioso do vernaculo sente-se deante de uma fonte limpida que o desaltera (vá este gallicismo), e os sensiveis á belleza, prendem-se aos estos de uma palavra de vibração e harmonia na pintura de um quadro, na evocação de um feito heroico, no desenvolvimento logico de um raciocinio, que tambem tem a sua belleza sensível.

Ja uma vez escrevi que a Igreja não podia deixar de conquistar D. Aquino pare, por sua sua palavra, conquistar outras almas.

As almas crentes que se debruçam sobre este livro como não devem sentir robustecidos os argumentos da sua fé, si os proprios scepticos lhe sentem a força subtil e invasora!

Erguei mocidade! E' um brado de uma das orações aos moços e sente-se então que D. Aquino é tambem uma palavra-acção, palavra-dynamo, palavra que sobre os escumbros da dissolvencia sceptica de uma geração frouxa aos influxos de Renan e Anatole, de Eça ou Fialho, levantará uma mocidade sadia, nossa esperança e força do Brasil.

Cesario Prado

TERRA DO BERÇO

—José de Mesquita—

José de Mesquita acaba de publicar o seu segundo livro de versos.

Ouvindo os conselhos do Presidente de honra do «Centro Mattogrossense de Letras» offerece-nos, o poeta, um livro que podemos dizer nosso.

Os motivos historicos de Matto Grosso, os quadros pinturescos dos nossos campos, as nossas varzeas infindas, as nossas florinhas silvestres, a impo-

nencia das nossas serras, o soluçar monotono dos nossos rios, ora espraiando-se pelos campos proximos no furor das enchentes, ora calmos e silenciosos beijando as alvas areias das praias, tudo elle nos canta com o poder descriptivo do seu talento de es-cól.

«Terra do berço» é um livro que merece lido.

T. Gautier, um dos coripheus do parnasianismo, definiu o poeta do seguinte modo: «Le poète est un clavecin et n'est rien plus. Chaque idée qui passe pose son doigt sur une touche: la touche résonne et donne sa note, voilà tout».

E' bem o programma da escola parnasiana que tantos admiradores conquistou, tendo como representante maximo no Brasil a figura inconfundivel do grande poeta Alberto de Oliveira.

A fôrma substituindo o sentimento, na arte, levava os nossos poetas ao *prazer das syllabas sonoras* de que nos falla Ronald de Carvalho, a um culto exagerado de vocabulos excetricos, a um encadear exuberante de rimas raras que prejudicavam a sinceridade quando não sacrificavam o proprio pensamento do poeta.

Dahi a impassibilidade e a frieza que se notavam em suas poesias que fallavam mais ao ouvido que ao coração.

Desprezando todas as bellezas que nos pertenciam, iam elles, lyra em punho, entoar os seus hymnos de amor a todas as bellezas da antiguidade classica, revivendo todas as pompas do culto pagão e beber capitosos vinhos em cyatos dourados, reclinados nos braços alabastrinos de Aphroditas nuas.

José de Mesquita pagou o seu tributo a essa escola em o seu primeiro livro de versos.

Bem andou pois D. Aquino, observando que como Alberto de Oliveira que começara «cantando as deusas e os mythos helenicos para acabar namorando as aguas, as flores e a toda

belleza nacional do Parahyba, Mesquita, depois dos primeiros entusiasmos em que reclamava para si a ascendência espiritual da Grécia, canta hoje as «terras ancestraes» e a «terra do berço».

Não só nos temas de suas composições se nota a afinidade espiritual do poeta mattogrossense com o autor das «Meridionaes» e «Livro de Emma». Até a fama de «impassibilidade e frieza» que pairava sobre este poeta, grangeou-a o vate mattogrossense com a publicidade do seu primeiro livro.

Como Alberto de Oliveira que desprezando depois o malabarismo de linguagem, tão ao gosto dos parnasianos, tornou a poesia uma perfeição de forma, uma joia de fino labor, em que se casavam com a perfeição artística, a emoção e o sentimento, Mesquita depois das «Poesias» em que nos deixou uma impressão mais forte do seu parnasianismo, apresenta-se - nos agora despido da preocupação vocabular, um emotivo delicado e harmonioso.

Numa simplicidade elegante e atrahente revela-nos toda a candura da sua alma de um pantheista sadio e sincero.

Apezar de não se poder estabelecer os lindes existentes entre a arte e o sentimento, afigura-se-nos, entretanto, que, em «Terra do berço», o autor vibrou com mais entusiasmo, com mais intensidade as cordas da alma, percorrendo todas as gamas emotivas do seu coração de poeta.

Não possuindo a viveza e o estro necessários ao genero epico, a força de talento conseguiu levar a bom termo a tarefa que se impoz.

«O novo bandeirante», «Antonio João», são bellas poesias, onde, se admira mais o pantheista de folego, o descriptivo vigoroso, a quem um raio de sol dourando a fimbria do horizonte, um rio escachoando, um passarinho que esvoaça, tudo é motivo para despertar-lhe o entusiasmo que o proprio heroe não conseguira despertar.

Nos symbolos, «a garça» é um mimo de sentimento e delicadeza. Gar-

ret não teria chorado a perda das suas azas brancas, tão brancas, que o levavam aos céos e que se mancharam na lama impura da vida terrena se conhecesse «a garça» do poeta que em meio o pantanal de aguas escuras

*Passa e no limo abjecto e na vaza asquerosa
Não se lhe mancha o alvor e a candidez das penas*

*Pois no vôo subtil desliza, donairoza,
Sobre as aguas de lodo e de impureza plenas.*

*Alma de poeta, se qual a garça voando
Sobre o vil atascal e sobre a lama impura,
Olhos postos no azul, no ether sereno e brando...*

*Conserva teu ideal, tua illusão querida,
E não turves jamais das azas a brancura,
No sordido paul das torpesas da vida...*

Onde a lyra do poeta, porem, achou-se mais a vontade foi na parte destinada a Matto-Grosso pinturesco. A sua poesia ahi tem um aroma campesino que nos delicia e encanta.

«Angelus do sertão», «Flor do matto», «Caipirinha», «Missa das cinco» são poesias que se não desdenhariam de assignal-as os melhores poetas brasileiros.

Nas scenas domesticas e descripção, Mesquita é um digno emulo do poeta dos Chromos:

6 Samba

*Ha festa pelo sitio. A casa regorgita
de gente que abalou de toda a cercania,
Vai por tudo um rumor de risos e a alegria
A todos, da senzala á sala grande, agita.*

*Na cozinha o pessoal alvoroçado grita,
enquanto o leitão gordo assando ao forno chita.
Sinhá Grande ao provar o prato de ambrosia,
Sem notar, sapecou seu vestido de chita.*

*Acabado o jantar, a meiga Sinhásinha
vai as moças chamar para brincar de prendas...
Vêm latidos de cães da fazenda visinha,*

*E uma cabocla dança o samba, no terreiro,
erguendo a saia azul de babados de rendas,
requebrando os quadris no passinho ligeiro...*

Um quadro simples como esse, elle nos pinta um medalhão movimentado, cheio de uma graça deliciosa e encantadora.

«Bilhete da chacara» é de uma delicadeza e simplicidade que fascina:

*A vida que levo aqui
nesta chacara é tão calma
que não sinto peso n'alma
senão saudades de ti*

E logo adiante

*Avos prorompem em gritos
pelas arvores visinhas
e cacarejam gallinhas
na ampla sala de visitas...*

Emfim «Terra do berço» está cheio de bellezas que superam os defeitos que porventura existam.

José de Mesquita é, sem duvida, um dos melhores, senão o melhor dos nossos poetas, e o «Centro Mattogrosso de Letras» está de parabens por essa demonstração tão brilhante da sua vitalidade.

Cuiabá, 18—10—927.

Aluizio Dinarte

Serras e pantanaes

—Lamartine Mendes—

Quero sêr o primeiro a falar do livro de estrêa de Lamartine F. Mendes — SERRAS E PANTANAES— que acaba de sahir em S. Paulo e cujos primeiros exemplares chegaram a Cuiabá pelo ultimo correio. A Lamartine, de longuissima data, me unem mais que esses laços de estima que a cortezia social e chrisma de amizade, uma verdadeira afinidade mental de gosto e sentimento literarios, estabelecendo entre nós, desde os bons tempos academicos—que longe lá vão elles! —una confraternidade bastante estreita, que é a da intelligencia, mas é tambem a do coração. Irmãos d'armas na carreira das letras, juntos fundamos o «Centro» que ahí está, mau grado as carantonhas pessimistas e zombeteiras com que foi recebido. Estou a ver-lhe o carinho e entusiasmo revelados a quando da organização dos Estatutos. Em nossa casa, reunimo-nos os tres elaboradores do plano inicial—Barbosa, Lamartine e eu.

Foram sessões de deixar saudades...

* Lançavamos a semente benefica, no terreno até ahí considerado esteril e sáfaro. Ella, graças a Deus, abro-

lhou, cresceu, floriu e fructeceu!

Agora é mais um fructo opimo e sadio da cultura que o Centro representa, fructo que posto nos venha da Paulicêa deslumbrante, tem todo o sabor, toda a doçura das nossas agrestes e deliciosas fructas do matto...

Quem acompanhou o talento do autor do SERRAS E PANTANAES desde a florada, nas paginas da *Revista Matto Grosso*—iniciadora e reveladora de tantas vccações belletristicas—deve sentir-se bem ao bater palmas ao apparecimento do livro, em que, aliás, Lamartine se mostra o mesmo de sempre, evoluendo-se na belleza apurada da forma, porém regionalista na escolha e desenvolvimento dos temas.

Das 35 poesias que formam o artistico volume, nem uma só deixa de versar assumptos nossos. Os titulos, de resto, as definem. E' a nossa fauna, a nossa flora, as nossas paisagens, os nossos costumes:

O Tamanduá A Chimuveira, A enchente, Domingo na roça. Vale notada a sua tendencia para tirar de temas accentuadamente objectivos—o livro é uma série de paineis—motivos philosophicos ou pessoases...Ha sonetos dignos de qualquer anthologia—*A Palmeira*, de elevada concepção, *A volta das canoas*, talvez o melhor quadro naturalista, e aquelle *Noite de estrelas*, a mais linda joia desse fino escríni-o literario. *A Tapera*, com ser das mais antigas, é das mais bem acabadas peças da obra.

Emfim, longe fôra, si assignalar quizesse as bellezas do livro de suggestivo nome—que desde a capa resum-bra á natureza virgem e linda da nossa terra. E é bem me lembre—antes que m'o façam—que esta seção é de LITERULAS: letrinhas, letras miudadas. Paro, pois, no que ahí está, fechando as impressões com um grande abraço fraternal e amigo ao velho companheiro de ideal, pela sua auspicio-sissima estrêa.

Maio, 1928

J. de M.



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos e agradecemos :

I—Livros e opusculos

Dr. José Carlos de Macedo Soares—O Brasil e a sociedade das Nações—Justiça—A Borracha.

Generoso Ponce Filho—D. Aquino Corrêa—discurso de saudação—Rio 1927.

Lamartine F. Mendes—Serras e pantanaes—poesias—S. Paulo, 1927.

Dr. Bernardino J. de Souza—Onomastica geral da geographia brasileira—Bahia, 1927.

Philippe Landes—D. Aquino—Imperialismo e protestantismo—Cuiabá, 1928

Vicente Maurans—Commentarios despretenciosos sobre a organização judiciaria—Aquidauana, 1928.

Augusto Cavalcanti—O assalto do Castello e o Barão normando—Cuiabá, 1928

Orestes Miraglia—A Gota Misteriosa e—a Moacir de Almeida—Cuiabá—1928.

II—Revistas

Revista da Academia Brasileira de Letras—nos. 71 a 78

A Violeta—orgão do gremio Julia Lopes

III—Jornaes

A Tribuna—	{	de Corumbá
A Cidade—		
Correio do Sul	{	de Campo Grande
Jornal do Commercio		
A Noticia	{	de Tres Lagôas
Gazeta de Commercio		
A Razão—de Caceres	{	de Cuiabá
Gazeta Official		
Matto-Grosso		
O Democrata		
A Cruz		
A Semana		
O Pequeno Mensageiro		
O Ferrão		
A Penna Evangelica		



COMPREM

NOS

ARMAZENS ARMINDO DE MATTOS

Cuiabá



Irmãos Miraglia

Casa de joias e relógios
e artigos de óptica
Officinas de relojoeiro
e ourives.

Bolsas de prata
Brilhantes mattogrossenses

Rua 13 de Junho 27

TELEPHONE 244

CAIXA POSTA 34

Lotufo & Irmão

Com Fabrica de beneficiar
arroz e

Casa de Ferragens,
Moveis,
Artigos Sanitarios
etc.

Rua 7 Setembro, 1

Telephone, 275

MATTO-GROSSO

CUIABÁ